



Allan Kardec

Reunião de fev/1862 na SPEE - Sociedade Parisiense de Estudos Espírita - França



CONTEXTUALIZAÇÕES

ESPIRITISTAS

QUESTÕES DOUTRINÁRIAS À LUZ DO ESPIRITISMO

Jorge Hessen

2016



Data da publicação: 05 de setembro de 2016

CAPA: Irmãos W.

REVISÃO: Irmãos W. e Jorge Hessen

PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com

São Paulo/Capital

Brasil

Dedicatórias

Conhecem-se os legítimos idealistas pelas coesas opiniões que enunciam e Jorge Hessen representa um aguerrido escritor espírita da atualidade. Através dos seus estudos e pesquisas tem o contribuído para a divulgação dos mandamentos do Cristo sob a perspectiva espírita, confortando os homens que ignoram a verdadeira finalidade da presente reencarnação.

(Irmãos W.)

Explicação preliminar

Jorge Hessen, escritor espírita, analisa temas da atualidade tendo como objetivo a difusão da Doutrina Espírita, destacando na medida do possível os ditames da reencarnação e da imortalidade da alma.

Seus artigos sugerem melhor entendimento da vida imortal e devem ser apreciados por pessoas que não se contentam com superficialidade da vida regida pela tirania do materialismo.



"A reencarnação é, portanto, uma lei. As diversas reencarnações são etapas da existência da alma, ao mesmo tempo em que as fases das provas que são indispensáveis ao seu avanço. A cada reencarnação, o espírito revestindo de órgãos novos perde momentaneamente a lembrança de suas existências passadas - que encontrará, por outro lado intacta desde que libertado de sua prisão carnal -, mas há uma coisa que ele explica, ou antes, que seu perispírito implica e conserva com ele, trata-se da marca especial que constitui a sua personalidade, a impressão indelével que lhe deixaram suas qualidades e seus defeitos, seus trabalhos, suas lutas, suas provas e todas as suas aquisições anteriores."

Como dissemos acima, Paul Puvis, conhecido como o pseudônimo de Algol; foi um batalhador da primeira hora e um dos primeiros membros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas fundada por Allan Kardec.

Fontes da consulta

A Luz na Mente » Revista on line de Artigos Espíritas

<http://jorgehessen.net/>



E.mail de contacto do autor

jorgehessen@gmail.com

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO DO AUTOR (JORGE HESSEN)	07
PREFÁCIO - EM TORNO DA IMORTALIDADE (CAIRBAR SCHUTEL).....	08
O ESPIRITISMO SERÁ O SUFRÁGIO DA CIÊNCIA "CLÁSSICA" NOS LAPSOS DOS EVOS	10
HISTÓRIA DO PAE - POSTO DE ASSISTÊNCIA ESPÍRITA.....	13
ROUSTAING - O SESQUICENTENÁRIO TÃO AGUARDADO NA FEB.....	15
EXPERIÊNCIA "PRÉ-MORTE" SANCIONA IMORTALIDADE	19
O SERMÃO DAS COLINAS DE KURUN HATTIN	22
A "CARNE NUTRE A CARNE" – REFLEXÕES DE UM "ONÍVORO"	25
REVERENCIEMOS OS ANIMAIS, POIS ELES SÃO NOSSOS IRMÃOS	28
ENDINHEIRADOS, MÃOS À OBRA!	30
ESPÍRITAS! IMPOREMOS A PAZ SOCIAL.....	33
O PEDIDO DE PAUTA NA REUNIÃO ORDINÁRIA DO CFN DE 2015.....	36
AS LUZES DO "CAMINHO", PORÉM O HOMEM AINDA NÃO SE CRISTIANIZOU JORGE HESSEN	40
ANTE A CRISE DE REFUGIADOS DO MUNDO	44
O AUTOEROTISMO NUMA CONCISA CIRCUNSPECÇÃO.....	47
"SELINHOS" MUITAS VIDAS E MULTIPLOS CONFLITOS NAS AFINIDADES PARENTAIS	50
A AUTODESTRUÇÃO NUMA PRECISA ANOTAÇÃO ESPÍRITA	53
UMBANDA E ESPIRITISMO CRISTÃO NUMA AVALIAÇÃO OPORTUNA	55
BANCAR AS COBIÇAS DOS FILHOS?	59
PERANTE A ANCESTRAL DEFERÊNCIA AOS "FINADOS"	62
EVITEMOS DA SÍNDROME DO "COITADINHO"	65
DIANTE DE UM FILHO, CUJO CORPO GÉLIDO JAZ DEITADO NO CAIXÃO.....	67
AS ARENGAS SOBRE O "DE MENOR"	69
DESAMPARO AFETIVO	71
JESUS, ESPIRITISMO E AS OPERÁRIAS DIVINAS DO CRIADOR.....	74
"SELFIES" ALIENANTES	77
CENTROS ESPÍRITAS SURREAIS.....	79
ISOLAMENTO SAUDÁVEL	81
OREMOS, SABENDO QUE A OMISSÃO É A MAIOR INIMIGA DA PAZ.....	83
UM TESOURO RENOVÁVEL QUE NÃO SE PODE DESPERDIÇAR.....	85
PACTO ÁUREO?.....	87



APRESENTAÇÃO DO AUTOR

JORGE HESSEN

Jorge Luiz Hessen nasceu no antigo Estado da Guanabara, atual Rio Janeiro, no dia 18 de agosto de 1951. Vive a vida inerente àqueles que vieram ao mundo a fim de despertar para um projeto mais alto, acima dos prazeres da Terra. Teve uma infância pobre, de pais separados, com mais dois irmãos. Na juventude teve seu primeiro contato com fatos da mediunidade através de uma incorporação de seu irmão mais novo. Ficou impressionado, pois sabia que o irmão seria incapaz de dissimular um fenômeno de tal magnitude. Aquele episódio o levaria, mais tarde, a chegar às portas dos princípios codificados por Allan Kardec.

Aos 20 anos de idade ingressou, por concurso, no serviço público, onde até hoje permanece. Foi durante 5 anos diretor do INMETRO no Estado de Mato Grosso. Executou serviços profissionais junto à Universidade de Brasília, durante 4 anos, na condição de coordenador de provas práticas de concursos públicos realizados pelo CESP.

Consoiciou-se com Maria Eleusa aos 26 anos de idade. É pai de quatro filhos, sendo uma das filhas (a mais velha) portadora de lesão cerebral. Na maturidade da vida teve oportunidade de fazer cursos superiores. Possui a Licenciatura de História e Geografia pelo UniCEUB (Centro Universitário de Brasília).

Sua vida espírita nesses mais de 30 anos de Doutrina perfez conteúdos de muitas faculdades. Participou da fundação de alguns centros espíritas em Brasília e Cuiabá-MT, onde teve publicado, em 1991, o livro "Praeiro - Peregrino da Terra do Pantanal". Começou seu trabalho de divulgação ainda jovem em todo DF. Engajou como articulista espírita, tornando-se sólido esse fato em Cuiabá, quando publicava "Luz na Mente", um periódico que veio satisfazer o seu ideal na Divulgação Espírita.

Foi redator e diretor do Jornal "União da Federação Espírita" do DF. Vinculado a vários órgãos divulgadores da Doutrina Espírita, a exemplo de "Reformador" da FEB, "O Espírita" do DF, "O Médiun" de Juiz de Fora/MG e palestrante nos mais diferentes lugares de DF, tem a oportunidade de levar a mensagem espírita às cidades próximas de Brasília, como Anápolis, Cidade Ocidental e outras.

Sua diretriz inabalável continua sendo o compromisso de fidelidade a Jesus e a Kardec.

Maria Eleusa de Castro (esposa de Jorge Hessen)

PREFÁCIO



EM TORNO DA IMORTALIDADE

Quando Allan Kardec fundou a Sociedade Espírita de Paris, e em seguida "La Revue Spirite" - a "Revista Espírita", que já completou 79 anos de existência, o grande prelado francês, Abade Marouzeau, escreveu-lhe uma carta na qual se salienta o seguinte trecho:

- *"Mostrai ao homem que ele é imortal: Nada vos pode melhor secundar nessa nobre tarefa do que a constatação dos Espíritos do Além-Túmulo e as suas manifestações. Só assim vireis em auxílio da Religião, empenhando ao seu lado os combates de Deus"*

Quão inspirado estava esse homem, e como ele se achava assistido pelo Espírito Santo, ao traçar tão sábias linhas!

O que seria a Religião sem a imortalidade?!

A Imortalidade da alma é à base de todos os grandes e nobres ideais. Ciência, Virtude, Filosofia, Moral, tudo o que harmoniza e exalta, tudo o que vivifica e enaltece, sem a Imortalidade é o mesmo que um dia sem sol, que uma noite sem estrelas.

A imortalidade é a luz do nosso ideal, é a hercúlea constelação das nossas mais nobres aspirações, dos nossos mais justos desejos, é o fundamento e a cúpula do edifício de toda a Religião e de todo o Saber, é a senda que nos conduz, de ascensão em ascensão, para estágios mais prósperos, mais belos e mais felizes, numa contínua aproximação a Deus.

Mas vós me perguntareis: - *"Porventura as religiões existentes, não pregam a Imortalidade? Elas não nos dizem que a alma tem que dar contas a Deus do seu procedimento na Terra?"*

Dizem sim, meus ouvintes, mas se escusam de nos fornecer as provas que solicitamos. E na hora atual, neste século de progresso e de grandes perturbações físicas e morais, em que o homem se tornou o lobo do homem, em que as chacinas se multiplicam, a fé na imortalidade parece quase extinta do coração humano, e, como disse o filósofo: "Os fiéis lançam nos túmulos os seus mortos, e com as marteladas a pregar o esquife, a dúvida sombria lhes pesa na alma e a constringe", são necessárias, essas provas, para deterem o ímpeto do ímpio, e torná-lo mais humilde e fraterno, mais fortalecido e consolado.

De outro lado às doutrinas materialistas tudo têm solapado. A ciência oficial diz que "o homem não passa de um agregado de células, que se extingue com a morte."

No combate aos dogmas e artigos de fé, decretados pelas Igrejas, os filósofos e sábios materialistas, conseguiram abalar o edifício religioso e estabelecer a

desconfiança e até a descrença nas massas, que por falta de um cultivo espiritual não puderam reagir contra a derrocada.

Depois que Karl Vogt afirmou que o pensamento era uma secreção do cérebro, e Leucipe e Epicuro, que a alma era incapaz de sobreviver à morte do corpo; - depois que Locke, Condillac, Helvetius, assim como Buckner, Moleschot e Hoeckel, apresentaram suas doutrinas ao mundo, a treva se fez entre a humanidade. E não valeram os trabalhos substanciosos de Aristóteles, o príncipe dos filósofos, de S. Tomas de Aquino, o anjo da escola, e os de Descartes, o grande fundador da doutrina cartesiana; a onda niilista se avolumava cada vez mais.

Foi em tais conjunturas que se fizeram sentir no nosso mundo, as manifestações espíritas; os "mortos" começaram a falar ostensivamente em toda a parte, para nos provar que aqueles príncipes da ciência materialista, aplaudidos pelos homens intelectuais de então, se haviam acertado em alguns pontos da verdade, estavam em erro na parte referente à constituição humana e o nosso destino depois da morte. O que a doutrina filosófica dos Espiritualistas não pôde fazer, os que chamamos "mortos" vieram fazer por meio de fenômenos, por meio de fatos irrefragáveis, inconcussos que ninguém pode negar.

Foi assim que teve início no nosso planeta, a Era Espírita, o erguimento da Religião pelos fatos, a reivindicação do Cristianismo pelos fatos, pela aparição e comunicação dos chamados "mortos".

Esses fatos, como disse, verificados em todos os países e observados por homens de todas as classes sociais, comparados com os fenômenos ocorridos em tempos idos e relatados na história de todos os povos, provam à saciedade, que o homem não termina no túmulo, e que - "se este, como disse Victor Hugo, é o crepúsculo de uma vida, é também a aurora de outra."

As demonstrações espíritas da sobrevivência, pelas aparições e comunicações dos Espíritos, aparecem sob todos os aspectos para que fique claramente elucidado - "não ser a alma humana uma coisa vaga, abstrata, mas sim um ser concreto, possuindo um organismo físico perfeitamente delimitado, portador de todas as aquisições morais e intelectuais, e dotado dos atributos necessários às demonstrações da ciência e da moral, principais insígnias da civilização e do progresso."

Que outras provas podemos exigir da imortalidade dos nossos parentes e amigos, senão que eles próprios venham nos trazer sua ficha de identidade? Que outros testemunhos lhes podemos pedir, senão que falem, cantem, sorriem, como faziam quando se achavam conosco?

Pois bem, essas provas positivas da existência da alma depois da morte, nós as temos, graças à nova ciência que se chama: Espiritismo.

Cairbar Schutel - Terceira Conferência - A 17 de setembro de 1936



O ESPIRITISMO SERÁ O SUFRÁGIO DA CIÊNCIA "CLÁSSICA" NOS LAPSOS DOS EVOS

Jorge Hessen

Recentemente, uma notícia causou grande entusiasmo no mundo científico. Pesquisadores da Organização Europeia para a Pesquisa NUCLEAR – CERN [1], o maior laboratório de física de partículas do mundo [2], anunciaram a constatação do Bóson de Higgs, alcunhado como "partícula de Deus", na presunção de que seria a matriz, a energia primordial que deu origem ao universo material existente no Cosmo.

Historicamente, há algumas descobertas científicas que levaram o ser humano a experimentar, pelo menos três grandes golpes na autoestima, segundo proferia Sigmund Freud; o primeiro baque foi quando Copérnico afirmou que a Terra não era o centro do Universo. O segundo foi quando Darwin transformou o homo sapiens em tão-somente mais um animal sobrevivente da seleção natural. O terceiro desapontamento foi quando o "pai da psicanálise" sugeriu que o homem não era senhor nem mesmo de seus atos, governados, na verdade, por impulsos inconscientes.

Ainda que sob o tacão do materialismo reconhecemos que a ciência desvenda fenômenos admiráveis. O homem chegou ao raio laser, através de técnica que permite as partículas de luz (fótons) concentradas sejam emitidas em forma de um feixe contínuo. A proeza foi criada em 1960 por Theodore Maiman. Desde então, o laser evoluiu e hoje em dia é empregado nos centros cirúrgicos, industriais, salas de aula, impressoras, leitores de código de barras, de cd's e dvd's, corte e solda de metais, remoção de tatuagem, cirurgia ocular, uso militar e espacial (já foram usados para medir a distância entre a Terra e a Lua), etc., etc.

Cientistas da Universidade de Osaka, no Japão, testaram recentemente um novo laser que seria capaz de desintegrar o nosso planeta. A potência do laser LFEX é de 2 pentawatts. Para se ter uma ideia, um pentawatt (PW) é 1015 watts, o que seria mil terawatts ou um quatrilhão de watts. Apenas um pentawatt corresponde a 30 mil vezes a demanda diária de energia elétrica do nordeste brasileiro. Diante de tamanha potência, no teste realizado, o laser foi disparado durante um picossegundo, que equivale a um trilionésimo de segundo, visando não oferecer qualquer tipo de risco. O objetivo principal do experimento é aprimorar as técnicas médicas e industriais com uso de laser. Mas, apesar do sucesso na experiência, o laser preocupa cientistas devido à

possibilidade de ser usado para o desenvolvimento de armas de destruição em massa. [3]

Sem profetismos, cremos que em menos meio século o ser humano poderá passar por uma quarta lesão “narcísica” (baque na autoestima como dizia Freud, diante dos históricos golpes da revolução científica). E ela virá pela astrofísica, sobretudo quando o homem realizar viagens interplanetárias. Estimativas, baseadas em dados concretos da sonda espacial “Kepler”, são de que há muitos mundos em condições de abrigar vida biológica para cada estrela análoga ao Sol.

Mas, uma questão que permanece em aberto é a característica de vida que pode ter surgido em outras esquinas do Universo, adverte Ansgar Reiners, professor de astrofísica na Universidade de Göttingen, na Alemanha. O pesquisador diz que devem existir muitos lugares fora da Terra onde processos biológicos estão acontecendo, mas não sabemos se há formas de vida complexas como a terrena (plantas, mamíferos e/ou inteligência). Essa questão permanece uma questão totalmente aberta, ainda não sabemos o suficiente sobre o ambiente de outros planetas.

Na esperança de localizar vidas noutros orbes, a NASA já tem projetos para levar humanos para Marte, por exemplo. Ficção? Merchandising trapaceiro? Será que podemos duvidar da idoneidade científica? Presumindo ou não, o desenhista-industrial Mark Rademaker e o cientista da NASA Harold White apresentaram o projeto de uma nave espacial capaz de transportar pessoas pelo universo a uma velocidade superior à velocidade da luz.[4] White é um físico que passou anos para conseguir obter a velocidade da luz das naves espaciais. Em 2011, ele publicou um relatório em que apresentou, pela primeira vez, o conceito de movimento com velocidade superluminal [5]. Agora, a sua equipe apresentou o projeto da nave que incorpora este conceito.

Quando se trata de viagens interestelares, devido às grandes distâncias envolvidas, a única solução viável para se chegar a outros planetas e estrelas é um método de transporte que viaje próximo ou mais rápido do que a velocidade da luz. O sistema estelar mais próximo, Alpha Centauri, está a pouco mais de quatro anos-luz de distância – a uma velocidade de 62136 km/h (a velocidade na qual a Voyager-1 voa através do espaço), uma nave espacial levaria cerca de 67 mil anos para chegar lá. [6]

Será possível o homem construir tais “carros voadores”? Há evidências, pelos menos nos relatos de testemunhas, que irmãos de outras instâncias da “Casa do Pai” já alcançaram construir tais máquinas voadoras de propulsão completamente desconhecida e têm insistentemente abeirados da Terra conforme narrativas de avistamentos de supostos “ovnis”. Será possível?

Assestando aqui a nossa prosa para o universo espírita, reconhecemos que a despeito de toda sabedoria humana, infelizmente a ciência tão-somente estuda a natureza do micro e do macro cosmo numa perspectiva materialista. Em face disso a realidade do homem espiritual não tem sido do campo da ciência “oficial” e nem objeto de suas investigações. Até mesmo a filosofia tem formulado,

teses contraditórias, que vão desde a mais pura espiritualidade, até o materialismo e ateísmo, sem outras bases, senão as ideias pessoais dos seus teóricos.

Até quando a ciência “clássica” e a filosofia academicista vão deixar sem resposta os mecanismos do mundo espiritual? Sem a coparticipação dos princípios espíritas, apesar das conquistas científicas, os senhores dos laboratórios continuarão sem saber donde vieram e para onde irão, se já viveram e se ainda viverão noutras reencarnações e qual sua sorte após a morte física. No futuro, sem sombra de dúvida, com o sustentáculo da revelação espírita a ciência esquadrinhará todos os universos possíveis.

Aguardemos pois o tempo, apesar de ser o tempo um tirano criterioso, porém, o tempo é sempre senhor da razão! ...

Notas e referências bibliográficas:

[1] Antigo acrônimo para Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire

[2] Localizado em Meyrin, na região em Genebra, na fronteira Franco-Suíça

[3] Pesquisadores da Universidade de Illinois, garante que um laser de tamanha potência pode explodir o planeta em questão de segundos.

[4] Disponível em

http://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2014_06_14/NASA-publica-projeto-de-nave-capaz-de-viajar-mais-r-pido-que-a-luz-v-deo-6785/
acesso em 08/08/2015

[5] Há uma variedade de sistemas de propulsão propostos, como propulsores de íons, mas nenhum deles realmente se aproxima das velocidades necessárias para permitir a exploração de outros planetas em menos de alguns milhares de anos. Motores de dobra, enquanto a anos de distância de até mesmo testes em pequena escala – se eles forem mesmo possíveis – são uma das poucas exceções que permitem viagens espaciais dentro do tempo de uma vida humana. Alguns cientistas descobriram com um experimento denominado Efeito Casimir, onde as chamadas partículas virtuais presentes no vácuo quântico ajudariam a contrair e expandir o espaço. Em um experimento onde duas placas de metais são colocadas lado a lado, as partículas virtuais expandem o espaço em volta da placa e contraem o espaço interno entre as placas. Com este fato poder-se-ia criar um motor de dobra espacial. Para tanto bastaria aproveitar as partículas virtuais presentes no vácuo quântico. Um motor de dobra espacial absorveria partículas virtuais encolhendo o espaço a frente e expeliria partículas virtuais atrás expandindo o espaço atrás.

[6] Disponível em <http://www.universoracionalista.org/tag/superluminal/>
acesso 08/08/2015



HISTÓRIA DO PAE - POSTO DE ASSISTÊNCIA ESPÍRITA

No dia 20 de janeiro de 1975, estavam reunidos numa pizzaria, na Asa Norte de Brasília, os irmãos Carlos Augusto, Jorge Hessen e Wilson Barbosa, durante a conversa aventou-se a possibilidade da fundação de um centro espírita na cidade de Ceilândia. A ideia surgiu porque à época os companheiros Amaro Raimundo, Jorge Hessen,, Wilson Barbosa e Wilaldo Petroskosk, realizavam, na região, um serviço social de recuperação de barracos junto às muitas famílias carentes, enquanto Carlos Augusto administrava a Casa de Ismael. A sugestão da instituição brotou sob os argumentos de que a construção de um centro espírita na região aproximaria o grupo materialmente dos necessitados e possibilitaria ampliação das tarefas principalmente através da evangelização dos filhos e dos próprios assistidos.

Há 39 anos, naquela peculiar reunião, era lançada a semente do PAE e o entusiasmo assumiu o bom ânimo dos três vanguardeiros cristãos, ambos sentindo-se envolvidos pelo auxílio dos Benfeitores. O projeto do trio, portanto, era a semeadura da Verdade Espírita sob os auspícios de Jesus entre os irmãos deserdados. O grupo não dispunha de recursos financeiros para a execução imediata do projeto, em razão disso, Wilson sugeriu que nos aproximássemos de uma instituição já existente, dessa forma poderíamos colaborar com a casa espírita da região, ao mesmo tempo ganharíamos maior experiência; até porque a semente do PAE estava lançada e no momento exato iria germinar com as bênçãos dos Benfeitores.

A sugestão foi bem acolhida pelo grupo. Logo após a reunião teve-se notícia sobre a existência do Centro Espírita Boa Árvore. Por essa razão, Wilson Barbosa e Jorge Hessen se deslocaram da Comunhão Espirita de Brasília, num domingo pela manhã e rumaram para Ceilândia. Chegaram ao C.E Boa Árvore e encontraram o companheiro João Alves da Costa, então presidente da instituição. João ficou bastante animado quando foi-lhe exposto o nosso intuito de ajudá-lo, afirmando que suas preces haviam sido atendidas, pois a casa necessitava de trabalhadores.

Iniciamos em parceria com o “Boa Árvore” a evangelização infantil e palestras para os adultos. Muitos irmãos se uniram ao grupo nesse primeiro momento. Os trabalhadores da primeira hora foram além dos confrades Carlo Augusto, Jorge Hessen, Wilson Barbosa, juntaram ao grupo Eli Machado da Silveira, João Batista Cavalcante Araújo, Glória Maria Andrade Cavalcante Araújo, Aldeci Carvalho de São José, Edmundo Montalvão, Wilaldo Petrocoski dos Santos, Rosângela Rodrigues Melo. O trabalho cresceu e em pouco tempo seria iniciado

o serviço de atendimento médico com dois especialistas, que se juntariam ao grupo. E assim novos irmãos foram chegando.

Com o crescimento do grupo, sentíamos a necessidade de deixar crescer e florescer a ideia inicial da fundação do PAE. Ficamos mais de dois anos com os irmãos da Ceilândia até decidirmos buscar juntos à Terracap a adquirir um lote para iniciarmos as novas atividades. Fomos convidados a sair do Boa Árvore e passamos a nos reunir da residência da D. Carmelita (ex-caseira) e na residência da Rosângela e por fim nos reunimos no domicílio do irmão Carlos Augusto, em Sobradinho, com a presença de todos os trabalhadores, para enfim, no dia 27 de fevereiro de 1977, fundar o PAE – Posto de Assistência Espírita, nome e sigla sugeridos por Jorge Hessen e aprovado por unanimidade.

A primeira diretoria ficou assim constituída: - Presidente: João Alves da Costa; - Vice-Presidente: Jorge Hessen; - Secretário: Wilson dos Reis Barbosa; - Tesoureiro: Wilaldo Petrocoski dos Santos; - Bibliotecária: Maria da Conceição Paiva Melo; - Conselho Fiscal: Eli Machado da Silveira, Edmundo Montalvão e Amaro Raimundo dos Santos.

Ocupamos a área de 1200 m², localizada QNM 40, Área Especial 02 – Taguatinga Norte, comprado junto à Terracap por de retrovenda, isto é, era preciso construir os prédios no prazo de no máximo 3 anos. Carlos Augusto, Jorge Hessen, Wilson Barbosa, João Alves e Eli Silveira e Amaro Raimundo elaboraram os projetos arquitetônicos e posteriormente foi iniciada as obras de construção.

Foram realizados muitos almoços fraternos, e exibição de filmes infantis no cine Karim para arrecadação dos recursos, porém, durante a edificação dos prédios, não se estava conseguindo cumprir o cronograma pactuado junto à Terracap, motivo pelo qual o lote deveria ser devolvido ao governo. Por esse motivo Jorge Hessen decidiu fazer uma campanha junto ao Presidente da FEDF, Paulo de Carvalho e do Professor da UnB José Jorge e ambos fizeram uma rateio junto aos servidores do Senado Federal e conseguiram os recursos financeiros para o término dos blocos inacabados.

Logo após garantir os recursos para término da obra, Jorge Hessen conseguiu outra dádiva divina para o PAE. Em conversa com sua amiga Higínia, uma espanhola muito querida, ficou sabendo de uma robusta doação do Cônsul do Uruguai destinada ao C.Espírita "X". Jorge convenceu sua amiga a intervir para dividir tal doação com o PAE e logrou êxito. Com os recursos doados pelo Consul uruguaio, Jorge, então tesoureiro do PAE, foi pessoalmente à Terracap e recebeu a documentação de quitação definitiva do saldo devedor da área especial número 2 da QNM 40 Área Especial.



ROUSTAING - O SESQUICENTENÁRIO TÃO AGUARDADO NA FEB

Jorge Hessen

Um confrade muito querido sugeriu-me escrever sobre a revista Reformador, estabelecendo um paralelo entre a elevação dos conteúdos doutrinários veiculados no passado remoto, e a atual insipidez doutrinária e excesso de fotografias de dirigentes publicadas nas suas páginas.

Outro companheiro informou-me que a FEB – Federação Espírita Brasileira está preparando o lançamento (previsto para o mês de junho de 2016) da nova edição dos “Quatro Evangelhos”, almejando a submissão comemorativa aos 150 anos de lançamento do livro de J.B. Roustaing. Desta forma, telefonei para o departamento editorial da FEB e foi confirmado o tal lançamento, por isso mesmo, deliberei antecipar um manifesto de alerta em face da augurada reedição das obras que representam a ruptura de união ente os espíritas no Brasil.

Percorrendo determinadas narrativas sobre a história da revista Reformador inteiramo-nos de que ela foi fundada em 21/1/1883 por Augusto Elias da Silva, um fotógrafo português, num corajoso empreendimento de difusão espírita no Brasil do século XIX. Isto porque, fundar e conservar um órgão de propaganda espírita, na Corte do Brasil era, naquele período, para esmorecer o ânimo dos espíritas mais resolutos. Uma vez que dos púlpitos brasileiros, principalmente dos da Capital, choviam anátemas sobre os espíritas, os novos hereges que cumpria abater.

Escreveu o fotógrafo lusitano o seguinte: "Abre caminho, saudando os homens do presente que também o foram do passado e ainda hão de ser os do futuro, mais um batalhador da paz: o "Reformador". Com essas palavras inaugurais apresentava-se, no Brasil o novo órgão da divulgação espírita. "[1]

O artigo de fundo do primeiro número traçava as diretrizes de paz e progresso pelos quais se nortearia o informativo, definindo ainda os objetivos que tinha em vista alcançar. Apresentou-se, portanto, o "Reformador" como mais um semeador da paz, apetrechado da tolerância e da fraternidade, desfraldando a bandeira da presumível “união” entre os espíritas. Ótimo!

Até 1888 a redação do periódico funcionou (no ateliê) montado na residência do Elias da Silva. Era um jornal quinzenal composto de quatro páginas e estima-se que sua tiragem inicial era de aproximadamente 300 exemplares, contando com cerca de uma centena de assinantes. A partir de 1902 passou ao formato de revista, inicialmente com 20 páginas e periodicidade bimestral. Na década de 1930 passou a ser mensal, e o número de páginas aumentou

gradativamente. Em 1939, a FEB adquiriu e instalou as máquinas impressoras próprias, nas dependências dos fundos do prédio da Avenida Passos. Foi uma decisiva empreitada e graças a essa providência, as edições e reedições de livros espíritas e da revista começaram sua expansão.

Em seguida, com a instalação do complexo gráfico, em 1948, em amplo edifício (atualmente abandonado, arrasado e falido) especialmente construído em São Cristóvão/Rio de Janeiro, a FEB acresceu a propaganda doutrinária. Paradoxalmente, na década de 1970 a FEB "modernizou" as impressões de Reformador com as capas coloridas, substituindo inclusive o logotipo e desenho, mas a Revista tomou novo rumo gráfico oferecendo gigantescos espaços de proeminência para as imodestas imagens (fotos) dos diretores febianos.

Apesar de ser um dos quatro periódicos surgidos no Rio de Janeiro, de 1808 a 1889, que sobreviveram até os dias atuais e o único que nunca teve interrompida sua publicação, todavia diversas vezes desviou-se do programa de estudar, difundir e propagar a legítima Doutrina dos Espíritos sob o seu tríplice aspecto (científico-filosófico-religioso), sobretudo durante a coordenação do editor Luciano dos Anjos.

Em verdade, tudo tem matrizes nos eternos diretores roustanguistas que ininterruptamente (há mais de 100 anos) se revezam na direção da FEB até os dias atuais. Nesse confuso cenário foram infligidos e cedidos espaços fadigosos do periódico a fim de veicular as burlescas teses da metempsicose consubstanciada nos "criptógamos carnudos" (involução), do neo-docetismo [2] consoante propostos nas obras do visionário J.B. Roustaing, um "após(tolo)" da discórdia!

Nos capítulos 14 e 15 de "A Gênese" Allan Kardec aniquila as teses do enfadonho livro de Roustaing. E mais, na Revista Espírita, Junho de 1868 – Os Evangelhos Explicados. [...] Kardec escreve: "O autor [Roustaing] desta nova obra julgou dever seguir um outro caminho. Em vez de proceder por gradação, quis atingir o fim de um salto. Assim, tratou certas questões que não tínhamos julgado oportuno abordar ainda e das quais, por consequência, lhe deixamos a responsabilidade, como aos espíritos que as comentaram.

Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais dos espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas e que, em todo o caso, necessitam da sanção do controle universal, e, até mais ampla confirmação, não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita."

Se fossem mais prudentes reprovariam o que Roustaing, afirma na sua ÚNICA obra literária (Os Quatros Evangelhos), no III Volume, na pág. 65 e 66 dizendo que "A Igreja católica terá a sua verdadeira significação, pois que ela estará em via de tornar-se universal, como sendo a Igreja do Cristo, o chefe da Igreja católica, dizemos, será um dos principais pilares do edifício. Quando o virdes, cheio de humildade, cingido de uma corda e trazendo na mão o cajado do viajante, podereis dizer: "Começam a despontar os rebentos da figueira; vem

próximo o estio". E pelo que sei, desde a primeira edição já são mais de 15 milhões de exemplares publicados pela FEB citando tais sandices..

A trajetória centenária do Reformador se confunde com a própria história do quartel-general de J.B.Roustaing, a FEB, da qual tem sido a porta-voz e a representação do seu pensamento. Confrades que não rezam pela cartilha roustanguista, embora sejam coordenadores de uma ou outra área doutrinária da FEB (baixo clero), jamais alcançaram lograr maiores destaques administrativos, sendo "aceitos" de esguelha pelos poderosos diretores (alto clero), todos fanáticos pelo advogado de Bordeaux.

A revista Reformador, não raro, expressou várias vezes uma linha editorial e diretrizes a serviço do Evangelho à maneira sorrateira dos fastidiosos volumes dos "Quatro Evangelhos" de Roustaing, tal como ocorreu na presidência do Armando de Assis. Destaque-se que os quatro volumes de Roustaing são estudados sistematicamente nas reuniões públicas realizadas todas as terças feiras na sede da FEB, em Brasília e na sucursal febiana, sediada na Av. Passos-Rio de Janeiro, e isto diz tudo.

A FEB e UNICAMENTE ELA sucessivamente esteve na dianteira em defesa do roustanguismo. Nessa linha de contra-senso, tem expressado sempre a prevalência das suas verdades docetistas, embaralhadas e camuflada atrás da boa literatura do Chico Xavier e dos clássicos que edita. A FEB acredita que conseguirá catalisar a "unificação" e a unidade da Doutrina; mas em realidade, sempre sucederam e sobrevirão as dissidências (internas e externas) resultantes dos sofismas de princípios insustentáveis pela racionalidade kardeciana.

Para a consubstanciação do projeto da disseminação do docetismo, há mais de um século a FEB vem catequisando à socapa alguns confrades ingênuos. Na volúpia insuperável das interpretações equivocadas dos eternos fascinados pelos "Quatro evangelhos" vai transformando o caleidoscópico Movimento Espírita Brasileiro numa desordem ideológica sem precedentes inspirados nos vaporosos pilares dos engodos dos Quatro Evangelhos.

Com Roustaing narcotizando a mente do alto clero febiano será empreita impraticável evitar a dispersão sistemática e generalizada cada vez mais acentuada dos espíritas, em caminho de desintegração, por força de interferências obsessivas em nível de fascinação. Se a unidade doutrinária foi a única e derradeira divisa de Allan Kardec para o fortalecimento do Espiritismo, a união deve ser a fortaleza inexpugnável da Doutrina Espírita. Em verdade a FEB não conseguiu avançar coisa nenhuma nesse quesito de união entre os espíritas, justamente por que se deixou abater diante dos embustes docetistas, e de outras aberrações doutrinárias contidas na obra do bordelense, razão suficiente para não lograr a unificação, pois desconhece o poderoso antídoto contra os venenos das discórdias e desuniões, a coerência legada pelas obras codificadas por Allan Kardec.

Herculano Pires na sua sapiência ponderava: "Em os Quatro Evangelhos as verdades são sempre contrariadas pelas mentiras, o natural é prejudicado pelo

absurdo e o belo é sempre desfigurado pelo horrível. Jesus é fluidificado, purificado e até endeusado; mas também é ironizado, ridicularizado, deturpado e estupificado"! "Roustaing é o anti-Kardec. Se Kardec é o bom senso, Roustaing é a falta de bom senso". [3]

Queira Deus que no futuro não distante ressurja o ideário da concepção e fundação de uma CONFEDERAÇÃO ESPÍRITA no Brasil (sem Roustaing, óbvio!)

Referências:

[1] disponível em <http://febnet.org.br/site/conheca.php?SecPad=3&Sec=188> acesso em 13/04/2016

[2] Os gnósticos-docetas do primeiro século sustentavam que Jesus não tinha realidade física, que o seu corpo era apenas aparente. Sua posição contrariava as teses da encarnação do Cristo, apresentando-o como uma espécie de Deus mitológico, sob a influência das idéias helenísticas. O Docetismo exerceu grande influência em Alexandria, propagando-se a Éfeso, onde o apóstolo João instalara a sua Escola Cristã. João refutou a tese doceta como herética, pois além de não corresponder à realidade histórica, transformava o Cristo num falsário. A fábula dos docetas (como o apóstolo Paulo a classificou) apresentava-se como uma das mais estranhas desfigurações do Cristo, fornecendo elementos ricos e valiosos aos mitólogos para negarem a existência real e histórica de Jesus de Nazaré.

[3] Pires, Herculano. O Verbo e a Carne, São Paulo: Ed Paideia, 1972



EXPERIÊNCIA "PRÉ-MORTE" SANCIONA IMORTALIDADE

Jorge Hessen

Em 1998, durante uma regata, Lars Grael, iatista brasileiro, detentor de 2 medalhas olímpicas, teve 2 paradas cardíacas após sua perna direita ter sido decepada por uma lancha que o atropelou quando velejava em Vitória. Ao ter a perna amputada e perder muito sangue, Grael teve paradas cardíacas e conheceu uma experiência de quase-morte. Nas palavras do próprio Lars, "foi uma experiência muito difícil de descrever". O médico José Carlos Ramos de Oliveira, outro sobrevivente de parada cardíaca, endossa a sensação de Lars: "só quem passou por isso sabe o que é uma "experiência de quase morte". Outro caso foi o de Maria Aparecida Cavalcanti, radialista e professora universitária em São Paulo, que afirma ter passado por 3 "experiências de quase-morte". O relato abaixo se refere à segunda dessas experiências, ocorrida depois de um desastre automobilístico em Santa Catarina, em 1994.

"No momento do acidente, eu me senti tragada por um 'túnel de vento'. Fiquei flutuando no asfalto e vendo o carro capotar num barranco. Outro carro parou e 3 homens saíram dele. Um deles desceu o morro e disse: 'Tem uma mulher morta ali'. Era eu. Não tive nenhum choque ao ver o corpo – apenas lamentei, em pensamento, o que tinha sofrido. Fora do corpo, conseguia enxergar em todas as direções ao mesmo tempo. Então eu avistei 2 pessoas flutuando acima do morro. Uma delas era uma mulher morena. A outra, com silhueta de um homem alto, me pareceu conhecida – apesar de ser transparente. A moça esticou o braço direito e disse, sem mexer a boca: 'tenha calma; isso está na sua programação'. Essa frase funcionou para mim como uma senha. Era como se eu resgatasse toda a minha memória. Deslizei em direção à dupla, mas lembrei que meu único filho de 12 anos estava sozinho num chalé sem vizinhos e sem telefone. Alguém precisava resgatá-lo. Nesse mesmo instante, fui tragada de novo pelo túnel e voltei ao corpo. Daí senti uma dor horrível. Foi o único jeito de avisar a família sobre o acidente e resgatar meu filho."[1]

O Dr. Raymond Moody popularizou o termo "experiência de quase-morte" em seu livro "Vida após a vida", escrito em 1975. Posteriormente, em 1982, o pesquisador George Gallup Jr. e William Proctor publicaram "Aventuras na imortalidade", um livro que aborda a "experiência de quase-morte", baseado em duas pesquisas do Instituto Gallup, refletindo especificamente a quase morte e a crença na vida após a morte. Outro distinto estudioso, Kenneth Ring, um dos mais prolíficos pesquisadores e autores de estudos sobre "experiência

de quase-morte", relata um grande número de indivíduos que adquiriram autoconfiança e se tornaram mais extrovertidos após a experiência. Kenneth também verificou que as pessoas que passam por "experiência de quase-morte" tendem a perceber um aumento no senso de sentimentos religiosos e crença em um mundo espiritual.

As teorias que explicam as "experiências de quase-morte" caem em duas categorias básicas: explicações científicas (incluindo médicas, fisiológicas e psicológicas) e explicações transcendentais (incluindo espirituais e religiosas). Obviamente, estas últimas não podem ser provadas nem negadas. A explicação metafísica mais comum é que alguém que passa por uma "experiência de quase-morte" está, na verdade, experimentando e lembrando de coisas que aconteceram com sua consciência não corpórea (espiritual).

É natural que a ciência clássica – cuja realidade só admite o que pode ser observado e medido – não corrobora a retórica mística, mas não oferece meios de resolver essa questão. Os cientistas têm tão-somente comprovado que as drogas cetamina [2] e PCP (cloridrato de fenciclidina), por exemplo, podem criar sensações nos usuários que são quase idênticas a muitas "experiências de quase-morte". Obviamente, isso apenas raspa a superfície das explicações possíveis para uma "experiência de quase-morte".

Relatos sobre visões do que ocorre 'do lado de lá' são tão antigos quanto as pirâmides egípcias, as epopéias gregas e os registros das civilizações indianas e chinesas. Na obra "República", de Platão, narra-se a história de um soldado morto pelo inimigo que viajou para a Terra dos Mortos, mas foi proibido de beber do Rio do Esquecimento porque tinha que retornar à vida. Relatos mais atuais de visões perto da morte foram feitos por Ernesto Bozzano. Em 1908 descreveu que muitas pessoas, em seu leito de morte, afirmavam ver pessoas conhecidas que já haviam morrido. Em 1927, o físico inglês sir William Barrett, membro da Royal Society, publicou o livro *Deathbed Visions*, no qual relata que essas pessoas não só viam parentes e amigos falecidos, mas contavam histórias de outros mundos. Na década de 1960, o parapsicólogo americano Karlis Osiris fez um estudo-piloto sobre essas visões e encontrou algumas coincidências, como o fato de a maioria dos testemunhos se referir a conversas com pessoas já mortas.

Para alguns pesquisadores tais experiências sugerem a existência da mente, ou consciência, independentemente do cérebro, ou mesmo da existência e sobrevivência da "alma". Obviamente que outros pesquisadores, os materialistas, têm convicção de que tais experiências são apenas o produto de um cérebro em estado fisiológico alterado. Naturalmente isso não invalida suas pesquisas, pois os Benfeitores do Além explicam que "assim como o Espírito atua sobre a matéria, também esta reage sobre ele, dentro de certos limites, e que pode acontecer impressionar-se o Espírito temporariamente com a alteração dos órgãos pelos quais se manifesta e recebe as impressões". [3]

A Doutrina Espírita fornece elementos que permitem concluir que muitas das "experiências de quase morte" resultam do desligamento parcial do perispírito.

Na questão 157 de O Livro dos Espíritos, Kardec indagou: No momento da morte, a alma sente, alguma vez, qualquer aspiração ou êxtase que lhe faça entrever o mundo aonde vai de novo entrar? Os Espíritos alumiarão o tema respondendo: "Muitas vezes a alma sente que se desfazem os laços que a prendem ao corpo. Já em parte desprendida da matéria, vê o futuro desdobrar-se diante de si e goza, por antecipação, do estado de Espírito." [4]. Na questão 407 o Codificador perguntou: É necessário o sono completo para a emancipação do Espírito? Os Seres do Além responderam: "Não; basta que os sentidos entrem em torpor para que o Espírito recobre a sua liberdade. Desde que haja prostração das forças vitais, o Espírito se desprende, tornando-se tanto mais livre, quanto mais fraco for o corpo." [5] Além disso, na questão 424 o mestre lionês esquadrinhou de forma sutil: Por meio de cuidados dispensados a tempo, podem reatar-se laços prestes a se desfazerem e restituir-se à vida um ser que definitivamente morreria se não fosse socorrido? A resposta dos Espíritos: "Sem dúvida e todos os dias tendes a prova disso." [6]

A morte não é mais a mesma. Hoje um coração parado não significa que seu dono vá, necessariamente, passar para o "lado de lá". Graças a uma série de procedimentos médicos e um aparelhinho chamado desfibrilador, uma parcela razoável de pacientes dados como mortos tem sido "ressuscitada" nas UTIs mundo afora. Várias dessas pessoas têm histórias para contar. São histórias que desconcertam a ciência com perguntas muito difíceis – e que só agora começam a ser respondidas. As "experiências de quase-morte" parecem oferecer alguma esperança de que a morte não é necessariamente algo a ser temido, nem é o fim da consciência. Mesmo a ciência tem dificuldades para lidar com a morte – a comunidade médica tem se debatido por décadas com definições específicas para morte clínica, morte orgânica e morte cerebral.

Nota e referências bibliográficas:

[1] Disponível em < <http://super.abril.com.br/ciencia/na-fronteira-da-morte> >; acesso no dia 21/05/2016

[2] É uma droga dissociativa usada para fins de anestesia, com efeito hipnótico e características analgésicas

[3] Kardec Allan. O Livro dos Espíritos, questão 374a, Rio de Janeiro: Ed. FEB 2001

[4] Idem questão 157

[5] Idem questão 407

[6] Idem questão 424



O SERMÃO DAS COLINAS DE KURUN HATTIN

Jorge Hessen

Consta na tradição do Evangelho que o Cristo, antes de começar a sua vida pública, após ter passado alguns dias de silêncio e meditação no deserto, dirigiu a Sua primeira mensagem ao povo, através do sublime “Sermão do Monte”, pronunciado nas colinas de Kurun Hattin, a sudoeste do lago da Galiléia. O Discurso tornou-se a pedra angular do edifício cristão. Representa uma síntese perfeita dos ensinamentos do Mestre; a legítima Carta Magna da Boa Nova que um dia será implantada na Terra.

A “advertência do Monte” representa o mais impetuoso contraste entre os padrões do homem mundano e o ideal do ser espiritual. Na belíssima mensagem, avaliada por Mahatma Gandhi como a mais pura essência do cristianismo, o “Iluminado da Índia” pronunciou que se um cataclismo extinguisse toda a sabedoria humana, com todos os seus livros e bibliotecas, se restasse apenas o Sermão do Monte, as gerações futuras teriam nele toda a beleza e sabedoria necessárias para a vida.

A preleção do Mestre na encosta do monte galileu não é, na realidade, um mero “Sermão”. A fileira das oito afirmações, pungentes e paradoxais, narradas por Mateus, devem ter caído como raios sobre aqueles judeus orgulhosos do primeiro século. Não são provérbios independentes, que se aplicam a oito diferentes circunstâncias e grupos de homens, mas uma prescrição perfeita para cada indivíduo.

Por incapacidade de interpretação das lições do Cristo, no decorrer dos anos surgiram dogmas cristalizadores da fé, travando o uso da razão. Idealizou-se na história do “cristianismo oficial” conduta incompatível com o Evangelho, a exemplo da infalibilidade papal, do batismo, da confissão auricular, da eucaristia, do pecado original. Em seguida, em face da reforma luterana, abrolham as inconciliáveis promessas da salvação pelo “sangue” de Jesus, a unicidade e infalibilidade da Bíblia, o mercantilismo do dízimo, o enriquecimento dos líderes cristãos, a fé sem compromisso com as obras do bem, teologias de predestinações, prosperidade [material] etc.

Como resposta desses trágicos desmandos surgem alguns intelectuais evidenciando grande aversão ao abatido e bizarro cristianismo. Até mesmo sobre o excelso Sermão aqui considerado, George Bernard Shaw descreveu-o como “uma explosão impraticável de anarquismo e de sentimentalismo”. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche dizia que a moralidade cristã é a mais maligna forma de toda a falsidade. Em 1929, o humanista John Herman Randall

estranhava como um Carpinteiro da Galileia pudesse ter enunciado a última palavra em ética humana.

Por outro lado, muitos sábios têm apreciado o Sermão do Monte com grande reverência, até mesmo quando não o conheceram ou não o entenderam muito bem. Pode-se dizer, com segurança, que o Sermão de Kurun Hattin é o mais popular, menos apreendido e menos exercitado de todos os mandamentos de Jesus. Portanto, seria possível evitar todas as controvérsias se todos os setores do mundo cristão fizessem do aludido Sermão do Monte o seu código de ética único e universal.

Compreendemos que "o Discurso do Monte" refere-se a júbilos e felicidades procedentes da aflição. O que pode indicar para os céticos uma filosofia sádica, originária de um raciocínio desviado. Ocorre, contudo, que a aflição, nesse caso, é intrínseca ao processo de mudança no padrão mental do ser em evolução. No dito "Sermão", o contraditório para alguns está no que ele significa: uma revogação incondicional com o modelo sócio-político, econômico e psíquico vigente na Terra, a fim de que se possa construir nela um novo padrão de sociedade. Não existem caminhos alternativos para isso. O "Mundo" [físico], como mencionava o Cristo, é inconciliável com o "Reino" [espiritual], pois são reciprocamente excludentes. A adesão a um, implica alheamento necessário do outro. O Sermão do Monte é a bandeira da Nova Era que o Evangelho veio hastear na Terra. Mas só será possível quando assimilarmos e vivermos o seu conteúdo universalmente. Para isso é indispensável um esforço sincero de cada um para fazer da mensagem do Cristo uma realidade.

Na era da cibernética, da realidade quântica e da cosmonáutica, em que viajamos a velocidades estupendas nos aviões, e não mais em frágeis barquinhos ou carroças de jegues, há os que creem que o acesso ao plano espiritual também deva ser "modernizado". Os costumes arcaicos do primeiro século do Cristianismo, afiançam os visionários, perderam a sua razão de ser. Destarte, tais utopistas religiosos ingerem alguns comprimidinhos de "mandinga mental" ou "ritualismo místico", a fim de acessarem narcotizados e ou com negócio escuso nas dimensões das altas esferas do além, desconsiderando a "porta estreita e caminho apertado", como admoestava o Mestre galileu. Atualmente, expõem tais religiosos, se Jesus retornasse, Ele não mais reproduziria as palavras rigorosas do Sermão do Monte, mas se amoldaria ao mercantilismo da religião e mostraria ao mundo o modo de alcançar o céu [salvação] viajando de Ferrari, lamborghini ou aviões particulares com cabine de luxo.

Para uma sociedade estruturada nessas ilusões e concepções errôneas sobre a realidade da vida além do túmulo, as bem-aventuranças fazem duas afirmações básicas. Primeiro, que a paz no mundo dos mortos não está aberta aos que se julgam virtuosos e aos presunçosos, mas aos arrependidos sinceros e suplicantes que ambicionam serviços nas dimensões extrafísicas. Segundo, que o além-túmulo de paz não é para os "poderosos" que obtêm o que desejam pela oratória religiosa, pela fama, pela riqueza ou pela agressividade, mas para

um grupo de homens resignados, que abdicam, não somente de suas vontades, mas até dos seus "direitos", em prol das necessidades dos outros.

Kardec, por fim, assenta no Evangelho Segundo o Espiritismo e transcende o Sermão das colinas de Kurun Hattin, colocando-o na linguagem da razão, com explicações racionais, filosóficas e científicas, sem contudo abdicar do aspecto sensível da emoção que é posto na sua expressão profunda, demonstrando que o sentimento e a razão podem e devem caminhar juntos, pois constituem as duas asas de libertação definitiva do homem de bem.



A "CARNE NUTRE A CARNE" – REFLEXÕES DE UM "ONÍVORO"

Jorge Hessen

Não é o que entra na boca do homem, mas o que sai

Um leitor e amigo sugeriu-me comentar sobre a alimentação carnívora. A princípio, não ignoro que a ingestão de carne deriva dos nossos vícios milenários de nutrição. Alega-se também que a nossa atual constituição física ainda depende da alimentação carnívora para a manutenção da saúde e, por consequência, da vida, pois a carne é proteína e proteína é necessária para boa formação muscular, inclusive a cardíaca. Contudo, sei que as substâncias que o nosso corpo necessita também podem ser retirados dos vegetais.

É importante saber a princípio se a alimentação animal é, com relação ao homem, contrária à lei da Natureza. Os Benfeitores disseram a Kardec que em razão "da nossa constituição física, a carne nutre a carne, do contrário morreremos. A lei de conservação nos prescreve, como um dever, que mantenhamos nossas forças e saúde, para cumprir a lei do trabalho. Temos que nos alimentar conforme exige a nossa organização fisiológica." [1] Como observamos o ser humano é onívoro [2] e inclui a necessidade de carne em sua alimentação. Foi o Criador que nos constituiu fisiologicamente necessitando de carne. O complexo é nos autoconvencermos de que um dia não necessitaremos mais da carne.

Sem dúvida que a frase "a carne nutre a carne" justifica a alimentação carnívora sem remorsos. Porém, há os que defendem que podemos nos esforçar para diminuir a ingestão da carne paulatinamente. Concordo! Para tais vegetarianos há indícios de que a dieta carnívora potencializa o advento de inúmeras doenças que provavelmente têm menores chances de evoluir em pessoas que fazem uso da dieta vegetariana. Este é um bom argumento para a abstenção(da carne), até porque, segundo sustentam os Espíritos, "permitido é ao homem alimentar-se de tudo o que lhe não prejudique a saúde".[3] Os abstêmios da carne afirmam que há estudos sobre o risco cardiovascular em vegetarianos e onívoros. Constatou-se que a alimentação onívora, com excessos de proteínas e gorduras de origem animal, potencializa eventos cardiovasculares. Ao passo que as dietas à base de ovo, leite e vegetais ou só vegetais apresentaram menores riscos cardiovasculares.

Entretanto os cientistas alertaram que ainda é muito cedo para se estabelecer uma relação entre o consumo de carne vermelha e laticínios e o câncer de próstata, por exemplo, embora afirmem que as descobertas fornecem pistas para o estudo da ligação com a doença. Os abstêmios da carne garantem que a

adrenalina produzida no estresse da morte, as toxinas (lixo metabólico) e a ureia que circulavam no organismo quando o animal é morto, se impregnam na carne. Fora os micro-organismos patogênicos: bactérias, vírus, protozoários (nenhum boi ou porco faz check-up antes de morrer). Lembrando que quase a metade da carne consumida no Brasil provém de abatedouros clandestinos, portanto as condições sanitárias são uma roleta- russa, porém com todas as balas no tambor.

Será que a prática do vegetarianismo é uma demonstração de evolução espiritual e ser onívoro é, por si só, um sinal de inferioridade moral? Respondo com Chico Xavier que não dispensava um bife acebolado com arroz e feijão. Isso não é lenda, é fato! Pela narrativa dos evangelistas o próprio Cristo comia peixe. O Mestre nunca desaprovou alimento algum. Comumente recorria à figura do pastor e suas ovelhas. Ora, pergunto aqui, para que um pastor criava ovelhas? Seria só para adorno caseiro ou para engordá-las e em seguida comê-las? Se tal situação fosse censurável perante a vida, o Sublime Senhor não usaria essa metáfora, pois o pastor seria pior que o lobo.

Sim, Jesus comia peixes, portanto comia carne (peixe não é vegetal), por isso Ele mesmo advertiu que o importante não é o que entra na boca do homem, mas o que sai dela. O que não significa aqui que a frase deva ser interpretada ao pé da letra e de modo extemporâneo para justificar o abuso da ingestão de carne, até porque o abuso é ilícito em tudo.

Apesar dos nossos vícios milenários de nutrição e os intransigentes debates em torno do assunto, não creio que comer carne possa acarretar expiações futuras. Contrariamente, a carne ainda serve de base alimentar para muita gente. Além disso a atual tecnologia tem produzido a carne em laboratório, isso sinaliza um futuro sem frigoríficos, abatedouros e matadouros que não serão mais necessários.

Sem adentrar no mérito da decisão particular daqueles que não ingerem carne, que eu respeito profundamente, recorro a Kardec quando inquiriu aos Espíritos se era importante abster-se o homem da alimentação animal, ou de outra qualquer, por expiação. Os Benfeitores explanaram que “era meritório se tal abstenção fosse em benefício dos outros. Aos olhos de Deus, porém, só há mortificação, havendo privação séria e útil. Por isso é que qualificamos de impostores os que apenas aparentemente se privam de alguma coisa.” [4]

A Doutrina Espírita não proíbe nada; orienta com o apelo que faz à razão. É uma questão de bom-senso! Se a “carne nutre a carne” nada me obriga a parar de comê-la. Até mesmo porque não são muitas as pessoas que se despojam de alguma coisa em benefício do próximo. Os motivos de alguns abstêmios da carne, raramente são muito convincentes; os discursos tangerem para filosofias espiritualistas que não têm maior aproximação com o Espiritismo.

Faço aqui uma ajuizada advertência considerando os médiuns que lidam com serviços mediúnicos de desobsessão. Segundo André Luiz, “a alimentação, durante as horas que precedem o serviço de intercâmbio espiritual, deve ser leve. Nada de estômago cheio. A digestão laboriosa consome grande parcela de

energia, impedindo a função mais clara e mais ampla do pensamento, que exige segurança e leveza para exprimir-se nas atividades da desobsessão.”[5]

“Aconselháveis os pratos ligeiros e as quantidades mínimas, crendo-nos dispensados de qualquer anotação em torno da impropriedade do álcool, acrescendo observar que os amigos ainda necessitados do uso do fumo e da carne, do café e dos temperos excitantes, estão convidados a lhes reduzirem o uso, durante o dia determinado para a reunião, quando não lhes seja possível a abstenção total, compreendendo-se que a posição ideal será sempre a do participante dos trabalhos que transpõe a porta do templo sem quaisquer problemas alusivos à digestão.”[6]

Referências bibliográficas:

[1] KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: ed. FEB. 2001, perg 723

[2] O termo onívoro vem do latim omnis, que significa todos, e por isso alguns dizem que os onívoros são aqueles capacitados para consumir qualquer tipo de alimento. Seguindo a definição de que onívoro é o ser que se alimenta de carnes e vegetais, podemos dizer que o ser humano é onívoro, embora o hábito de comer carne seja mais ligado a fatores culturais, uma vez que o aparelho digestivo humano se assemelha mais ao dos seres herbívoros.

[3] KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: ed. FEB. 2001, perg 722

[4] Idem, perg.724

[5] XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Desobsessão, Cap. II, RJ: Ed. FEB, 1973

[6] idem



REVERENCIEMOS OS ANIMAIS, POIS ELES SÃO NOSSOS IRMÃOS

Jorge Hessen

A Safari Club International é uma organização que luta pelos “direitos dos caçadores”. Qual o objetivo e o que leva uma pessoa a gastar muito dinheiro para caçar um animal selvagem? Será apenas uma demonstração de poder e prestígio? Isso é psicopatia e selvageria! O antropólogo Michael Gurven, da Universidade da Califórnia em Santa Bárbara, estuda tribos de caçadores e coletores na Amazônia e ressalta o paradoxo entre caça “esportiva” e a caça para sobrevivência. Os nativos caçam animais por necessidade de alimentação. Portanto, há uma brutal diferença para caçadores que chegam a pagar US\$55 mil dólares para matar um animal da selva meramente por prazer.[1]

Allan Kardec ao indagar dos Benfeitores sobre o “direito” de destruição sobre os animais, foi esclarecido que tal “direito”[caça] se acha regulado pela necessidade, que o homem tem, de prover seu sustento e sua segurança. O abuso jamais constitui um direito. [2] Quando a caça ultrapassa os limites que as necessidades e a segurança traçam e quando não objetiva senão o prazer de destruir sem utilidade há “predominância da bestialidade sobre a natureza espiritual. Toda destruição que excede os limites da necessidade é uma violação da lei de Deus. Os animais só destroem para satisfação de suas necessidades; enquanto que o homem, dotado de livre-arbítrio, destrói sem necessidade. Terá que prestar contas do abuso da liberdade que lhe foi concedida, pois isso significa que cede aos maus instintos.” [3]

Compondo aqui uma síntese de O Livro dos Espíritos a respeito do universo animal e humano inteiramo-nos de que os animais possuem uma espécie de inteligência instintiva e limitada. Eles detêm a consciência de sua existência e de suas individualidades. Alguns animais agem denotando acentuada vontade, porque apresentam inteligência, embora que restrita. Há seres “irracionais” que praticam atos combinados que denunciam vontade de agir em determinado sentido e de acordo com as circunstâncias. Há, pois, neles, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício quase que se circunscreve à utilização dos meios de satisfazerem às suas necessidades físicas e de proverem a própria conservação.

Os animais se comunicam entre si, conservando uma espécie de linguagem circunscrita às suas necessidades. Até mesmo os peixes se entendem entre si. Como dito, a linguagem do animal é instintiva e circunscrita às suas necessidades biológicas e ideias, os peixes que, como as andorinhas, emigram em grupos (cardumes), obedientes ao guia que os conduz. Certamente

possuem meios de se avisarem, de se entenderem e combinarem ações conjugadas. É possível que disponham de uma visão mais penetrante e esta lhes permita perceber os sinais que reciprocamente imitem.

Portanto, os animais não são simples autômatos, a despeito de a liberdade que têm permanecer limitada aos atos da vida material e após a morte conservam sua individualidade. No entanto não mantêm a consciência de si mesmos, inobstante sua vida inteligente lhes permaneça em estado latente em face da ausência do livre-arbítrio. Desta forma, eles permanecem numa espécie de erraticidade após a morte, sendo distribuídos pelos Espíritos incumbidos dessa tarefa e “aproveitados” (no processo reencarnatório) quase imediatamente. Não lhes sendo dado tempo de entrar em relação prolongada com outras criaturas no além.

Outro aspecto importante sobre os animais é que eles evoluem tanto quanto os homens, embora não por ato da própria vontade (não têm livre arbítrio), mas pela força das circunstâncias, razão por que não estão sujeitos à expiação. Em verdade os animais só possuem a inteligência rude da vida material, enquanto no homem, a inteligência essencialmente proporciona a vida moral. [4] Para maiores detalhamentos sobre o tema, os próprios Espíritos estão longe de tudo saberem e, ressalte-se que acerca do que não sabem, também podem ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas. É assim, por exemplo, que nem todos pensam da mesma forma quanto às relações existentes entre o homem e os animais no aspecto evolutivo.

Considerando a lei de evolução, para alguns Espíritos, o Princípio espiritual não chega ao período humano senão depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação. Segundo outros Benfeitores espirituais, o Espírito do homem teria pertencido sempre à raça humana, sem passar pela fieira animal. Diante disso, cabe a indagação: Qual a origem do Espírito? Onde o seu ponto inicial? Forma-se do princípio inteligente individualizado?

Para Allan Kardec tudo isso são mistérios que seria inútil querer devassar e sobre os quais nada mais se pode fazer do que construir hipóteses. Quanto às relações misteriosas que existem entre o homem e os animais são mistérios de Deus, como muitas outras coisas, cujo conhecimento atual é pouco importante para o progresso humano e sobre as quais seria inútil nos deter.

Referências bibliográficas:

- [1] Disponível em <http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2015/07/o-que-motiva-alguem-cacar-um-animal-por-esporte.html> acesso 05/08/2015
- [2] KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed. FEB, 2001, questão 734.
- [3] Idem questão 735
- [4] Idem pergs.585 a 602



ENDINHEIRADOS, MÃOS À OBRA!

Jorge Hessen

Christopher Catrambone, um milionário empresário americano, dono de uma companhia que oferece seguros em zonas de conflitos, criou sua própria fundação de resgate de imigrantes. Desde 2014 sai com sua família pelo Mediterrâneo para salvar estrangeiros que se arriscam a atravessar o mar para chegar à Europa. Sem receio de investir toda fortuna e confiante de que se algum dia seu negócio falir, ele e sua mulher não teriam nenhum arrependimento em ter gastado todo dinheiro e tempo nas operações de resgate dos imigrantes.[1]

A tradição da filantropia americana vem de longe. cremos que Andrew Carnegie seja seu maior ícone e, de certo modo, definidor conceitual. Imigrante pobre, Carnegie fez fortuna na siderurgia americana, na segunda metade do século XIX. Em 1901, aos 66 anos, vendeu suas indústrias ao banqueiro J.P. Morgan e tornou-se o maior filantropo americano. Uma de suas tantas proezas, não certamente a maior, foi construir mais de 3 mil bibliotecas nos Estados Unidos. Em 1889, escreveu o artigo “The Gospel of Wealth”, defendendo que os ricos deveriam viver com comedimento e tirar da cabeça a ideia de legar sua fortuna aos filhos. Melhor seria doar o dinheiro para alguma causa, ou várias delas, à sua escolha, ainda em vida. [2]

Em 2009 Bill Gates lançou, junto com Warren Buffett, o mais impressionante movimento de incentivo à filantropia já visto: The Giving Pledge. A campanha tem mais de 120 signatários. Para participar, basta ser um bilionário e assinar uma carta prometendo doar, em vida, mais da metade de sua fortuna a projetos humanitários. Para boa parte dessas pessoas, doar 50% é pouco. Larry Ellison, criador da Oracle, comprometeu-se em doar 95% de sua fortuna, hoje avaliada em US\$ 56 bilhões. O próprio Buffett foi além: vai doar 99%. Como bem observou o filósofo alemão Peter Sloterdijk, parece que, ao contrário do que acreditávamos no século XX, não são os pobres, mas os ricos que mudarão o mundo. [3]

Sloterdijk obviamente não conhece bem o Brasil. Aqui na suposta “Pátria do Evangelho” a grandeza d'alma dos milionários em prol do altruísmo é pura miragem, ressaltando-se as infrequentes exceções. Nos Estados Unidos, o valor das doações individuais à filantropia chega a US\$ 330 bilhões por ano. No Brasil, os números são imprecisos, mas estima-se que o montante não passa de US\$ 6 bilhões por ano. Apenas 3% do financiamento a nossas ONGs vem de doações individuais, contra mais de 70% no caso americano. Há, segundo a

tradicional lista da revista Forbes, 54 bilionários no Brasil. Nenhum aderiu, até o momento, ao movimento da Giving Pledge.

Explicações não faltam para essa disparidade. Há quem goste de debitar a mesquinhez dos endinheirados brasileiros na conta de nossa “formação cultural”. Por essa tese, estaríamos atados a nossas raízes ibéricas, sempre esperando pelas esmolas do Estado, indispostos a buscar formas de cooperação entre os cidadãos para construir escolas, museus e bibliotecas, ou simplesmente para consertar os brinquedos e plantar flores na praça do bairro. É possível que haja alguma verdade nisso. O rei Dom João III, lá por volta de 1530, dividiu o país em capitanias hereditárias e as repartiu entre fidalgos e amigos da corte portuguesa. Fazer o quê? Enquanto isso, os peregrinos do Mayflower desembarcaram nas costas da Nova Inglaterra (EUA), movidos pela fé e pelo amor ao trabalho, para construir um novo país. [4]

O príncipe da Arábia Saudita, Alwaleed Bin Talal Al-Saud, é um dos homens mais ricos do mundo. Com uma fortuna que gira em torno dos US\$ 32 bilhões, ele ocupa a 20ª posição no ranking de bilionários da Bloomberg. Porém, parece que ele quer mudar esse cenário. Ele pretende doar toda sua fortuna para causas filantrópicas. Em um comunicado em seu site, Al-Saud afirma que busca construir um mundo com mais tolerância, aceitação, igualdade e oportunidade para todos. O dinheiro vai para a Alwaleed Philanthropies, que tem parceria com a Bill & Melinda Gates Foundation, Carter Center e Weill Cornell Medical College, para reforçar os cuidados de saúde e de controle de epidemias pelo mundo. [5]

Há pessoas arquimilionárias que tem experimentado significativo desprendimento. Como vimos acima, Warren Buffett, quarto homem mais rico do mundo, prometeu doar 99% de sua fortuna antes de desencarnar. Buffett começou anunciando o direcionamento de 83% para a Fundação Gates. O bilionário afirmou que quer dar aos seus filhos somente o suficiente para que eles sintam que podem fazer tudo, mas não o bastante para que eles achem que não precisam trabalhar. O poderoso Bill Gates, Michael Bloomberg, Nigella Lawson e o músico inglês Sting não deixarão suas fortunas como herança para os filhos. Ambos defendem a tese que seus filhos precisam trabalhar para ganhar o próprio dinheiro. [6]

Em rápida digressão, vale aqui interpolar uma oportuna reflexão. No Brasil, o paternalismo e o inócuo assistencialismo estatal não atende às necessidades dos deserdados. Tal cultura gera cada vez mais dependência de raras doações e de crescentes arrecadações. Enfraquece a sociedade, diminui as expectativas de recursos para redistribuição de recursos financeiros. A filantropia pública é uma maneira disfarçada de ditadura ideológica, coerção de liberdade, que não sobrevive ante a necessidade do trabalho de todos. Para que a filantropia sustentável seja praticada, é preciso estímulo ao trabalho, igualdade nas ações públicas e eficiência na administração de recursos arrecadados (impostos). Temos muito o que amadurecer nesse quesito nestas plagas tupiniquins.

Mormente para os ricos brasileiros, vai aqui um alerta do além. A reflexão é do Espírito Humberto de Campos: "se você possui algum dinheiro ou detém alguma posse terrestre, não adie doações, caso esteja realmente inclinado a fazê-las. Grandes homens, que admirávamos no mundo pela habilidade e poder com que concretizavam importantes negócios, aparecem, junto de nós [no além-túmulo], em muitas ocasiões, à maneira de crianças desesperadas por não mais conseguirem manobrar os talões de cheque." [7]

Abastados mãos à obra!

Referências:

[1] Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/o-milionario-que-resgata-imigrantes-no-mar> acesso 12/08/2015

[2] Disponível em <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2015/06/por-que-os-milionarios-brasileiros-nao-doam-suas-fortunas-universidades.html> acesso 18/08/2015

[3] idem

[4] idem

[5] Disponível em <http://www.infomoney.com.br/carreira/gestao-e-lideranca/noticia/4137147/principe-saudita-decide-donar-toda-sua-fortuna-mais-bilhoes> acesso em 18/08/2015

[6] Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/economia/sting-entra-para-a-lista-de-ricos-que-nao-deixarao-heranca-para-os-filhos> acesso em 02 de agosto de 2014

[7] Xavier, Francisco Cândido. Cartas e Crônicas, ditado pelo espírito Humberto de Campos, cap. 4 "Treino para morte" Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1967



ESPÍRITAS! IMPOREMOS A PAZ SOCIAL

Jorge Hessen

É óbvio que o dinheiro não é instrumento do mal; ao contrário, o dinheiro é suor convertido em cifrão. É importante que lhe demos funções nobres, lembrando que a moeda no bem faz prodígios de amor. Porém, vale refletir o preceito de Paulo, qual seja: "tendo sustento e com o que nos cobrirmos, estejamos, com isso, contentes". [1] Essa lição deve ser sempre ponderada quando nos faltam recursos financeiros.

O Espiritismo anuncia o regime da responsabilidade, em que cada Espírito deve enriquecer a catalogação dos seus próprios valores. Não se engana com as alucinações da igualdade absoluta [comunismo], em vista dos conhecimentos da lei do esforço e do trabalho individual, e não se transforma em instrumento de opressão dos magnatas da economia e do poder [capitalismo], por consciente dos imperativos da solidariedade humana.

Os espíritas, embora compreendamos e expliquemos muitos fenômenos sociais e econômicos através da tese reencarnacionista, somos evolucionários, porque propomos mudanças estruturais do ser humano; não contemporizamos com a concentração de riqueza e com a ausência de fraternidade, que significam a manutenção de privilégios e de excessos no uso dos bens, das riquezas e do poder de uns poucos em detrimento do infortúnio da maioria.

Importa esclarecer aos emissários do ódio político que a desigualdade das riquezas não se resolve com falácias e cartilhas de ideologia materialista. As pessoas não são ao mesmo tempo ricas em face de não serem igualmente inteligentes, ativas e laboriosas para adquirir, nem sóbrias e previdentes para conservar. Considerando a pluralidade das existências, a pobreza é para uns a prova da paciência e da resignação; a riqueza é para outros a prova da caridade e da abnegação, razão pela qual o pobre não tem, portanto, motivo para acusar a Providência, nem para invejar os ricos, e estes não têm para se vangloriar do que possuem. Se, por outro lado, estes abusam da fortuna, não será através de decretos nem de leis suntuárias que se poderá remediar o mal. [2]

A variedade das aptidões, ao contrário do ideal igualitário, é um meio propulsor do progresso social, já que cada homem contribui com sua parcela de conhecimento. As desigualdades que apresentamos entre nós, seja em inteligência ou moralidade, não derivam de privilégios de uns em detrimento de outros, mas do maior ou menor aproveitamento desse "tempo cósmico", no esforço do alargamento das habilidades e virtudes que nos são inerentes,

consoante o melhor uso do livre arbítrio por parte de cada um. Destarte, as desigualdades naturais das aptidões humanas são os degraus das múltiplas experiências do passado. E cremos que essas diferenças constituem os agentes do progresso e paz social.

Reconhecemos que os benefícios do desenvolvimento material não estão sendo divididos equitativamente e o fosso entre afortunados e deserdados (ricos x pobres) é gigantesco. Essa tendência é ameaçadora para o equilíbrio social, por isso é urgente corrigi-la. Caso contrário, as bases da segurança global estarão seriamente ameaçadas. Temos o conhecimento e a tecnologia a nosso favor, necessários para sustentar toda a população e reduzir os impactos das desigualdades, até porque os desafios econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados, e, juntos, podemos criar, de início, soluções emergenciais para que evitemos o caos absoluto em pouco tempo.

A Mensagem de Jesus não preconiza que os ricos do mundo se façam pobres, e sim que todos os homens se façam ricos de conhecimento, porque somente nas aquisições de ordem moral descansa a verdadeira fortuna. E mais: "a concepção igualitária absoluta é um erro grave dos estudiosos, em qualquer departamento da vida. A tirania política poderá tentar uma imposição nesse sentido, mas não passará das espetaculosas uniformizações simbólicas para efeitos exteriores, porquanto o verdadeiro valor de um homem está no seu íntimo, onde cada espírito tem sua posição definida pelo próprio esforço". [3]

Urge que se crie uma mentalidade crítica, que permita estabelecer novos comportamentos, reduzindo os extremismos, mormente dos discursos vazios dos que se fantasiam de "país dos pobres" (no Brasil isso é tradição) e entronizar-se entre nós a solidariedade legítima. A sociedade deve formatar novos modelos de convivência lastreados na fraternidade e no amor. A falta de percepção da interdependência e complementaridade entre os cidadãos gera uma visão individualista, materialista, separatista. Isso não é alvissareiro.

É imperioso que se criem serviços necessários para uma vida humana decente. O crescimento desordenado da população, o desemprego estrutural, a pobreza, a miséria, a exclusão social, a falta de atendimento às necessidades básicas, o não reconhecimento dos direitos do cidadão, o desrespeito aos direitos humanos, a facilidade de acesso às drogas e às armas, a falta de Deus nos corações, a influência nociva das mídias e novas tecnologias, o uso abusivo de bebidas alcoólicas e outras drogas favorecerão todo tipo de desequilíbrio social. Em face disso, urge um alto grau trabalho de todos. Desapego, oração, sim! Muita rogativa ao Criador, a fim de conquistarmos decisivamente a paz social na Terra.

Referências bibliográficas:

[1] 1Timóteo 6:6-10

[2] Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XVI, "Desigualdades das Riquezas"; RJ: Ed. FEB, 2000

[3] Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo espírito Emmanuel, RJ: Ed FEB 2001, pergs. 55,56,57



O PEDIDO DE PAUTA NA REUNIÃO ORDINÁRIA DO CFN DE 2015

Analisando a desaprovação da FEB a respeito do "pedido de pauta na reunião ordinária do CFN de 2015, para análise de proposta ao Conselho Federativo Nacional objetivando alteração do estatuto da FEB pela Assembleia Geral, ampliando a REPRESENTATIVIDADE, de dez para vinte e sete, dos integrantes do CFN a comporem o Conselho Superior" da denominada "casa-mater", deliberamos publicar (na íntegra) a REITERAÇÃO do pedido de pauta apresentada pelas federativas do Amapá e Rio de Janeiro .

Ei-la:

Ilustre Presidente do CFN da FEB, (Com cópia para os membros do CFN)

As Federativas do Amapá e Rio de Janeiro vêm a sua presença expor o requerer o seguinte:

No dia 06 de agosto do ano em curso, as signatárias requereram pedido de pauta na reunião ordinária do CFN de 2015 para análise de proposta ao CFN com o objetivo de alteração do estatuto da FEB pela Assembleia Geral, ampliando a representatividade, de dez para vinte e sete, dos integrantes do CFN a comporem o Conselho Superior da FEB.

Para nossa surpresa e desapontamento a pauta ora encaminhada não contemplou o assunto pedido o que demonstra indubitavelmente que o mesmo foi indeferido.

Chamamos a atenção para o estatuto da FEB que sobre o assunto assim estabelece:

"Art. 7º - São direitos dos representantes das instituições que compõem o CFN:

III – apresentar sugestões de interesse geral que visem dinamizar e atualizar o Movimento Espírita Nacional; "

Conforme se infere do dispositivo supra, é um direito das federativas proporem assuntos a serem apreciados pelo CFN.

A presidência do Conselho Federativo Nacional pode até não concordar com as ideias propostas por um de seus integrantes, mas não pode unilateralmente impedir a apreciação pelo colegiado de questões de interesse geral dos componentes que, inclusive, são os que tem o poder de decisão segundo o regimento interno do CFN, senão vejamos:

“Art. 17 - As deliberações do CFN serão tomadas por maioria simples de votos dos representantes presentes cabendo ao Presidente o voto de qualidade. ”

Ou seja, o presidente do CFN é o grande condutor da reunião, o grande árbitro e moderador dos debates, mas só tem poder de voto em caso de empate, é isso o que quer dizer o termo “voto de qualidade”, também conhecido como “voto de minerva”.

Ao decidir que a proposta apresentada pelo Amapá e Rio de Janeiro não deva constar na pauta a presidência sozinha já julgou a proposta prejudicada, impedindo os debates e deliberações do mérito da matéria pelo plenário do CFN, quem realmente detém legitimidade para tal.

Lembramos que se a sugestão de pauta não fora produzida pelo presidente, cabe tão somente a ele aprovar ou não a minuta que lhe fora apresentada, já que sua resposta para a FEEGO, (via email) do quando esta federativa subscreveu o pedido fora de que "o assunto constaria da pauta do CFN".

A delegação de poderes a quem quer que seja não indica atribuir infalibilidade a este. A responsabilidade é sempre do condutor do processo. No caso, o presidente do CFN.

Ante ao exposto, requerem que a decisão denegatória seja reconsiderada para que conste na pauta da próxima reunião ordinária do CFN como um dos assuntos a serem debatidos e deliberados pelo seu plenário.

Na certeza de sua sensibilidade ao pedido formulado encerramos este com votos de saúde e paz.

Fraternalmente,
Felipe Menezes – FEAP
Helio Loureiro - CEERJ

REGISTRO:

(Diferença de posturas do atual e do ex-presidente da FEB, quando este último convocou reunião para tratar de assuntos levantados por minoria de Federativas - abaixo citadas)

Da ATA DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DO CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL DO ANO DE 2014 (dias 23 e 24 de agosto de 2014)

(Distribuída com a Pauta da Reunião de nov./2014)

Trecho de leitura inicial da Convocação feita pelo presidente da FEB Antonio Cesar Perri de Carvalho:

A seguir o Secretário Geral do CFN, Roberto Fuina Versini, leu a convocação e a pauta da presente reunião: Considerando: 1) Fatos desenrolados a partir da ampla divulgação de Carta assinada por dirigentes das Federativas de Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, no dia 21/6/2014, e explicitados na Circular CFN-FEB no 13/2014 do presidente da FEB, do dia 2/7/2014; 2) Que imediatamente – em apenas um dia –, após a divulgação da Circular CFN-FEB no 13/2014, mais da metade das Entidades Federativas Estaduais se manifestaram apoiando a proposta do presidente da FEB, de realização de uma Reunião Extraordinária do CFN da FEB; E com base no Estatuto da FEB (Art. 61, par.1º) e Regimento Interno do CFN da FEB (Art.10), convocamos o Conselho Federativo Nacional da FEB para o local, dia, horário e cumprimento de pauta, abaixo especificados: Local: Sala do CFN, na sede da FEB, em Brasília; Dias: 23 e 24 de agosto de 2014; Horários: das 8h30 do dia 23/8 (sábado) até 12h do dia 24/8 (domingo); Pauta: 1) Relações entre decisões do CFN/Áreas Nacionais do CFN/Estruturas da FEB, à luz do Estatuto da FEB e do Regimento Interno do CFN da FEB; incluindo-se sugestões de Entidades Federativas Estaduais; 2) "Planejamento Estratégico" da FEB no tocante a ações federativas. Solicitação feita durante reunião conjunta do Conselho Superior da FEB com o CFN (Ata do Conselho Superior da FEB do dia 9/11/2013); 1) Assuntos para a pauta da Reunião Ordinária do CFN programada para novembro pf..

"[...] convocada pelo presidente da Federação Espírita Brasileira, Antonio Cesar Perri de Carvalho, a fim de abrir espaço para um diálogo direto, franco e geral, com o objetivo de contribuir para a análise, compreensão e encaminhamentos que visem o melhor entendimento das relações entre decisões do CFN..." (Reformador, edição de outubro de 2014, p. 633-4).

NOSSAS REFLEXÕES:

Será que o indeferimento do pedido de pauta na reunião ordinária do CFN de 2015 inviabiliza a discussão da questão na reunião do CFN?

Obviamente não! Ainda mesmo que neguem novamente a REITERAÇÃO do pedido de pauta, os representantes poderão provocar o assunto no CFN, pois parece-nos que há consenso.

Acreditamos que muitos líderes espíritas estão divisando essa anomalia institucional. O futuro presidente da FEB precisa ser eleito também com os 27 votos do CFN. A FEB tem sido tão-somente um majestoso centro espírita, cujo Conselho Superior atual mantém as rédeas do M.E.B. A FEB necessita

transformar-se num fórum de discussões com maior representatividade para busca de saídas coerentes quanto à direção cristã do M.E.B.

A rigor o “Espiritismo organizado” deve passar por amplas mudanças, para isso, urge evoluir os conceitos federativos e tornar-se mais coeso e atento em suas interrogações e respostas. As lideranças federativas não devem permanecer sob o tacão de um centro espírita localizado em Brasília que detém a supremacia sobre todos os centros espíritas do Brasil. Não faz nenhum sentido. A ser mantido a atual composição do Conselho Superior da FEB, jamais será eleito um presidente membro do CFN.

Guardamos a esperança que um dia seja criada uma CONFEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA. Sim! um fórum, uma autêntica Comissão Central (aos moldes recomendados por Kardec) para condução do M.E.B. consubstanciando-se no grande convite ao pensamento crítico, avistando, sob a coerência doutrinária, a união dos espíritas atentos e unificação dos princípios daqueles que se esforçam para as práticas simples do Evangelho.

Os presidentes e representantes das federativas necessitam arregaçar as mangas nesse sentido. Somente assim poderemos afirmar que no Brasil ainda é possível criar-se a legítima COMISSÃO CENTRAL tão almejada pelo Codificador.

Jorge Hessen



AS LUZES DO "CAMINHO", PORÉM O HOMEM AINDA NÃO SE CRISTIANIZOU

Jorge Hessen

Depois da chamada aparição ("ressurreição") e a "ascensão" de Jesus, os apóstolos retornaram a Jerusalém, exatamente como o Senhor lhes havia ordenado.[1] Deram início às reuniões em suas residências, e aos poucos os encontros foram se tornando públicos. Nessa conjuntura ainda não eram conhecidos como "cristãos", porém "nazarenos", dando início ao formato das comunidades (grupos) dentro do Judaísmo.[2] O célebre "pentecostes", ocorrido logo após a "ascensão" do Mestre, veio fortificá-los na fé, cientificando a todos que o Cristo não os desamparara. Exaltando o Evangelho em diferentes idiomas pela psicofonia dos divinos médiuns, os Espíritos comprovavam que se cumpria naquele momento o prenúncio de Jesus de que sua mensagem seria ouvida por todas as nações da Terra.

Naquela ocasião, outro fato enternecedor adveio com Cléofas e outro discípulo que no domingo da "ressurreição" viajavam de Jerusalém para a aldeia próxima de Emaús, quando o próprio Crucificado se lhes ajuntou na caminhada. Posteriormente, Jesus apareceu por duas vezes totalmente materializado em Jerusalém nas reuniões realizadas em recinto fechado entre os apóstolos. Em seguida se apresentou na praia e comeu com alguns discípulos peixe assado e um favo de mel. Por cerca de quarenta dias após a "ressurreição", continuou oferecendo provas inequívocas da imortalidade.

Nos supremos instantes os apóstolos reunidos oravam, cantavam, viviam e divulgavam o Evangelho, consubstanciando na fundação da "Casa do Caminho", marco inicial daquela fase de ouro do Cristianismo primitivo. A recordação desses dois ou três primeiros anos do "pós-gólgota" ficou sendo como a de um paraíso terrestre, que o Cristianismo posterior jamais conseguiu reeditar.

Os apóstolos pregavam com arrebatamento a Boa Nova. As orações eram às vezes tão intensas que o próprio prédio "sacudia" em seus alicerces. A vida religiosa dos mesmos centrava em alguns desempenhos fundamentais: a oração, os sermões, a instrução religiosa e uma coletiva refeição diária. Levavam uma vida simples, despojada, sem confiar no poder do dinheiro. Em razão disso não se deixavam corromper.

Sem dúvida, as grandes colunas ou desígnios da "Casa do Caminho" foram: o ensino e vivência da mensagem de Jesus, a assistência social, os tratamentos físico e espiritual, e a instauração de ambiente fraterno. Empregavam o trabalho assistencial de distribuição de alimentos, de remédios, de roupas e até mesmo dos dons curativos como chamariz para conseguirem o objetivo maior:

a evangelização do socorrido. Procuravam transformar o assistido em assistente tal como aconteceu com Jeziel, que veio a ser o admirável Estevão, primeiro mártir do Cristianismo.

Não cobiçavam cargos de comando. Certa vez, Pedro, o primeiro líder do grupo, deliberou escolher um sucessor para Judas Iscariotes no colégio apostólico. Reuniu uma assembleia para eleger o sucessor. A assembleia apresentou dois nomes: José Justo e Matias (dois fidedignos cristãos). Sugeriu-se então, em vez de eleição, depositar os dois nomes numa sacola e retirar um após uma prece. Desse modo Matias foi o escolhido para suceder a Judas Iscariotes. A comunidade vivia um momento tão fraternal que José Justo, embora não tenha sido escolhido pelo sorteio, ofertou sua propriedade à "Casa do Caminho", em sinal de solidariedade à decisão tomada pelo Plano Superior.

Simão Pedro e companheiros administraram a "Casa do Caminho", situada na estrada que ligava Jerusalém a Jope. Auxiliado particularmente por Tiago (filho de Alfeu), Filipe e por João (filho de Zebedeu), Cefas organizou os primeiros arranjos da instituição ao influxo amoroso das lições do Mestre. Em face disso, a residência do velho pescador (doação dos amigos do "Caminho"), transbordava de enfermos e desvalidos sem esperança. É célebre a frase do Cristo "Eu sou o caminho, a verdade e a vida". Em face dessa citação, quando os discípulos assumiram a divulgação do Evangelho, passaram a ser conhecidos como os "homens do Caminho".

O número de seguidores da nova Doutrina aumentou espantosamente – além dos discípulos judeus-palestinos havia discípulos da diáspora, apontados como "helenistas". Nesse contexto em que a "Casa do Caminho" crescia, paralelamente ocorriam os rigores do misticismo de Tiago, filho de Alfeu. Irromperam as diferenças de opiniões e de interesse entre os discípulos judeus-palestinos e os "helenistas". Os apóstolos, sentindo a necessidade de se dedicarem só à pregação, providenciaram para que a comunidade escolhesse trabalhadores fiéis para instruir os judeus da diáspora ("helenistas").[3]

Destaca-se na ocasião o "helenista" Estêvão, um judeu da diáspora, que aderiu à "Seita do Caminho" e começou a fazer em Jerusalém pregações veementes acusando os judeus de massacrarem os Profetas e Jesus, além de críticas à Lei e ao Templo. Talvez fosse ele o porta-voz da mais antiga pregação dos discípulos convertidos providos da diáspora.

O irmão de Abigail analisava as profecias, sobretudo de Isaías. Ao saber que Jesus havia sido crucificado, recordou o profeta: "Levantar-se-á como um arbusto verde, vivendo na ingratidão de um solo árido, onde não haverá graça nem beleza. Carregado de opróbrios e desprezado dos homens, todos lhe voltarão o rosto. Coberto de ignomínias, não merecerá consideração. É que Ele carregará o fardo pesado de nossas culpas e de nossos sofrimentos, tomando sobre si todas as nossas dores."[4]

Quando outros seguidores do Mestre contemporizavam os comentários públicos com exposições agradáveis ao judaísmo predominante, "Estevão apresentava à multidão o Salvador do Mundo, indiferente às lutas que iria

provocar, comentando sobre a vida do Crucificado com o seu verbo inflamado de luz.”[5]

O idioma grego foi o veículo de transmissão do Cristianismo nos seus primeiros tempos. Mais tarde Paulo pregou que não havia diferença entre "judeu" (palestinoses) e "grego" ("helenistas") quanto à "salvação" em Jesus Cristo, porque pelo "batismo do Espírito", ou seja, imposição de mãos pelo passe, todos se tornavam "irmãos em Cristo"; portanto não era preciso passar antes pelo judaísmo para se tornar cristão. Mas tal questão só ficou definitivamente resolvida após uma reunião com os apóstolos e os anciãos (presbíteros) na comunidade (igreja) de Jerusalém, em 49 d.C. A essa reunião alguns estudiosos chamam de "Concílio" de Jerusalém. [6]

Fazemos aqui uma breve interpolação por questão de coerência histórica. Em nossa narrativa não podemos esquecer que a primeira dessas congregações cristãs surgiu na Galileia, e era composta principalmente de mulheres oprimidas e simples do povo. Tais baluartes do Evangelho atendiam os mendigos, pedintes, coxos e aleijados com auxílios de amparo e de solidariedade. Na crise do Calvário, que culminou na morte de Jesus, as mulheres galileias tiveram posição destacada aos pés da Cruz. A "Casa do Caminho" contou com a colaboração fundamental de valorosas companheiras de ideal. Maria (mãe de Jesus), Lídia (mãe de Silas), Maria e sua irmã Marta, Suzana, Salomé, Maria [esposa de Cléofas], Maria (mãe de João Marcos), Maria de Magdala, Joana de Cusa, Loíde e Eunice (avó e mãe de Timóteo), Priscila (esposa de Áquila), Lídia, viúva digna e generosa etc, etc, etc...

Mais de cem pessoas recebiam assistencialmente alimentação diária, além dos serviços de socorro aos enfermos, aos órfãos, aos alienados mentais e viciados. Por outro lado, a perseguição atroz do judaísmo obrigou a uma relação de permanentes concessões. Havia infelizmente a dependência monetária da sociedade judia para manutenção da obra.

Certa ocasião, Paulo, já convertido, quando em visita a Jerusalém, consternado com a situação da "Casa do Caminho", em diálogo com Pedro, recomendou buscarem-se outros meios de libertar as verdades evangélicas do convencionalismo humano. Sugeriu serviços agrários de captação de recursos próprios. Cada assistido trabalharia de conformidade com as próprias forças. Assim poderia emancipar o grupo de Jerusalém das imposições do farisaísmo.

Pedro justificava que os assistidos já trabalhavam, contudo a igreja continuava onerada de despesas e dívidas que só a cooperação do judaísmo poderia atenuar. Paulo advertiu, porém, que se poderia atender a muitos doentes, ofertar um leito de repouso aos mais infelizes; todavia sempre houve e haverá corpos enfermos e cansados na Terra. Na tarefa cristã, obviamente semelhante esforço não pode ser esquecido, mas a iluminação do espírito deve ser tarefa prioritária. Se o homem trouxesse o Cristo no íntimo, o quadro das necessidades seria completamente modificado.

Não mais de três séculos decorridos dos tempos apostólicos surgiram a falsidade e a má fé, adaptando-se às conveniências dos poderes políticos do

mundo, desvirtuando-se todos os princípios, por favorecer doutrinas de violência oficializada. Por isso, a civilização ocidental não chegou a se cristianizar. [7] Mas o Espiritismo, na sua missão de Consolador, será o amparo do mundo nestes séculos de declives da sua História; só ele pode, na sua feição de Cristianismo redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da força e da ambição, do egoísmo e do domínio, apontando ao homem os seus verdadeiros caminhos. [8]

São chegados os tempos em que as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres. Trabalhemos por Jesus, ainda que a nossa oficina esteja localizada no deserto das consciências. [9]

Nota e referências bibliográficas:

[1] Lc 24:52; Atos 1: 12-13).

[2] Os discípulos do Crucificado foram chamados "cristãos" pela primeira vez na comunidade de Antioquia, na Síria; por sugestão de Lucas

[3] Atos 6

[4] Isaías, 9:6-7

[5] Xavier, Francisco Cândido. Paulo e Estêvão, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB, 1982

[6] Atos 15:1

[7] Xavier, Francisco Cândido. A Caminho da Luz, ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed. FEB, 1997

[8] idem

[9] idem



ANTE A CRISE DE REFUGIADOS DO MUNDO

Jorge Hessen

Documento da Organização das Nações Unidas considera a guerra civil síria como a grande tragédia do século 21. O conflito foi marcado por violenta revolta armada em 2011. Segundo estimativas de organizações internacionais, o número de mortos na guerra é de quase 300 mil pessoas. Mais de quatro milhões de sírios já teriam buscado refúgio no exterior para fugir dos combates. O governo sírio garante estar tão-somente combatendo terroristas armados que visam desestabilizar o país. A guerra, todavia, tem raízes de natureza sectária e religiosa, com diversas facções atingindo outros países como Iraque e o Líbano, atizando especialmente a rivalidade entre xiitas e sunitas.

A partir de 2013, aproveitando-se do caos da guerra civil tanto na Síria quanto no Iraque, um grupo autoproclamado Estado Islâmico (EI, ou ad-Dawlah al-Islāmiyah) começou a reivindicar territórios na região. Desde então, passou a chamar a atenção do mundo pelos requintes de violência e crueldade nas inúmeras atrocidades que cometem. Lutando inicialmente ao lado da oposição síria, as forças desta organização passaram a atacar qualquer uma das facções (sejam apoiadoras ou contrárias ao presidente sírio) envolvidas no conflito, buscando hegemonia total.

Em junho de 2014, militantes deste grupo proclamaram um Califado na região, com seu líder Abu Bakr al-Baghdadi como o califa. Eles rapidamente iniciaram uma grande expansão militar, sobrepujando rivais e impondo a sharia (lei islâmica) nos territórios que controlavam. Então diversas nações ocidentais como os Estados Unidos, as nações da OTAN na Europa e países do mundo árabe, temendo que o fortalecimento do EI representasse uma ameaça a sua própria segurança e a estabilidade da região, iniciaram uma intervenção armada contra os extremistas.

O relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) divulgado recentemente revela uma estatística catastrófica: são quase 60 milhões de refugiados, requerentes de asilo e deslocados internos até 2014, e esse número cresce a cada dia. O relatório diz ainda que 15 conflitos surgiram ou se reiniciaram nos últimos cinco anos. Isso fez com que milhares de pessoas buscassem refúgio em outros países. É como se 1 em cada 122 pessoas no mundo fossem refugiadas.

E o que mais assombra na estatística é que a metade são crianças. Uma delas é representada pelo menino sírio de três anos fotografado morto numa praia na Turquia após o barco em que estava com a família ter naufragado na tentativa

de chegar à Grécia. Tal foto chocou o mundo e chamou atenção para a situação dos refugiados e imigrantes na Europa.

Em meio ao que se tornou a maior crise de refugiados do mundo desde a Segunda Guerra Mundial, felizmente nem tudo está perdido. Descobrimos aqui e ali amostras de comiseração diante desse quadro de calamidade humana. A exemplo da generosidade demonstrada por um casal de noivos turco, que decidiu compartilhar a alegria do dia do casamento com milhares de refugiados sírios, convidados para celebrar junto com eles na cidade de Kilis, no Sul da Turquia. Os noivos distribuíram pessoalmente, ainda vestidos com os trajes da festa de núpcias, toda a comida armazenada em alguns caminhões.

Vários países enfrentam dificuldades para conviver com essa nova realidade de imigrantes chegando aos milhares em suas terras, mas um grande exemplo de compaixão e caridade noticiado na imprensa veio da Islândia, onde mais de 12 mil islandeses, um país com pouco mais de 300 mil habitantes, ofereceram suas casas para receber os refugiados.

Grande exemplo de altruísmo deu o bilionário Naguib Sawiris, anunciando que quer comprar uma ilha para abrigar as famílias que buscam uma nova vida longe das guerras e da perseguição. Naguib acredita que sua ideia é viável e que ele será capaz de construir um novo país a partir do zero, investindo fortemente em infraestrutura. Mas é preciso convencer os países a lhe vender uma ilha desabitada e obter o direito de existência legal de um novo país.

Outro endinheirado, Hamdi Ulukaya, fundador da Chobani – marca líder no mercado de iogurte grego nos Estados Unidos – decidiu aderir ao The Giving Pledge, iniciativa criada por Bill Gates e Warren Buffett que reúne ricos do mundo inteiro dispostos a doar uma parte ou suas fortunas inteiras em vida. Ulukaya, que é dono de um patrimônio estimado em US\$ 1,41 bilhão (R\$ 5,44 bilhões), entra para o grupo com a missão de investir pelo menos metade desta cifra em ações que auxiliem refugiados em todo o mundo. No ano passado ele já havia doado US\$ 2 milhões (R\$ 7,72 milhões) à Agência da ONU para Refugiados, e recentemente também criou uma fundação, a Tent, cujo foco está na mesma causa.

Conquanto infrequentes há muitas pessoas generosas entre nós. A Terra entretanto é um mundo de expiações e provas, razão pela qual a paz absoluta ainda não se encontra neste planeta, apenas em mundos mais evoluídos. Em nosso orbe a tranquilidade social é relativa.[1] É verdade! Ao Espiritismo cristão está reservada a tarefa de alargar os horizontes dos conhecimentos, nos domínios da alma humana, contribuindo para a solução dos enigmas que atormentam as sociedades contemporâneas de todas as culturas, projetando luz nas questões quase que indecifráveis do destino e das dores morais do homem contemporâneo.

Em suma, à proliferação do fenômeno migratório é necessário contrapor com a universalização do altruísmo e do auxílio incondicional, a fim de humanizar as condições dos banidos forasteiros. Ao devotamento e abnegação para com os migrantes e os refugiados há que vincular o entusiasmo e a capacidade criativa

imprescindíveis para ampliar, em nível planetário, uma ordem social, econômico-financeira e política mais justas e equitativas, ao lado de um maior comprometimento a favor da paz, condições essas imperiosas para o robustecimento do Evangelho entre os homens.

Referência bibliográfica:

[1] Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, item 20, capítulo V, RJ: Ed. FEB, 2000



O AUTOEROTISMO NUMA CONCISA CIRCUNSPECÇÃO

Jorge Hessen

Lá pelas plagas espanholas, há exatos 5 anos, na província de Extremadura, havia um curso escolar que ensinava masturbação a jovens de 14 aos 17 anos. Tal plano provocou polémica entre pais e educadores. O curso fazia parte de um programa introduzido pelas Secretarias de Educação e Juventude daquela província ibérica, intitulado "O prazer está em suas mãos". Os idealizadores disseram que o curso objetivava acabar com mitos para que os adolescentes entendessem a sexualidade de forma natural. [1]

Na visão da secretária de Juventude de Extremadura, Laura Garrido, o novo curso não deveria escandalizar a ninguém, principalmente porque já fomos adolescentes e todos nós possuímos uma carga erótica.[2] Entretanto, nem todos os pais de alunos estiveram de acordo. A Associação de Pais Católicos de Extremadura formou um grupo de protesto chamado "Cidadania para a Educação" e ameaçou levar o governo regional aos tribunais. O grupo abriu um fórum de debate na internet e enviou uma carta ao governador local reclamando do novo curso escolar. [3]

Para alguns espíritas a prática do onanismo (masturbação) leva o indivíduo a situações de dormência temporária dos seus sentimentos mais delicados, das suas emoções mais sensíveis. Aludem que a prática do onanismo não faculta ao Espírito melhor sensibilidade, distrai-o e lhe entorpece os sentimentos mais elevados. Asseguram que do ponto de vista Espiritual, o onanismo é um tipo de autoflagelação, porque o Espírito está negando a capacidade de evoluir em sentimentos muito mais elevados e se contenta com aquilo que apenas o seu sensorio produz: as sensações primárias.

Por outro lado, há argumentos de que o sexo não é sujo, nem feio, nem errado. Sexo é troca de energias, e energias divinas, pois através delas as pessoas são atraídas umas às outras e, sendo o ponto de referência do processo reencarnatório não pode se demonizar. Há quem insinue, será que alguém já casado oficial ou "extraoficialmente", que não obtém satisfazer de maneira indispensável os anseios sexuais com o parceiro(a), por diversas razões, deve atender tais necessidades genésicas masturbando-se ou deve aventurar-se fora do lar, buscando satisfazer suas "necessidades"? Nesta última hipótese tais pessoas mergulharão nas aventuras extraconjugais. E isso é muito pior.

A masturbação é condenável? Diria que não é recomendável. Ante o comedimento moral que deve procurar o encarnado, resistindo a fim de refinar seus ideais, o caminho espírita cristão é aperfeiçoar hábitos sadios e disciplinados que enfrentem o sexo como uma forma material, mas digna, de praticar o amor, numa união estável e leal, mirando à constituição de uma família e, por conseguinte, instituindo condições para maturação espiritual. Assim sendo, se não é recomendável obviamente é contraproducente e, portanto, não é benigno, pois, em cenário de reforma íntima, toda disciplina será bem-vinda.

Obviamente não podemos esquecer que o argumento "religioso" de repressão ao comportamento sexual, em qualquer contexto, é um convite ao desejo. O chamado "fruto proibido" tem sido historicamente o mais ambicionado. Normalmente a coação tem implicação oposta à pretendida, sobretudo em matéria de sexualidade. É importante educar, elucidar sensatamente, advertir corretamente as pessoas, sem formulações de extemporâneas normas moralistas para os outros.

Há muitas pessoas que vivem angústias profundas em torno das diretrizes comportamentais na área sexual e isso é compreensível em nosso estágio de humanidade. O onanismo é uma dessas ansiedades, que segundo Sigmund Freud, é envolvida em muito preconceito, graças ao dogmatismo religioso que estigmatiza a sexualidade. Porém vai distante a época em que se decretava que a masturbação conduzia à loucura e ao inferno.

Normal no adolescente que está descobrindo a sexualidade, frequente nos corações solitários, o problema é que a masturbação favorece a viciação, aguçando o psiquismo do indivíduo com sensualidade avivada. Há os que empregam o subterfúgio aventureiro, alegando que "a carne é fraca". Contudo a sede dos desejos é o espírito e não o corpo. O Espiritismo não proíbe nada é fato. Mas, muitas vezes escorados nas suas falácias alguns argumentam, ora se o Espiritismo não proíbe, então tudo está liberado. E na ladainha para reforçar os pontos de vista alegam que "a virtude está no equilíbrio", pois o que é prejudicial é o abuso, não o uso.

Do livro O Céu e o Inferno, de Allan Kardec, capítulo VII: "As penas futuras segundo o Espiritismo", esclarece que a carne só é fraca porque O Espírito é fraco, pois quando destituída de pensamento e vontade, a carne não pode prevalecer sobre o Espírito, que é o ser pensante e de vontade própria. [4]E mais, Deus nos dotou do livre-arbítrio. Como explicam os Espíritos em resposta à questão 843 de O Livro dos Espíritos, sem o livre-arbítrio, o homem seria uma máquina, pois se tem a liberdade de pensar, é compreensível que tenha a liberdade de agir.[5]

O autoerotismo não deixa de ser uma busca de "prazer" egoísta, por isso mesmo, toda prudência é imprescindível. Na área sexual, urge vigilância permanente, pois, na maioria das vezes ao se masturbar, a criatura não está tão solitária como imagina. Espíritos sexólatras podem estimular este vício solitário, nos processos de simbiose, prejudicando até mesmo casais quando

um dos parceiros opta por masturbar-se. Entretanto é mister considerar que cada caso é um caso, sem desconsiderar jamais que o equilíbrio e a disciplina mental precisam ser alcançados. Por isso o Espírito Emmanuel, no livro "O Consolador", questão 184, orienta-nos que, "ao invés da educação sexual pela satisfação dos instintos, é imprescindível que os homens eduquem sua alma para a compreensão sagrada do sexo".[6]

Ainda recorrendo ao excelso Emmanuel, estudamos que "diante das proposições a respeito do sexo, é justo sintetizarem-se todas as digressões possíveis nas seguintes normas: não proibição, mas educação; Não abstinência imposta, mas emprego digno, com o devido respeito aos outros e a si mesmo; Não indisciplina, mas controle; não impulso livre, mas responsabilidade. Fora disso, é teorizar simplesmente, para depois aprender ou reaprender com a experiência. Sem isso, será enganar-nos, lutar sem proveito, sofrer e recomeçar a obra da sublimação pessoal, tantas vezes quantas se fizerem precisas, pelos mecanismos da reencarnação, porque a aplicação do sexo, ante a luz do amor e da vida, é assunto pertinente à consciência de cada um. Ninguém se burila de um dia para outro e as conversões religiosas exteriores não alteram, de improviso, os impulsos do coração. [7]

Em face disso, muitos de nossos erros imaginários na Terra são caminhos certos para o bem, ao passo que muitos de nossos acertos hipotéticos são trilhas para o mal de que nos desvencilharemos, um dia!...A energia sexual, como recurso da lei de atração, na perpetuidade do Universo, é inerente à própria vida, gerando cargas magnéticas em todos os seres, face às potencialidades criativas de que se reveste.

Referências bibliográficas:

[1] Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,curso-que-ensina-masturbacao-para-jovens-causa-polemica-na-espanha,465240> acesso 17/09/2015

[2] Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,curso-que-ensina-masturbacao-para-jovens-causa-polemica-na-espanha,465240> acesso 17/09/2015

[3] Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,curso-que-ensina-masturbacao-para-jovens-causa-polemica-na-,465240> acesso 17/09/2015

[4] Kardec, Allan. O Céu e o Inferno, RJ: Ed. FEB 2000, capítulo VII

[5] Kardec, Allan, o Livro dos Espíritos, RJ: Ed. FEB, 2000, pergunta 843

[6] Xavier, Francisco Cândido. Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed. FEB, 2001, questão 184

[7] Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed. FEB, 2003



"SELINHOS" MUITAS VIDAS E MULTIPLOS CONFLITOS NAS AFINIDADES PARENTAIS

Jorge Hessen

A médica Charlotte Reznick vem causando polêmica entre pais ao sugerir que eles evitem dar "selinho" em seus filhos. De acordo com ela, essa é uma demonstração de afeto "erotizante" e pode confundir a criança. Para Charlotte a boca é uma zona erógena do corpo e, assim, as crianças podem associar o beijo com atividades românticas e sexuais entre os pais. [1] A opinião da médica foi criticada e combatida por outros médicos e psicólogos, como Sally-Anne McComarck que afirma ser impossível um "selinho" confundir a cabeça dos filhos. Se fosse assim, profere McComarck, a amamentação traria mais confusão. Aliás, em 2013, Mayim Bialik, que interpreta a cientista Amy Farrah Fowler na série The Big Bang Theory, foi duramente criticada por uma foto em que aparece amamentando o filho de três anos no metrô de Nova York. Apesar de afirmar sentir falta de amamentar o filho, a atriz celebrou o momento em que o filho escolheu desmamar.

Há diversos debates em torno do infantilismo psicosssexual - Apesar da mãe ser o parente que gratifica principalmente os desejos infantis, a criança começa a formar uma identidade discreta sexual - "menino", "menina" - que altera a dinâmica do relacionamento entre pais e filhos; os pais tornam-se objeto de energia libidinal infantil. Na teoria clássica da psicanálise, o complexo de Édipo ocorre durante o estágio fálico do desenvolvimento psicosssexual (a idade de 3 até 6 anos), quando ocorre também a formação da libido e do ego; no entanto, pode se manifestar em idade mais precoce.[2] As chamadas complicações edipianas outra coisa não representam senão os laços obscuros que entretecemos, ao enlear almas queridas no nosso carro sentimental – laços esses que passam a reclamar-nos o preciso desfazimento, para que a mútua libertação nos felicite.

Emmanuel nos instrui afirmando que o filho excessivamente vinculado à mãe, na maioria das ocasiões, é aquele mesmo companheiro que a genitora jungiu à própria senda, no passado, a suplicar-lhe agora o apoio necessário, a fim de exonerar-se das algemas psicológicas que o prendem à insegurança. E a filha imensamente ligada ao pai, habitualmente é a mesma companheira que ele acorrentou ao próprio destino em experiências do passado, a implorar-lhe hoje o auxílio indispensável, a fim de se desembaraçar do egoísmo com que se lhe enviscou à influência, em nome do amor. [3]

Baseando-nos no trabalho biológico de construção do ser, assente em milênios numerosos, é indubitável que surpreenderemos na criança todo o equipamento dos impulsos sexuais prontos à manifestação, quando a puberdade lhe assegure mais amplo controle do carro físico. E, com esses impulsos, eis que lhe despontam do espírito as inclinações para maior ou menor ligação com esse ou aquele companheiro do núcleo familiar. O jogo afetivo, porém, via de regra se desenrola mais intensivamente entre a criança e os pais, reconhecendo-se para logo se os laços das existências passadas estão mais fortemente entretrecidos com o genitor ou a genitora. [4]

Debitando-se ao impulso sexual quase todos os alicerces da evolução sobre os quais se nos levanta a formação de espírito, é compreensível que o sexo apareça nas cogitações das crianças em seu desenvolvimento natural, e, nesse território de criações da mente infantil, será fácil definir a direção dos arrastamentos da criança, se para os ascendentes paternos ou maternos, porquanto aí revelará precisamente as tendências trazidas de estâncias outras que o passado arquivou. [5]

Apreciando isso, recordemos o cipoal das relações poligâmicas de que somos egressos, quanto aos evos transcorridos, e entenderemos com absoluta naturalidade, os complexos da personalidade infantil. Assim sucede, porque herdamos espiritualmente de nós mesmos, pelas raízes do renascimento físico, reencontrando, matematicamente, na posição de filhos e filhas, aqueles mesmos companheiros de experiência sentimental, com os quais tenhamos contas por acertar. Atentos a semelhante realidade, somos logicamente impulsionados a concluir que os vínculos da criança, de uma forma ou de outra, em qualquer distrito de progresso e em qualquer clima afetivo, solicitam providências e previdências, que sintetizaremos tão-somente numa palavra única: educação. [6]

A inquietação da Dra. Charlotte Reznick sobre os “inocentes selinhos” é corroborada pelo Mentor de Chico Xavier quando afiança que no fundo da personalidade paterna ou do maternal coração, descansam os remanescentes de grandes afeições, às vezes desequilibradas e menos felizes, trazidos de outras estâncias, nos domínios da reencarnação. A libido ou o instinto sexual na forma de energia psíquica, tendente à conservação da vida, permanece, em muitos casos, na carícia dos pais, vestida em veludíneo manto de carinho e beleza, mas o amor é ainda, no adito do espírito, qual fogo de vida que se nutre do próprio lenho [7]

Toda criatura consciente traz consigo, devidamente estratificada, a herança incommensurável das experiências sexuais, vividas nos reinos inferiores da Natureza. De existência a existência, de lição em lição e de passo em passo, por séculos de séculos, na esfera animal, a individualidade, erguida à razão, surpreende em si mesma todo um mundo de impulsos genésicos por educar e ajustar às leis superiores que governam a vida. [8]Cada homem e cada mulher que ainda não se angelizou ou que não se encontre em processo de bloqueio das possibilidades criativas, no corpo ou na alma, traz, evidentemente, maior

ou menor percentagem de anseios sexuais, a se expressarem por sede de apoio afetivo, e é claramente, nas lavras da experiência, errando e acertando e tornando a errar para acertar com mais segurança, que cada um de nós - os filhos de Deus em evolução na Terra - conseguirá sublimar os sentimentos que nos são próprios, de modo a erguer-nos em definitivo para a conquista da felicidade celeste e do Amor Universal.

Como vemos temos que entronizar na discussão a importância da teoria da reencarnação para uma compreensão melhor e mais humana dos chamados "complexos parentais". As ainda raras pesquisas científicas sobre a reencarnação abrem novas possibilidades de compreensão dos conflitos entre pais e filhos. O Espiritismo, por isso mesmo, se torna mais apto a ajudar a psicologia profunda na descoberta das raízes verdadeiras das situações parentais conflitivas.

Nota e referências bibliográficas:

[1] Disponível em <http://mulher.terra.com.br/vida-de-mae/selinho-nos-filhos-confunde-e-deve-ser-evitado-diz-medica,6e8b07999ea47234d0b590037d0cbadb74rcRCRD.html> acesso 21/09/2015

[2] Joseph Childers, Gary Hentzi eds. Columbia Dictionary of Modern Literary and Cultural Criticism (New York: Columbia University Press, 1995)

[3] Artigo publicado na coluna dominical "Chico Xavier pede licença" do jornal Diário de S. Paulo, na década de 1970.

[4] Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, ditado pelo espírito Emmanuel, RJ: Ed. FEB 1970, cap. 14

[5] Idem

[6] Idem

[7] Idem

[8] Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, ditado pelo espírito Emmanuel, RJ: Ed. FEB 1970, cap. 24



A AUTODESTRUIÇÃO NUMA PRECISA ANOTAÇÃO ESPÍRITA

Jorge Hessen

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 1 milhão de pessoas se matam por ano em todo o mundo. A cada 40 segundos uma pessoa comete suicídio. Somente no Brasil, quase 30 pessoas se suicidam por dia, e infelizmente os números são crescentes. As maiores incidências são nos países ricos. O leste europeu registra um dos mais altos índices de suicídio proporcionalmente. Países da Ásia, como Coreia do Norte, China e Japão são os recordistas mundiais.

Em 2014, mais de 25 mil pessoas cometeram suicídio no Japão. Isso dá uma média de 70 por dia. A maioria é de homens. O assunto voltou a ter destaque recentemente com o suicídio de um homem de 71 anos, que ateou fogo no corpo dentro de um trem bala. Para o psicólogo Wataru Nishida, da Universidade Temple, em Tóquio, a solidão na velhice é o fator número um que antecede a depressão e o suicídio. Tese que encontra respaldo em John Cacioppo, cientista e professor de psicologia da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, que sugere ser o isolamento um fator impactante para acelerar o extermínio “premature” do idoso solitário. Para Cacioppo há fatores de risco em face do sentimento de solidão, dentre os quais estão a interrupção frequente do sono, elevação da pressão arterial, aumento do cortisol (hormônio do estresse), alterações no sistema imunológico e aumento da depressão. [1]

Talvez realmente a solidão seja preocupante enfermidade dos dias de hoje. Mas não são apenas os idosos homens com problemas pessoais que estão tirando suas vidas. O índice vem crescendo rapidamente entre homens jovens, fazendo com que o suicídio seja a principal causa de morte entre os homens japoneses com idades entre 20 e 40 anos. E as evidências apontam que estes jovens estão se matando porque perderam completamente a esperança e são incapazes de pedir ajuda. [2]

Para alguns pesquisadores as causas do suicídio podem estar relacionadas a distúrbios psicossociais, como exclusão, dependência química, desesperança e traumas emocionais. Não raro, o suicídio é tido como consequência da depressão, transtorno bipolar, esquizofrenia, anorexia e desvios de personalidade. E os especialistas procuram responder o que leva o ser humano a desrespeitar o seu instinto de autopreservação.

Sob a tese sociológica, o escritor francês Albert Camus, no seu livro intitulado “O Mito de Sísifo” defende a tese que só existe um problema filosófico

realmente grave: o suicídio - Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é responder a questão de filosofia. Que o confirmem os peculiares escritores Artur Schopenhauer no seu macabro livro "As Dores do Mundo", que induz o leitor fragilizado ao suicídio, e Friedrich Nietzsche, que em "Assim Falava Zaratustra" afirma que orar é vergonhoso. Emile Durkheim, um dos maiores pesquisadores das teses suicidógenas, afirma que a culpa maior para uma pessoa cometer um ato tão extremo, de vencer o próprio instinto de conservação é da sociedade, que é a grande pressionadora para esse ato extremo do homem - é o ser psicológico sendo abatido pelo ser social.

Os Espíritos explicam que o adiamento de uma dívida moral significa reencontrá-la mais tarde com juros somados com cobrança sem moratória. A vida na Terra foi dada como prova e expiação e depende de cada um lutar com unhas e dentes para ser feliz o quanto puder, amenizando as suas dores com amor. [3] Como explicar o descontentamento da vida que, sem motivos plausíveis, se apodera de certos indivíduos? Certamente é resultado da ociosidade, da falta de fé, e também da saciedade. É óbvio que ninguém tem o direito de acabar com a própria vida. O suicídio é uma grave transgressão às leis de Deus.

O suicídio cometido por desgosto da vida é uma brutal estupidez, uma loucura. Ora, por que tais infelizes rebeldes da vida não trabalhavam para o próximo? Com certeza a existência seria menos pesada. Infelizes são os que não têm a coragem de suportar as adversidades da existência. Deus ajuda os que sofrem e não os que carecem de energia e de coragem. As consternações da vida são provas ou expiações. Felizes os que as suportam sem se queixar, porque serão recompensados. O suicídio é resultado da ociosidade, da falta de fé, e geralmente da saciedade. [4]

Referência bibliográficas:

[1] Disponível em <http://oglobo.globo.com/saude/solidao-aumenta-em-14-as-chances-de-idosos-morrerem-de-forma-prematura-11609030#ixzz2yAIPeewV>, acesso em 05/10/2015

[2] Disponível em http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150705_japao_suicidio_rb, acesso em 07/10/2015

[3] Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, questão 920, RJ: Ed. FEB. 2000

[4] Idem, questões de 943 a 949



UMBANDA E ESPIRITISMO CRISTÃO NUMA AVALIAÇÃO OPORTUNA

Jorge Hessen

Confrades solicitaram-me comentar novamente sobre a tendência umbandista nas instituições espíritas cristãs. Disseram-me que muitos centros “espíritas”, localizados no planalto central, possuem dirigentes, trabalhadores e frequentadores que ainda não se desataviaram dos ritos umbandizantes. São frequentadores, médiuns e doutrinadores que não conseguem se livrar das entidades de “terreiro”. Como se não bastasse, há os que elegem na instituição espírita cristã “mentores ou mentoras” de espíritos impregnados dos atavismos psicológicos de “vovós sicranas” ou “vovôs beltranas”, ou veneram “ex” “preto(as) velhos(as)” etc., como se tais “entidades” fossem campeãs da humildade. Nada mais inconsistente! E não se podem comparar tais “entes” com os sensatos espíritos que se apresentaram como “ex-padres” e “ex-freiras” na concepção da Codificação Espírita.

A rigor, os cognominados “vós fulanas”, “vôs fulanos”, “pretos(as) velhos(as)”, “índios”, “caboclos” e semelhantes, quando desencarnados, não mais pertencem a quaisquer das distintas raças humanas terrenas. No além-túmulo, o espírito não é amarelo, nem vermelho, nem negro, nem branco, embora possa apresentar em seu perispírito distinções de alguma raça, idade, se ainda assim se sentir em face da limitação moral e intelectual e ou assim se conceber, como sucedeu numa das reuniões realizadas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em que Allan Kardec dialogou com um Espírito de um “velhinho” (Pai César), episódio narrado na “Revista Espírita” de junho de 1859.

A entidade disse a Kardec que havia desencarnado em 8 de fevereiro de 1859, com 138 anos de idade. Tal fato [idade] chamou a atenção do Codificador, que logo se interessou em obter, da Espiritualidade, mais informações sobre o falecido. O “velhinho” disse que havia nascido na África e tinha sido levado para Louisiana [EUA] quando tinha apenas 15 anos. Desabafou, expondo a todos as mágoas guardadas em seu coração, fruto dos sofrimentos por que passara na Terra em função do preconceito da época. E tamanhas eram as feridas que trazia no peito que chegou a dizer a Kardec que não gostaria de voltar à Terra novamente como negro.

Será que um “vovô”, uma “vovó”, um(a) preto(a) velho(a), pode ser mentor(a) espiritual de uma casa espírita cristã? Em que pese considerar estranhíssima essa situação, talvez sim! Quem sabe possa uma dessas entidades, através de suas palavras e atos, mostrar que é digna desse título, se

demonstrar conhecimentos doutrinários superiores aos nossos a fim de nos orientar e manifesto amor para nos exemplificar. Porém, não! se evidenciar insuficiente cultura, pouca evolução espiritual e muito apego ainda às sensações materiais (exigir os títulos de “vovô”, “vovó”, preto(a) velho(a), linguajar primário, argumentos infantis, raciocínio vagaroso, etc.

A maioria absoluta das comunicações de pretos-velhos como “mentores espirituais” de uma instituição genuinamente espírita cristã é resultado da insipiente sugestão mediúnica, do incabível animismo, ou dos ardis psicológicos e das teimosas mistificações. Pessoalmente não aprovo nem compreendo a manifestação de um “Bezerra de Menezes” travestido de velhinho caquético com voz de “defunto”. Creio que há animismo nesse “transe” ou vício psicológico do “intermediário”.

Não desconhecemos que houve, seguramente, espíritos bondosos que encarnaram entre os negros africanos para inspirar aquele povo sofrido, de modo sábio e amoroso, durante o seu cativeiro. Alguns deles, após a morte, certamente tenham podido regressar à retaguarda terrena, por amor ao próprio crescimento espiritual no serviço do bem. Mas não foram numerosos tais espíritos “bonzinhos”, “humildezinhas”; pela lógica, foram raros, porque quase a totalidade dos escravos eram como nós: espíritos de mediana ou pouquíssima evolução.

Há obsessores (e não são poucos) que fingem essa aparência e linguajar (de entes de “terreiros”) com o objetivo de iludir e manter sob hipnose os espíritos ignorantes. Diante desses perspicazes seres do além (às vezes tão-somente produto da mente do “médium”), procuramos adverti-los, alertá-los para a responsabilidade pelos seus atos. Se não acolherem nossas advertências apelamos ao expediente da austeridade verbal e da segurança moral para que se arredem do local, exorando, por nossa vez, o amparo dos diretores espirituais da sessão.

Nas sessões mediúnicas que dirijo há 4 décadas, se ocasionalmente há manifestação de tais espíritos (“vós”, “vôs”, “pretos(as) velhos(as)”, caboclos e correlatos), se for permitida pela espiritualidade diretora da sessão, tais espíritos são orientados adequadamente. Não permitimos qualquer intolerância ou preconceito contra eles. Entretanto, analisamos atentamente sua natureza e o conteúdo de suas comunicações, como fazemos com qualquer espírito que se manifeste no grupo. Tais espíritos, para se comunicarem mediunicamente, não precisam e nem estimulamos o uso de linguajar bizarro, incompreensível aos médiuns e aos participantes da reunião.

O bom senso recomenda que se um desses desencarnados insistir na aparência ou linguajar momentaneamente de suas personagens do passado e deseja evidenciar sua identidade, a manifestação será admissível, se houver quem o possa identificar. Caso contrário será uma comunicação improdutiva. Se tais entidades se apresentam com atavismos da última encarnação (ex-escravos “velhos ou novos”, índios etc.) buscamos orientá-los, a fim de se libertarem desse atavismo. Assim, buscamos esclarecê-los quanto à sua real natureza de

espíritos em evolução. Na doutrinação nos esforçamos para advertir-lhes que já reencarnaram diversas vezes em diferentes condições e, portanto, têm patrimônio espiritual mais vasto que um simples “velho” ou correlato de uma raça sofrida.

Deste modo, procuramos revelar-lhes que não precisam se fixar no psiquismo da existência que concluíram, e que na vida espiritual podem continuar progredindo em todos os aspectos, até mesmo no modo de se vestir e falar. Há os que usam sutis subterfúgios, dizendo que se apresentam assim porque tal ou qual encarnação lhes foi muito grata por lhes haver permitido adquirir “virtudes”, especialmente a “humildade” e daí seu desejo em exemplificar. Óbvio que esse argumento é astucioso, pois quem conquistou a virtude da humildade não precisa trombetear e ou ostentar trejeitos de falsas modéstias. Por essa razão orientamos tais “velhinhos” que a humildade não consiste em expressões verbais e aparências exteriores nem em atitudes subservientes.

Muitas pessoas supõem que pretos-velhos, índios e caboclos sejam serviçais para lhes atenderem aos pedidos. Outras acreditam que eles tenham poderes misteriosos, capazes de resolver de modo mágico os problemas dos consulentes. Parecem também julgá-los subornáveis, já que aceitariam agir em troca de algum “pagamento” ou compensação. Em verdade, uma evocação por rituais específicos convidam e condicionam certos espíritos a se apresentarem como preto-velhos, índios ou caboclos. E alguns espíritos, às vezes até os bonzinhos, adotam essa aparência para que assim as pessoas do meio em que se vão manifestar (“terreiro”) acolherão mais espontaneamente a sua apresentação e recomendações.

Enfatizamos porém, que se não estimularmos esse condicionamento, muitos espíritos deixarão de se apresentar como vermelhos, pretos, brancos, velhos, novos etc. etc. etc., passando a se comunicar em seu modo próprio e natural. Muitos entendem que os “vovôs”, “vovós”, “caboclos” e “pretos-velhos” são mais eficazes. Creem que as proteções que os Espíritos normais não obtêm os tais mágicos “velhinhos” e “índios” conseguem. Nada mais bisonho!

Sobre o linguajar de tais entes, observamos que a fala de “pretos velhos” não costuma corresponder aos legítimos dialetos africanos ou aportuguesamento deles de épocas remotas. É mais uma tagarelice, uma enrolação, uma confusão de vozes sem significado ou ligação com o que os africanos falavam. A isso classifico de mistificação. Sobre os tais caboclos, é óbvio que índios brasileiros não poderiam jamais se denominarem por exemplo “caboclos 7 flechas” (não tinham noção de número), não se autodenominariam “flecha ligeira”, “nuvem branca” etc., como o fazem os índios norte-americanos, os quais as academias de hollywood popularizaram nos filme de “bang bang”.

Em suma, somos espíritas cristãos, e como tais devemos nos comportar e agir no dia a dia, especialmente nas sessões mediúnicas. Em boa lógica, quem não acolha ou não se encaixe nos conceitos e práticas espíritas cristãs precisa procurar diferentes recintos afins, até porque nenhuma pessoa é constrangida a ser espírita cristã.

Links dos Vídeos - SEMINÁRIO: "Manifestação de fundo umbandista no meio espírita"

Parte 1

<https://www.youtube.com/watch?v=J4EU2kWM1ZQ>

Parte 2

<https://www.youtube.com/watch?v=oKclnnLfRyk>

Parte 3

https://www.youtube.com/watch?v=kpiu_e9NF3w



BANCAR AS COBIÇAS DOS FILHOS?

Jorge Hessen

Atualmente paira sobre as famílias modernas uma grave ameaça em torno da cultura do prazer. O instituto familiar necessita de grande choque de modelo e, sobretudo, de muito apoio religioso para alcançar seu equilíbrio moral. Infelizmente, muitos pais querem que os filhos tenham prazer sem responsabilidade.

O estudo realizado pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) aponta que a maioria das mães não resiste às solicitações dos filhos quando eles exigem a compra de brinquedos, roupas e doces. A rigor, muitas crianças tem noção sobre quais astúcias utilizar para persuadir seus pais a comprarem o que elas querem.

Muitas vezes, os rogos “ingênuos” aparecem em forma de pirraça, intimidação, choradeira, induzindo alguns pais à sujeição. Contudo, ceder a todas as vontades dos filhos (no caso das compras) pode não apenas desequilibrar o orçamento familiar e levar os pais a contrair dívidas, porém também pode contribuir para instalar nas crianças uma série de comportamentos inadequados e tornar os filhos manipuladores e menos tolerantes à frustração, prejudicando seu desenvolvimento e suas relações sociais presentes e futuras.

Concordamos que uma das estratégias para evitar contendas com os filhos durante as compras pode ser combinar regras sobre o que poderá ou não ser comprado antes do passeio. Para que essa solução seja eficiente, a mãe deve ser clara e firme na hora do acordo. Os filhos, quando crianças, registram em seu psiquismo todas as atitudes dos pais, tanto as boas quanto às más, manifestadas na intimidade do lar. Por esta razão, os pais devem estar sempre atentos e, incansavelmente, buscando um diálogo franco com os filhos, sobretudo, amando-os, independentemente, de como se situam na escala evolutiva. Devemos transmitir segurança aos filhos através do afeto e do carinho constantes. Afinal, todo ser humano necessita ser amado, gostado, mesmo tendo consciência de seus defeitos, dificuldades e de suas reais diferenças.

A regra é clara, ninguém em casa pode fazer aquilo que não se pode fazer na sociedade. É preciso impor a obrigação de que o filho faça isso, deste modo, cria-se a noção de que ele tem que participar da vida comunitária. Um detalhe é muito importante: os espíritos sabem que a fase infantil, em sua primeira

etapa (dos 0 aos 7 anos), é a mais importante para a educação, e não podemos relaxar na orientação dos filhos, nas grandes revelações da vida. Sob nenhuma hipótese, essa primeira etapa reencarnatória deve ser enfrentada com indiferença e ou insensibilidade.

Principalmente a mãe que "deve ser o expoente divino de toda a compreensão espiritual e de todos os sacrifícios pela paz da família. A mãe terrestre deve compreender, antes de tudo, que seus filhos, primeiramente, são filhos de Deus. Desde a infância, deve prepará-los para o trabalho e para a luta que os espera. Desde os primeiros anos, deve ensinar a criança a fugir do abismo da liberdade, controlando-lhe as atitudes e concentrando-lhe as posições mentais, pois essa é a ocasião mais propícia à edificação das bases de uma vida. Ensinará a tolerância mais pura, mas não desdenhará a energia quando seja necessária no processo da educação, reconhecida a heterogeneidade das tendências e a diversidade dos temperamentos".(1)

Para Emmanuel a mãe "não deve dar razão a qualquer queixa dos filhos, sem exame desapassionado e metódico das questões, levantando-lhes os sentimentos para Deus, sem permitir que estacionem na futilidade ou nos prejuízos morais das situações transitórias do mundo. Na hipótese de fracassarem todas as suas dedicações e renúncias, compete às mães incompreendidas entregar o fruto de seus labores a Deus, prescindindo de qualquer julgamento do mundo, pois que o Pai de Misericórdia saberá apreciar os seus sacrifícios e abençoará as suas penas, no instituto sagrado da vida familiar".(2)

Os filhos rebeldes são filhos de nossas próprias obras, em vidas anteriores, cuja Bondade de Deus, agora, concede a possibilidade de se unir a nós pelos laços da consanguinidade, dando-nos a estupenda chance de resgate, reparação e os serviços árduos da educação. Dessa forma, diante dos filhos insurgentes e indisciplináveis, impenetráveis a todos os processos educativos, "os pais depois de movimentar todos os processos de amor e de energia no trabalho de orientação deles, é justo que esperem a manifestação da Providência Divina para o esclarecimento dos filhos incorrigíveis, compreendendo que essa manifestação deve chegar através de dores e de provas acerbadas, de modo a semear-lhes, com êxito, o campo da compreensão e do sentimento".(3)

Os pais, após esgotar todos os recursos a bem dos filhos e depois da prática sincera de todos os processos amorosos e enérgicos pela sua formação espiritual, sem êxito algum, "devem entregá-los a Deus, de modo que sejam naturalmente trabalhados pelos processos tristes e violentos da educação do mundo. A dor tem possibilidades desconhecidas para penetrar os espíritos, onde a linfa do amor não conseguiu brotar, não obstante o serviço inestimável do afeto paternal, humano. Eis a razão pela qual, em certas circunstâncias da vida, faz-se mister que os pais estejam revestidos de suprema resignação, reconhecendo no sofrimento que persegue os filhos a manifestação de uma

bondade superior, cujo buril oculto, constituído por sofrimentos, remodela e aperfeiçoa com vistas ao futuro espiritual.”.(4)

O Espiritismo não propõe soluções específicas, reprimindo ou regulamentando cada atitude, nem dita fórmulas mágicas de bom comportamento aos jovens. Prefere acatar, em toda sua amplitude, os dispositivos da lei divina, que asseguram, a todos, o direito de escolha (o livre-arbítrio) e a responsabilidade consequente de seus atos. Por todas essas razões, precisamos aprender a servir e perdoar; socorrer e ajudar os filhos entre as paredes do lar, sustentando o equilíbrio dos corações que se nos associam à existência e, se nos entregarmos realmente no combate à deserção do bem, reconheceremos os prodígios que se obtêm dos pequenos sacrifícios em casa por bases da terapêutica do amor.

Em últimas instancias quando os filhos são rebeldes e incorrigíveis, impermeáveis a todos os processos educativos, "os pais, depois de movimentar todos os processos de amor e de energia no trabalho de orientação educativa dos filhos, sem descontinuidade da dedicação e do sacrifício, que esperem a manifestação da Providência Divina para o esclarecimento dos filhos incorrigíveis, compreendendo que essa manifestação deve chegar através de dores e de provas acerbadas, de modo a semear-lhes, com êxito, o campo da compreensão e do sentimento.”(5)

Referências bibliográfica:

(1) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador. Pelo Espírito Emmanuel. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, per. 189

(2) Idem per. 189

(3) Idem per. 190

(4) Idem per. 191

(5) Idem per. 190



PERANTE A ANCESTRAL DEFERÊNCIA AOS “FINADOS”

Jorge Hessen

Segundo Leon Denis, o sentimento de cultuar os mortos foi moldado a partir de época bem remota e está sedimentado em quase todas as tendências religiosas. Para o autor de “Depois da morte” a comemoração dos mortos é um legado dos celtas. Porém os gauleses “em vez de comemorar nos cemitérios, entre túmulos, era no lar que eles celebravam a lembrança dos amigos afastados, mas não perdidos, que eles evocavam a memória dos espíritos amados que algumas vezes se manifestavam por meio das druidisas e dos bardos inspirados”. [1]

Assim, não veneravam os restos cadavéricos, mas a alma sobrevivente, e era na intimidade de cada habitação que celebravam a lembrança de seus mortos, longe das catacumbas, diferentemente dos povos primitivos. A Festa dos Espíritos era de suma importância para eles, pois homenageavam Samhain, “O Senhor da Morte”, festividade, essa, iniciada sempre na noite anterior a 1º de novembro, ou seja, no dia 31 de outubro.

Os romanos expulsaram e destruíram os druidas impondo o famigerado “cristianismo clérigo” (ou colérico?). Esse período histórico de frenética agitação, mais tarde foi mutilado pelos bárbaros, sobrevindo uma madrugada de dez séculos (a indigesta Idade Média), que proscreeu o espiritualismo e entronizou a superstição, o sobrenatural, o milagre, a beatificação, a santificação e o decisivo entorpecimento da consciência humana.

A história oficial da Igreja romana registra que foi no Mosteiro beneditino de Cluny, no sul da França, no ano de 998, que o Abade Odilon promovia a celebração do dia 2 de novembro, em memória dos mortos, dentro de uma perspectiva catolicista. Somente em 1311 foi sancionada, em Roma, oficialmente, a memória dos falecidos, porém foi Bento XV quem universalizou tal celebração, em 1915, dentre os católicos, cuja expansão da religião auxiliou, ainda mais, a difusão desse costume.

A legislação vigente no Brasil estabelece o dia 2 de novembro como feriado nacional, para que as pessoas possam homenagear seus “mortos”. Obviamente devemos respeitar os desencarnados como um impositivo do amor e da fraternidade, sem que precisemos consolidar esses nobres sentimentos diante dos túmulos, nem que nossas lembranças ou homenagens sejam realizadas em um dia especial, oficialmente estabelecido.

Nos dias de hoje, essa celebração se desviou, e muito, do ritual “religioso”, transportando-se do foco sentimental e emocional para o mercantil, uma vez

que a comercialização de flores, velas, santinhos, escapulários e a eventual preocupação para a conservação dos túmulos (normalmente, só são lembrados em novembro) respondem por esse protocolo social.

O esplendor dos túmulos fúnebres determinada por parentes que desejam honrar a memória do falecido, ainda compõem o cardápio da soberba e orgulho dos parentes, que psicologicamente visam primeiramente "honrarem-se" a si mesmos. Nem sempre é pelo "finado" que se fazem todas essas demonstrações, mas por empáfia, por apreço ao mundo e à vezes para exibição de riqueza. Ora, é inútil o endinheirado aventurar-se em eternizar a sua memória por meio de magníficos mausoléus.

Recebemos sábias lições dos Benfeitores sobre funerais e celebração em memória dos "mortos", senão vejamos: os Espíritos Superiores afirmam que os chamados "mortos" são sensíveis à saudade dos que os amavam na Terra e que, de alguma forma, "a sua lembrança aumenta-lhes a felicidade, se são felizes, e se são infelizes, serve-lhes de alívio." [2] Porém, em se referindo ao dia dos "finados", atestam que é um dia como outro qualquer, até porque os espíritos são sensíveis aos nossos pensamentos, não às solenidades humanas. No dia dos finados eles só "reúnem-se em maior número, porque maior é o número de pessoas que os chamam. Mas cada um só comparece em atenção aos seus amigos, e não pela multidão dos indiferentes." [3]

A tradicional visita ao túmulo, em massa, não significa que venha trazer satisfação ao "morto", até porque uma prece feita em sua intenção vale mais. É bem verdade que a "visita ao túmulo é uma maneira de manifestar que se pensa no Espírito ausente: é a exteriorização desse fato (...) mas é a prece que santifica o ato de lembrar; pouco importa o lugar se a lembrança é ditada pelo coração." [4] Conhecemos pessoas (aliás muitas delas) que solicitam, antes mesmo de morrerem, que sejam enterradas em tal ou qual cemitério. Essa atitude, sem sombra de dúvida, demonstra inferioridade moral. "O que representa um pedaço de terra, mais do que outro, para o Espírito elevado?" [5]

Refletamos juntos: o dia de "finados" é consagrado aos falecidos libertos ou aos mortos que ainda estão jungidos à vida material? Existem duas possibilidades de mortos: os que se sentem totalmente livres do arcabouço carnal, porém "vivos" para uma vida espiritual plena, e os que permanecem com a sensação de que, ainda, estão encarnados, porém "mortos" para a vida física, pois somente vivenciam, na espiritualidade, a vida animal. "Para o mundo, mortos são os que despiram a carne; para Jesus, são os que vivem imersos na matéria, alheios à vida primitiva que é a espiritual. É o que explica aquele célebre ensinamento evangélico, em que a pessoa prontificou-se a seguir o Mestre, mas antes queria enterrar seu pai que havia falecido, e Jesus conclamou" [6] - "Deixai aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos, tu, porém, vai anunciar o Reino de Deus". [7]

É óbvio que "faz sentido rememorar com alegria e não lastimar os que já partiram, e que estão plenamente vivos. Finados é uma mistura de alegria e dor, de presença-ausência, de festa e saudade. Aos que ficamos por aqui, cabe-

nos refletir e celebrar a vida com amor e ternura, para depois, quiçá, não amargar no remorso. Aos que partiram, nossa prece, nossa gratidão, nossa saudade, nosso carinho, nosso amor!" [8]

Se formos capazes de orar, com serenidade e confiança, transformando a saudade em esperança, sentiremos a presença dos parentes e amigos desencarnados entre nós, envolvendo-nos o coração com alegria e paz. Por esta razão e muitas outras, façamos do dia 2 de novembro um dia de reverência à vida, lembrando carinhosamente os que nos antecederam de retorno à pátria espiritual, e também os que conosco ainda jornadaem pelos caminhos da existência terrena.

Referências bibliográficas:

[1] Denis, Leon. O gênio céltico e o mundo invisível. Rio de Janeiro: Ed.CELD. 1995. p. 180

[2] Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, Perg. 320

[3] _____, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, Perg. 321

[4] _____, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, Perg. 323

[5] _____, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, Perg. 325

[6] _____ Disponível em
http://www.feal.com.br/colunistas.php?art_id=6&col_id=9 acessado em
26/10/2015

[7] Lucas 9: 51-62

[8] Editorial do Jornal Mundo Espírita – novembro 2006



EVITEMOS DA SÍNDROME DO "COITADINHO"

Jorge Hessen

O problema da pobreza é muito diverso e complexo. Talvez o ser pobre significa ter falta de segurança e estabilidade, portanto não é só uma questão de carência de dinheiro. O mundo atual tem alguns vencedores e muitos perdedores. Os pobres se encaixam na categoria dos perdedores, daqueles que não podem surfar na onda de mudança e que, de certa forma, são esmagados por ela.

A palavra "pobre" deriva do latim pauper, radicado em paucus (pouco). No conceito original, "pobre" não era o deserdado, mas o terreno agrícola ou gado que não produzia o suficiente. Sob outro ponto de vista, entre alguns grupos, especificamente os religiosos, a pobreza é considerada como necessária e desejável, e deve ser aceita para alcançar um certo nível espiritual, moral ou intelectual.

Nesse aspecto, o papa Francisco assevera que a Igreja deve articular com a verdade e também com o testemunho da pobreza. Não é possível que um fiel fale de pobreza e dos sem teto e leve uma vida de faraó. Na Igreja há alguns que, ao invés de servir, de pensar nos demais, se servem da Igreja. São os arrivistas, os apegados ao dinheiro. Quantos padres e bispos deste tipo já vimos? É triste dizer, não? Pronunciei o pontífice ao jornal holandês "Straatnieuws", de Utrecht.

A pobreza é considerada como um elemento essencial de renúncia por budistas e jainistas enquanto que para o catolicismo romano, como vimos acima, é um princípio evangélico e é assumido como um voto por várias ordens religiosas e é entendida de várias formas. A ordem franciscana, por exemplo, abandona tradicionalmente todas as formas de posse de bens. Neste caso, a pobreza voluntária é normalmente entendida como um benefício para o indivíduo, uma forma de autodisciplina através do qual as pessoas se aproximam de Deus.

O professor de psicologia Elliot Berkman, diretor do Laboratório de Neurociência Social e Afetiva da Universidade do Oregon/EUA, estuda como o cérebro é parte da armadilha da pobreza. As pessoas pobres frequentemente têm muita motivação para trabalhar duro e ter vários empregos porque colocam o foco na sobrevivência no momento presente ao invés do sucesso de longo prazo. Libertar as pessoas da preocupação da sobrevivência diária é a melhor forma de garantir que eles foquem no futuro. Afiança Berkman.

Para o Espiritismo, a pobreza, tal como a riqueza, nada mais é que uma prova pela qual o Espírito necessita passar, tendo em vista um objetivo mais alto que é o seu progresso. Deus concede, pois, a uns a prova da riqueza, e a outros a da pobreza, para experimentá-los de modos diferentes. A pobreza é, para os que a sofrem, a prova da paciência e da resignação.

Ao que nasce na pobreza é dado aprender o valor do trabalho árduo, resistir às tentações do ganho fácil, descobrir os valores reais do espírito, e não raro se vê entre os pobres as mais dignas demonstrações de solidariedade. Na pobreza aprendemos a nos compadecer dos males alheios fazendo-nos compreendê-los melhor.

É evidente que a desigual repartição de bens materiais, culturais e políticos exclui um vasto número de pessoas deserdadas dos processos de participação e consente a coexistência em formas inumanas de sobrevivência e de insignificante protagonismo social. Por isso mesmo, diante dos deserdados, a nossa primeira e obrigatória ação deve ser a do auxílio.

Mas primeiramente suavizemos o sofrimento dos pobres, abraçando-o fraternalmente, manifestando de tal modo o nosso sentimento de acolhida a fim de estabelecer o laço de confiança essencial e poder ajudá-los. Em seguida, nos informemos a respeito da situação transitória de seu sofrimento. Dessa forma, não cairemos nas armadilhas que consideram o pobre como “coitadinho”, não vendo nele as potencialidades de Espírito imortal e de indivíduo capaz de, com as devidas oportunidades, prover dignamente a própria existência.

Aliás, a síndrome do “coitadinho” é uma das moléstias oportunistas mais comuns da sociedade atual, onde muitos deserdados têm medo de encarar a vida de frente e de cabeça erguida, sendo maduros e responsáveis. A principal característica de uma pessoa que sofre da síndrome do “coitadinho” é colocar-se como “vítima” das circunstâncias, e como tal passa a ideia de que a culpa de sua pobreza é dos outros. Aliás, os oportunistas das ideias do socialismo ATEU adoram fazer isso!

Diante dos pobres, procuremos nos informar de suas lutas materiais e verifiquemos se a oferta de trabalho e de orientação espírita não será mais eficaz do que a aviltante doação da esmola em seu favor. Recordando aqui que a esmola dentro da lógica assistencialista é uma ação que atende a deficiência material sem o móvel educativo e que envilece a humanidade do sujeito, adestrando-o à condição da mendicância ou da dependência. Como tal, não atende ao projeto regenerador do Espiritismo para Humanidade.

Não se pode esquecer que a Lei do Trabalho e do Progresso, promulgada em O Livro dos Espíritos, relata justamente a importância de o indivíduo romper com o acomodamento e ultrapassar os obstáculos existenciais, o que inclui buscar sair também da penúria material (pobreza) através de seu esforço.



DIANTE DE UM FILHO, CUJO CORPO GÉLIDO JAZ DEITADO NO CAIXÃO

Jorge Hessen

O que poderíamos explanar, evitando a redundância, perante o depoimento abaixo da escritora Graziela Gilioli [1]? Impossível não admirá-la, reverenciá-la. Num dos mais marcantes episódio de sua vida, ela declarou que durante os quase dois anos em que o seu filho caçula (à época com 14 anos) esteve internado no hospital com o diagnóstico de neurablastoma [2] aprendeu que o sofrimento pela “perda” de um filho é inevitável. Mas que se pode escolher de que jeito viver: nutrindo tristeza ou resignação construtiva. [3]

Conquanto não se declare espírita demonstrou uma sabedoria espiritual e grandeza d’alma insólitas perante a desencarnação de seu filho. Gilioti escreveu que tinha dois filhos e há doze anos eles se separaram por uma escolha do destino. Seu filho mais velho (hoje com 28 anos), vive aqui na Terra [encarnado] e o filho caçula vive num outro mundo [desencarnado] que ela “desconhece”. Para Graziela, ante a própria percepção de eternidade, lá no “desconhecido” [além túmulo] não se contam os dias, por isso seu caçulinha permanece com 14 anos, para sempre. [4]

Leiga (sob o ponto de vista espírita) Graziela descreve com excelsa clareza que somos tímidos em pensar na morte. Acreditamos que se não tocarmos nesse assunto teremos paz e conforto, e é essa ilusão que nos impede de compreender a vida em sua plenitude. Na sua lucidez garante que em nada nos ajuda vivermos como se a morte fosse um engano ou um azar ou uma injustiça que atinge apenas alguns desafortunados. Aceitar o próprio destino não é uma atitude passiva, é uma escolha, a chance de escolher como viver o que o destino nos oferece. Por que abrir mão disso? Professou.

A escritora recomenda-nos buscarmos sermos felizes, por escolha. Para ela, o ser feliz é uma decisão difícil [mormente diante da morte de um filho], mas nos ajuda a conviver com as dores mais profundas que nos acompanham durante a vida toda. Diante de tantos prodígios que fazem nossa vida possível como não agradecer o que temos? É verdade! A gratidão pela vida não deveria ser um pequeno detalhe no meio dos afazeres do dia a dia e sim a coisa mais importante de tudo. Aprender a viver com serenidade para aceitar com naturalidade as coisas que facilitam ou dificultam nossa vida pode ser um bom começo para descobrirmos o que importa na vida.

Revelo que lendo na íntegra o testemunho de Graziela Gilioli (vide link nas referências abaixo), meus olhos estiveram submersos nas fartas lágrimas que insistentemente brotaram das glândulas lacrimais. Nesse “frisson” psicológico,

minha garganta esmagou a respiração sob o impulso de uma consciência que sussurrava para mim mesmo, Jorge como agiria no momento do “adeus extremo” para um dos 5 filhos deitado no interior de um ataúde?

Obviamente a verdade espírita consola bastante nesses instantes cruciais, todavia, sei que a minha agonia terá o tamanho exato da dor daquele que neste exato instante está diante de um filho, cujo corpo gélido jaz deitado num caixão. Todavia, embora sob o guante da saudade, importa eleger viver com dignidade, alimentando resignação diante da inabalável certeza da imortalidade.

Notas e referências bibliográficas:

[1] Palestrante, escritora e fotógrafa premiada na 10ª Bienal Internacional de Arte de Roma.

[2] um tipo de câncer que se desenvolve principalmente em crianças com menos de cinco anos de idade. Ele nasce a partir das células nervosas em várias partes do corpo, como pescoço, tórax, abdômen ou pélvis, mas é mais comum nos tecidos da glândula suprarrenal.

[3] Disponível em <http://projetodraft.com/a-morte-do-meu-filho-me-ensinou-que-a-gente-pode-escolher-de-que-jeito-queremos-viver-felizes-ou-tristes/> acessado em 11/11/2015



AS ARENGAS SOBRE O “DE MENOR”

Jorge Hessen

Foi altruística indubitavelmente a reação do carioca Deivid Domênico, carteiro, músico e autor do samba enredo 2016 da “estação primeira da Mangueira” que após ter o celular roubado por um menor infrator (na janela do ônibus), conseguiu detê-lo, protegendo-o de um possível linchamento. Acompanhou o delinquente “de menor” até a delegacia, prometendo visitá-lo no centro de reclusão para onde foi levado.

Deivid é contra a redução da maioridade penal, e de forma um tanto burlesca disse que seguirá o “conselho” da Rachel Sheherazade[1], adotando “seu” bandido “apreendido”. Contudo, a opinião do carteiro sambista não reflete a tendência da sociedade brasileira, conforme consigna a última pesquisa nacional em torno do tema: segundo o instituto Datafolha, 87% dos brasileiros são favoráveis à redução.[2]

Sei perfeitamente que é ingenuidade acreditar que a redução da maioridade para 16 anos resolverá o problema da criminalidade. O que o nosso país necessita é de ética, moralização, patriotismo e educação. A única educação que poderia reduzir a criminalidade é a educação moral, aquela dada em casa pelos pais, a educação formal das escolas apenas instrui e há “menores criminosos (‘infratores’) muito bem instruídos. a solução não deve ser tão simplista. Mas aos menores criminosos (‘infratores’) deve haver punição, responsabilização e ressocialização.

Quanto aos “de menores” imersos nos desvãos da criminalidade é importante distinguir e separar: os violentos cruéis, que expressam real perigo para a sociedade, que deveriam ser ressocializados numa penitenciária, que por sua vez também precisa ser humanizada, pois que no Brasil encontra-se em estágio adiantadíssimo de decomposição moral.

Em relação aos delinquentes não violentos, a solução deve ser a reeducação imprescindível, em período integral e em regime de cerceamento da liberdade, pois, nenhuma sociedade moralmente sadia aceita milhões de crianças e “de menores” desamparados nas ruas. Lamentavelmente a Organização das Nações Unidas revelou que o Brasil ocupa o sétimo lugar no ranking dos países mais violentos.

Mas, falar sobre a educação no Brasil é miragem. Por estas plagas a irreflexão de educadores imaturos, não habilitados moralmente para os relevantes misteres de preparação das mentes e caracteres em formação, contribui com

larga quota de responsabilidade no capítulo da delinquência juvenil, da agressividade e da violência vigentes na utópica “Pátria do Evangelho”.

Sem subterfúgios inócuos, apesar de ser a opinião dominante entre os especialistas que transformar de 18 para 16 anos a maioridade penal não restringirá a violência e não conseguirá afastar o “de menor” da criminalidade, urge reconhecer que é consenso, na maioria da população descrente do judiciário, que medidas urgentes precisam ser tomadas para garantir a redução da criminalidade, a fim de que não sejam massacrados, trucidados, assassinados por “de menores” (apiedados pela Lei) ou “de maiores” incorrigíveis, os seres de bem (crianças, jovens, adultos e velhos) nessa alucinada e interminável guerra urbana.

Referências:

[1] “Conselho” lançado pela jornalista Raquel Sheherazade (SBT), depois que um grupo de bandidos de classe média, no Rio de Janeiro, chamados “Bairro do Flamengo”, prenderam, espancaram e amarraram em um poste um jovem “criminoso” ou “possível criminoso” (O Globo 5/2/14, p. 8).

[2] Diponível em
http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151109_salasocial_adoteum_bandido_rs acesso em 17/11/2015



DESAMPARO AFETIVO

Jorge Hessen

A 2ª Câmara de Direito Civil do Tribunal de Justiça de Santa Catarina negou indenização por danos morais a uma filha que alegava “abandono afetivo” do pai. O tribunal entende que não se pode obrigar um pai a amar o filho com a ameaça de indenização. Segundo o desembargador Gilberto Gomes de Oliveira, relator do caso “o afeto não é algo que se possa cobrar, quer in natura ou em pecúnia, tampouco se pode obrigar alguém a tê-lo, pois não se pode exigir que pai ame filhos com ameaça de indenização”. [1]

Em direção oposta, três anos atrás, a 3ª Turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ) condenou um pai a indenizar em R\$ 200 mil a filha por “abandono afetivo”. A ministra Nancy Andrighi entendeu que é possível exigir indenização por dano moral decorrente de “abandono afetivo” pelos pais. Para ela “amar é faculdade, cuidar é dever”, afirmou no acórdão, pois não há motivo para tratar os danos das relações familiares de forma diferente de outros danos civis.” [2]

A ministra Andrighi ressaltou que nas relações familiares o dano moral pode envolver questões subjetivas, como afetividade, mágoa ou amor, tornando difícil a identificação dos elementos que tradicionalmente compõem o dano moral indenizável: dano, culpa do autor e nexo causal. Porém, entendeu que a paternidade traz vínculo objetivo, com previsões legais e constitucionais de obrigações mínimas. Concluindo que “aqui não se fala ou se discute o amar e, sim, a imposição biológica e legal de cuidar, que é dever jurídico, corolário da liberdade das pessoas de gerarem ou adotarem filhos”, argumentou a ministra. [3]

Sob as vias dos contextos jurídicos, Samara Luiza Pereira Hessen[4], técnica judiciária do Tribunal de Justiça do DF, formanda em direito, explicou-me que “o dano moral possui dois aspectos: o primeiro é a condenação de alguém ao pagamento de danos morais para compensar algum sofrimento que adveio sobre a vítima. Sob este ponto de vista, e considerando que o pai biológico tivesse arcado com todas as obrigações legais, não haveria que se falar em sofrimento da vítima, consequentemente seria impossível a condenação de alguém por “abandono afetivo”.

Entretanto, conforme Samara Luiza, “existe a teoria do desestímulo (punitive damages), ou seja, o que se condena é a atitude do agente causador do dano. Assim, ter um filho e simplesmente pagar pensão alimentícia, sem cumprir com o dever de pai, causaria indenização por danos morais, além de coibir que outros tenham filhos e simplesmente paguem pensão alimentícia, sem a

preocupação de formalizarem a família, de acompanharem o crescimento do filho”.

Sob quaisquer aspectos jurídico ou espírita, elevado é o preço que pagamos pelas lesões afetivas[5] que provocamos nos outros. Rodeando o tema, sem propor debatê-lo em profundidade em face do contexto jurídico sobre a eficácia ou não da indenização por danos morais por “abandono afetivo”, ressaltamos que os pais que não assumem seus filhos (bastardos ou não) comprometem drasticamente a composição psicológica dos rebentos. A consternação de experimentar a rejeição afetiva continuará até que o filho recusado consiga optar pelo indulto.

Em psicologia, o termo afetividade é utilizado para designar a suscetibilidade que o ser humano experimenta perante determinadas alterações que acontecem no mundo exterior ou em si próprio. Nossa vida afetiva é composta de dois afetos básicos: o amor e o desamor. Esses dois elementos estão presentes em nossa vida psíquica e também estão juntos em nossas expressões, ações e pensamentos. A afetividade não se vive por estes meros sentimentos e sim pela prática, pela ação que vem oriunda do sentimento. Afeição é uma atitude, e não somente um sentimento. A relação de mãe e pai para com os filhos naturais é afeto automático.

Já as relações afetivas de amizade ou de amor, precisam ser cultivadas. Os vínculos afetuosos, na Terra, permitem-nos abeirar dos nossos afetos e desafetos do pretérito, que também renascem sob liames biológicos, em sujeição aos compromissos assumidos com as leis da vida. Desta forma, as ligações da consanguinidade nos possibilitam experiências em comum, nas quais podemos nos tornar instrumentos de aprendizado recíproco.

Sim! O convívio no corpo nos enseja o desenvolvimento da compreensão, da paciência, do perdão, da abnegação, valores que, gradualmente, nos educam o amor absoluto. Mas se não nos habituamos a renunciar, a abdicar mormente de nós mesmos, nos doarmos pelo próximo, despojar-nos de ambições, enfim, não esperar que a vida gire à nossa volta, sofreremos os reveses naturais de maneira inevitável. Em face disso, aos pais e filhos (bastardos ou não) sem cogitar de serem amados a qualquer preço, lhes é indispensável amar, especialmente àqueles que talvez não alcancem evidenciar o verdadeiro e desapaixonado amor em razão das circunstâncias talhadas pela vida.

Referências:

[1] Disponível em <http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/nao-se-pode-exigir-que-pai-ame-filhos-com-ameaca-de-indenizacao-diz-justica/> acesso 20/11/2015

[2] Disponível em <http://oglobo.globo.com/brasil/stj-condena-pai-indenizar-filha-por-abandono-afetivo-4793531> acesso 21/11/2015

[3] Idem

[4] Filha do autor do texto

[5] Afetividade, Afecção, do Latim *afficere ad actio*, onde o sujeito se fixa, onde o sujeito se liga.



JESUS, ESPIRITISMO E AS OPERÁRIAS DIVINAS DO CRIADOR

Jorge Hessen

A primeira das congregações cristãs surgiu na Galileia, e era composta principalmente de mulheres simples, do povo. Tais sustentáculos do Evangelho socorriam os mendigos, pedintes, coxos, aleijados. Na crise do Calvário, as mulheres galileias tiveram posição destacada ao pé da cruz. A “Casa do caminho” contou com a colaboração fundamental delas. Portanto, elas não foram simples coadjuvantes das passagens que marcaram os tempos apostólicos. Foram as testemunhas de momentos-chave daqueles tempos em que as mulheres eram tratadas como seres de “segunda classe”, porém o Cristo as tratava com respeito incondicional.

No primeiro prodígio público do Mestre, nas bodas de Caná, é descrita a pujante fé exercida por Maria de Nazaré ao instruir os servos a obedecerem ao seu Filho amado: “Fazei tudo quanto Ele vos disser”. [1] Logo, as talhas de água foram enchidas, e o Senhor transformou a água em vinho atendendo ao pedido de ajuda de Maria para servir aos convidados do casamento.

Junto à mulher de Samaria o Mestre comprova sua reverência a todas as mulheres, sem distinção de nacionalidade ou formação religiosa. Após marchar sob um sol causticante, o divino Carpinteiro parou para descansar e abater a sede. Iniciou uma conversa com aquela samaritana à beira do poço de Jacó e solicitou um pouco d’água. Gradualmente, ao longo da conversa, a samaritana assumiu um testemunho da divindade daquele homem, primeiro chamando-o “judeu”, depois de “Senhor”, então “profeta” e por fim de “Messias”. Ressalte-se que os judeus consideravam os samaritanos mais abomináveis do que quaisquer outros gentios e evitavam ter contato social com eles. Além do mais, nessa ocorrência, o Divino Rabi além de abandonar as tradições judaicas declarou pela primeira vez para a mulher que era o Cristo.[2].

O excelso Galileu informou que tinha a “água viva” [3] e os que bebessem dela jamais teriam sede. Assombrada, a samaritana fez outras indagações. O príncipe da Paz, então, revelou a desventura dela e seu atual relacionamento “impuro”. Embora ela pudesse ter-se sentido envergonhada, percebeu, porém, que Jesus lhe falou com benignidade, porquanto respondeu, absorta: “Senhor, vejo que és profeta”. [4] Ela, então, deixando o pote de água foi até a cidade e anunciou: “Vinde, vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Porventura não é este o Cristo?” [5]

Jesus sempre atento às mulheres conhecia os detalhes da vida delas. Além disso, Ele as respeitava independentemente da condição moral de cada uma. Tal como ocorreu noutro episódio com a mulher adúltera. Embora os escribas e fariseus persistissem em provocar Jesus e a humilhar a adúltera, o Mestre, por compaixão da mulher caída, lançou a sentença aos acusadores: Aquele que de entre vós estiver sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela. [6]. Condenando-se a si mesmos, os acusadores, um a um, afastaram-se humilhados, deixando apenas a frágil mulher diante do Governador da Terra que perguntou-lhe: “Onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? E ela disse: Ninguém, Senhor!. E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno; vai-te, e não peques mais” [7].

Como observamos Jesus tratava as mulheres com compaixão e respeito, a despeito das suas histórias. Noutro episódio demonstrou empatia consolando a convertida de Magdala quando a encontrou em lágrimas no jardim do sepulcro. Narra o evangelista: “No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu a pedra tirada do sepulcro” [8]. Ao ver que a pedra havia sido removida, Maria correu para procurar ajuda e para alertar os apóstolos de que o corpo de Jesus desaparecera. Ela encontrou Pedro e João, que correram ao sepulcro e somente encontraram as roupas de sepultamento. Então, os dois apóstolos partiram, deixando Maria sozinha no jardim da sepultura.

Madalena estava chorando no jardim que ficava junto à catacumba: a ideia de não saber o que havia acontecido com o corpo do Crucificado pode tê-la deixado desolada. Embora o Mestre lhe tenha aparecido e falado com ela, a princípio ela não O reconheceu. Mas então “disse-lhe Jesus: Maria!” [9] neste instante algo fez com que ela soubesse que se tratava de Filho de Deus. O reconhecimento foi instantâneo. Seus olhos em lágrimas brilharam de alegria. Depois de testemunhar o Senhor “ressuscitado”, foi pedido a Maria que testificasse aos apóstolos que Ele estava vivo.

Madalena obedeceu. Embora os discípulos tenham se mostrado céticos a princípio [10], o testemunho da convertida de Magdala deve ter tido algum impacto. Mais tarde, os discípulos estavam reunidos para falar dos acontecimentos daquele dia, provavelmente ponderando o testemunho de Madalena, quando “chegou Jesus, e pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco”. [11]

Historicamente o patriarcalismo ancestral tem dominado a trajetória do Cristianismo. Os donos da Igreja entronizaram um Deus “Pai” e não Mãe, um Criador e não Criadora, exaltaram os 12 apóstolos e não as apóstolas, exaltaram o filho de Deus e não filha.

Mas sem sombra de dúvida que foram as mulheres que não só participaram, como protagonizaram boa parte dos momentos decisivos da Boa Nova. Recordemos Maria Salomé (esposa de Zebedeu), Maria [esposa de Cléofas], Maria (mãe de João Marcos), Maria e sua irmã Marta (irmãs de Lázaro) Lídia (mãe de Silas), Joana de Cusa, Loíde (avó de Timóteo) Eunice (mãe de

Timóteo), Priscila (esposa de Áquila) Lídia (viúva digna e generosa) Suzana dentre outras que trabalharam nos “bastidores”.

Prosseguindo no tempo, vamos identificar a força das mulheres no protagonismo da Terceira Revelação. Foram elas, as irmãs Fox, Florence Cook, Amália Domingo y Soler, Elisabeth D'Espérance, Eusápia Paladino, Roger, Plainemaison que colaboraram intensamente para a propagação da imortalidade. Allan Kardec teve incondicional apoio moral de sua consorte Amélie Gabrielle Boudet, estudou as arrebatadoras mediunidades das irmãs Julie Baudin e Caroline Baudin, Ruth Celine Japhet, Aline Carlotti e Ermance Dufaux.

Para quem desconhece, saibamos que as irmãs Baudin psicografaram a quase totalidade das questões de O Livro dos Espíritos nas reuniões familiares dirigidas por seus pais e gerenciadas pelo mestre de Lyon. A senhorita Ruth Celine Japhet foi a medianeira responsável pela revisão completa do texto, incluindo adições do livro pioneiro do Paracleto. A jovem Aline Carlotti [12] era membro do grupo de médiuns através do qual Kardec referendou as questões mais espinhosas do Livro dos Espíritos, fazendo uso da Concordância dos Ensinos dos Espíritos.[13]

Afinal, não poderíamos deixar de bancar uma justa homenagem às personagens espirituais (populares entre os brasileiros), a saber: Maria Dolores, Meimei, Auta de Souza, ministra Veneranda, Sheila, Maria João de Deus (mãe de Chico Xavier), Joana de Angelis, irmã Rosália, Maria Dolores, Ad



“SELFIES” ALIENANTES

Jorge Hessen

As tecnologias pessoais, sobretudo os smartphones, revolucionaram o formato com que as pessoas se expressam no dia-a-dia na atualidade, e a selfie faz parte dessa transformação. Experimenta-se a neurose do selfie (derivada do termo inglês self (eu) junto ao sufixo “ie” – um tipo de fotografia), para indicar uma espécie de autorretrato, tradicionalmente exposto na rede social que tem contagiado a muitos, principalmente no Instagram e Facebook. O indivíduo aponta o smartphone para o próprio rosto e busca o melhor ângulo para tirar uma fotografia esmerada. Pode ser na praia, na festa, no parque, no restaurante ou em situação de alto risco de vida. A obsessão é tamanha que neste último caso chega a causar acidentes fatais.

Quando falamos em selfies aqui, os números não são nem de longe inexpressivos, ou seja, nada menos que 880 bilhões de fotos foram feitos apenas em 2014. Uma parcela relevante de auto-exposição na forma de autorretratos. Tais imagens podem camuflar ameaças, sobretudo quando as fotografias revelam uma conotação erotizante, uma posição lasciva. Obviamente a exposição de dados pessoais, informações e fotografias supostamente inocentes pode servir de matéria prima para os criminosos sempre de plantão.

Uma pessoa equilibrada, na maioria das vezes, posta selfies com imagens mais espontâneas, ao invés daquelas estrategicamente montadas e editadas. Pessoas mais invigilantes tendem a postar selfies às vezes mais erotizadas e exibicionistas, com o intuito de receber o maior número de “curtidas”, e com isso obterem uma falsa percepção de que são “amadas”. Há aqueles que fazem selfies nas academias retratando os corpos “sarados”, e se não tiverem “curtidas” e “comentários” ficam frustrados, deprimidos e ampliam os exercícios para esculturar o visual.

Pessoas que possuem pouca autoestima hipervalorizam o “olhar” do outro, ou seja, a aprovação do outro tende a ser muito importante para elas. Há alguns transtornos que podem estar associados ao comportamento descontrolado da produção de selfies, como depressão, fobia social, transtorno afetivo bipolar e transtorno dismórfico corporal (termo usado para designar a discrepância ou diferença entre aquilo que a pessoa acredita ser, em termos de imagem corporal, e aquilo que realmente é). Tais transtornos trazem prejuízos

concretos à vida do indivíduo, como isolamento social, anorexia, bulimia, automutilação e até suicídio.

Neste sentido, o vício de tirar centenas de selfies não é uma prática recomendável, até porque a “auto representação seletiva” não aumenta a autoestima e nem a autoconfiança. É preciso então estabelecer limites, critérios e cuidados para evitar os excessos. Ademais, o que leva um indivíduo a necessitar das curtidas e compartilhamentos da rede social?

Normalmente, carências afetivas são as principais causas da necessidade de se expor, de chamar a atenção. Quando não preenchidas, comumente provocam situações psicopatológicas extremas. Há pessoas (insanas) que vão tirar selfie próximas a animais ferozes, subindo no trilho de um trem, equilibrando-se no parapeito de uma ponte, nas culminâncias das torres ou ainda nos pontos mais altos de edifícios gigantes, que aliás têm sido uma das “modas” mais perigosas dos últimos tempos, e isso tem trazido consequências graves.

Os ‘selfies’, muito comumente têm o poder de desencadear a procura descomunal por atenção e dependência social, indicativas da precária autoestima e do patético egocentrismo. Essa forma de narcisismo excessivo pode ter efeitos trágicos sobre as relações pessoais, mormente quando não há limite entre o prudente e o extravagante no contexto da autopromoção visual, obviamente se isso transformar-se em prática muito frequente.

Será que estamos exagerando no diagnóstico de uma tendência inofensiva? Ou existem efeitos colaterais sociais e psicológicos graves no horizonte? A tecnologia precisa estar a nosso favor e a benefício da sociedade. Que tal se, em vez de postar constantemente o próprio retrato, postássemos imagens com informações culturais ou compartilhássemos projetos sociais importantes? Isso sim seria muito útil à sociedade. Porém não será através da postagem de milhares de fotos de si mesmo que se estará colaborando com a melhoria da vida no planeta. É necessário construir uma sociedade menos individualista e menos egocêntrica, colaborando para que as redes sociais possam ter sobretudo uma função de contribuição para a sociedade!

O nosso avanço espiritual consiste, exclusivamente, na forma de ver a vida, e isso nada mais é do que a demonstração de uma nova visão de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. O sentimento de inferioridade ou de baixa autoestima associa os viciados nas selfies a uma auto-exposição exagerada, a uma autonegligência ou desmazelo das coisas pessoais.

A incapacidade de avaliação do senso de autoconhecimento é também decorrência do sentimento de inferioridade, que nos remete à vivência entre “hábitos egoísticos” e a uma “hibernação dos sentimentos”. Portanto, o máximo sentido de nossa atual encarnação deve ser a conscientização da prosperidade de nosso mundo íntimo. Somos essências grandiosas à procura da perfeição relativa, cuja porta de entrada é o autodescobrimento.



CENTROS ESPIRITAS SURREAIS

Jorge Hessen

É muita imaturidade um dirigente de Centro Espírita nutrir acirrada hierarquia administrativa, considerando que o Espiritismo não admite hierarquia com ranços sacerdotais. É incabível tal dirigente inflexível no exercício do cargo desconectado dos encargos assumidos. Em face dessas incoerências aparecem nas instituições as censuráveis “ilhas de isolamento” entre os grupos de trabalhadores. Tal situação se instala por ausência de fraternidade e insuficiente estudo das obras da Codificação e isso resulta nas inconvenientes interpretações doutrinárias.

Em verdade, se adotamos o Espiritismo por opção religiosa não podemos negar lealdade aos Benfeitores Espirituais. Todavia, por ausência dessa lealdade doutrinária são difundidas confusões conceituais, sempre impostas e sustentadas por dirigentes inábeis, o que também tem mantido isoladas diversas casas espíritas, transformando-as em ilhas desérticas da efetiva fraternidade.

A prática de teorias e postulados extravagantes, desarmonizados com a simplicidade e pureza dos labores espíritas, danificam o objetivo da Casa Espírita e desorientam seus frequentadores. Quem identifica e compreende essa situação deve trabalhar para modificá-la. A via mais segura, para a transformação desse cenário, é a do esclarecimento, do estudo, do convencimento pela razão e pelo amor, sem intransigências.

Elencaremos aqui neste texto, à guisa de ilustração, algumas práticas não ajustadas com o Espiritismo que, por isso, devem ser arguidas sem tréguas, lembrando aos contemporizadores que é nas menores concessões que se desestrutura o edifício doutrinário e se danifica a programação da Terceira Revelação. Em razão disso, tornam-se imprescindíveis providências fraternas e seguras por parte dos espíritas ajuizados (os não omissos), contra ideologias impostas por dirigentes autoritários, arrogantes e intolerantes aos objetivos da fraternidade na casa espírita.

Dizem os Benfeitores (especialmente Emmanuel) que são raros os centros espíritas que podem exercer a mediunidade como deve ser exercida. Seria muito melhor e mais prudente, que os grupos espíritas imaturos, autoritários e descompromissados com a lealdade kardeciana intensificassem as reuniões de estudo sistemático, meditação e comentários coerentes para busca de decisões acertadas, eximindo-se de arriscado intercâmbio com as forças do além. A

prática mediúnica sem uma reforçada base cultural e moral será, inevitavelmente, um mergulho no despenhadeiro das sombras.

Um leitor informou-me que há "centros espíritas" que recomendam aplicações de "luzes coloridas" (cromoterapias), (pasmem!!!) visando "higienizar" auras e curar: "azias", "cálculos renais", "comichões", "dores de dente", "gripes", "soluços", "verminoses", "frieiras". Outros leitores disseram-me que existe casa espírita recomendando a terapia do carvão ("carvão terapia") para neutralizar "maus-olhados". Segundo a recomendação, para eficácia da tora de carvão a mesma deve ser colocada debaixo da cama e a família ficará imune ao grande flagelo da sociedade – a monstruosidade do "olho comprido". Ah! Expuseram-me também que em tal instituição "espírita" também se "engarrafam e arrolham" literalmente os obsessores.

Leitores do DF escreveram para mim e avisaram-me que nas terras candangas há uma terapia desobsessiva "infalível" e poderosíssima conhecida por "desobsessão por corrente magnética", com as mais "avançadas" e científicas técnicas exorcistas de aplicação dos tais "choques anímicos". Disseram-me que aplicam-se outros peculiares tratamentos desobsessivos tal como as "piramideterapias", as "gatoterapias" (!?) É verdade! Eu mesmo conheci uma pessoa que mantinha cinco gatos dentro de casa, para que tais felinos pudessem "atrair" as energias negativas da "inveja". Revelaram-me sobre as terapias dos cristais (cristalterapias), exalta-se a "avançadíssima" técnica desobsessiva da extravagante apometria e mais um monte de terapias surreais. Afiançaram-me que se aplicam passes magnéticos nas paredes dos centros para "descontaminá-las" e ainda há evocações de "ET's" para um possível "contato imediato"(!?)

Outro leitor escreveu-me relatando que existem dirigentes que promovem cerimônias de "casamentos", "crismas", "batizados" e "velórios" tudo isso no salão de reuniões públicas, além dos sempre "justificados" jogos de azar como as rifas e tómbolas. Promovem-se festivais da caridade, usam-se tribunas para a propaganda político-partidária. Isso, para não registrar aqui com maiores detalhes as bizarras técnicas das aplicações de passes com "bocejos", "toques", "ofegações", "choques anímicos" (será o "descarrego"?), "estalação dos dedos".

Para que sejam evitadas determinadas posturas de dirigentes autoritários ("donos" dos centros espíritas), que promovem confusões e tais terapias desobsessivas ineficazes em nome do Espiritismo é urgente que sejam convidados a estudar as obras da Codificação.

É imperioso entender que a prática de lealdade aos projetos e programações espíritas é processo de aprendizagem, com responsabilidade nas bases da Codificação e da dignidade cristã, sem quaisquer laivos de fanatismo, tendente a impossibilitar discussão sadia em torno dessas questões inacreditáveis. Vigilância e bom senso não fazem mal a ninguém.

Persistamos com Jesus e Kardec, sem receios de nada e de ninguém!



ISOLAMENTO SAUDÁVEL

Jorge Hessen

Define o dicionarista a “solidão” como um estado de quem se sente ou está só. Para os psicólogos a solidão é uma “moléstia astuciosa” que nenhum instrumento médico consegue identificar, o que resulta, quase sempre, em determinados reflexos comportamentais, a saber: isolamento, inabalável esmorecimento, irreprimível indisposição, tristeza sem causa, baixa autoestima.

O psicólogo John Cachopo, após 6 anos de estudos com 2 mil pessoas, afirma que os solitários correm mais risco de falecer do que os outros. É que a solidão eleva a pressão arterial e, logo, aumenta também os riscos de infartos e derrames. Além disso, o isolamento enfraquece o sistema imunológico e piora a qualidade do sono.

Não ignoramos que hoje em dia muitas pessoas moram sozinhas e levam uma vida relativamente serena. Não se pode dizer que são pessoas “doentes” se as mesmas se sintam bem nessa circunstância. Até porque, a sensação de isolamento pode estar presente em qualquer lugar ou situação, como numa festa com os amigos, no trabalho e até mesmo dentro de casa com a própria família.

Experimenta-se atualmente a sediciosa sensação de insulamento na multidão. Indivíduos cercados por pessoas em ônibus, metrô, aviões, estádios, avenidas, ruas, contudo, nessa avalanche de gente avultam os solitários na multidão. E quanto mais são cercados de pessoas, de barulho, de tarefas, mais se agrava a sensação de que estão sozinhos. Parece contraditório. Será a “tal solidão” a ausência de companhia? Consistiria em fuga da civilização?

Há os que defendem que solidão seja a arte do encontro com o vazio existencial. Esse vazio é de mão dupla. Uma é o da existência, da busca de um significado metafísico; a outra é o da ausência, da perda de algo importante. A liberdade é uma descoberta solitária e por isso muitos tentam evitá-la. Garantem tais estudiosos que a solidão é boa, que ficar sozinho não é vergonhoso. Todas as pessoas deveriam ficar sozinhas de vez em quando, para estabelecer um diálogo interno e descobrir sua força pessoal. Na solidão, o indivíduo entende que a harmonia e a paz de espírito só podem ser encontradas dentro dele mesmo.

Realmente há quem use a prodigiosa solidão como tempo de inspiração, análise e programação. Quando fazemos silêncio exterior, damos vazão ao mundo interno, intenso e palpitante. Há tanta gente mergulhada em alaridos

indigestos, dominada por conversas maledicentes ou pelo estrondo de risadas burlescas; há tanta gente rodeada de pessoas, mas com a alma amargurada, oprimida, oca. Lembremos que tudo tem o seu tempo determinado, conforme narra o Eclesiastes.

“Há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar, tempo de colher, tempo de chorar e tempo de sorrir; tempo de falar e tempo de silenciar também.” [1] Então, por que temer a frutífera solidão? Se a vida nos oferece ocasiões de solidão, saibamos abrigá-la como um tesouro. Aproveitemos cada instante para meditações.

Obviamente o “isolamento absoluto” é contrário a lei da Natureza, somos seres sociais e por instinto buscamos a sociedade e devemos concorrer para o seu progresso, auxiliando-nos mutuamente. Completamente isolados não dispomos de todas as faculdades. No isolamento incondicional ficamos brutalizados e morremos. Por essas razões é importante caracterizar as distintas solidões – aquela que significa fuga deliberada do convívio social daquela outra que nos abastece a alma.

A solidão com o serviço aos semelhantes gera a grandeza. A rocha que sustenta a planície costuma viver isolada e o Sol que alimenta o mundo inteiro brilha sozinho. Emmanuel ensina que “Jesus escalou o Calvário, de cruz aos ombros feridos e ninguém o seguiu na morte afrontosa, à exceção de dois malfeitores, constrangidos à punição, em obediência à justiça. [2]

Não esperemos pelos outros, na marcha de sacrifício e engrandecimento. “E não olvidemos que, pelo ministério da redenção que exerceu para todas as criaturas, o Divino Amigo dos Homens não somente viveu, lutou e sofreu sozinho, mas também foi perseguido e crucificado...” [3]

Referências bibliográficas;

[1] Eclesiastes 3:1-8

[2] Xavier, Francisco Cândido. Fonte Viva, ditado pelo Espírito Emmanuel, cap. 70, RJ: Ed. FEB, 1999

[3] Idem



OREMOS, SABENDO QUE A OMISSÃO É A MAIOR INIMIGA DA PAZ

Jorge Hessen

Rui Barbosa dizia que a mais trágica ditadura de um país é a do judiciário, pois contra ela não há para onde recorrer. De fato, quando a “Carta Magna” é desrespeitada não há salvação. Expunha o “Águia de Haia” que “de tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto”. (Grifei)

O atual panorama político do Brasil é preocupante para a paz. Sob o guante dessa debilitada conjuntura, o brasileiro vem suportando, no limítrofe do suportável, os escombros de um projeto de um grupo de “salvadores da pátria” absolutamente cleptocrata. Festeja-se hoje a gestão pública estouvada. Governo que não se constrange ao nulificar a lei de responsabilidade fiscal. O “incomodado” e “acomodado” povo brasileiro está testemunhando o mais profundo colapso moral desde o “descobrimento” do País.

Refletindo os atuais noticiários e os manifestos populares contra a desmoralização judiciária e a corrupção generalizada, possuímos armas poderosas. Sim! Empunhemos a arma da tolerância (sem omissão) e do amor (sem acomodação), até porque se não orarmos, se não exorarmos a intervenção amorosa de Jesus, possivelmente em pouco tempo, todos estaremos sob o tacão de chumbo da agourenta ditadura unipartidária RUBRA.

Nesse sentido, em face da ditadura e endeusada vocação “vermelha”, uma das consequências imediatas será a privação de liberdade. Sim, os cristãos e por consequência os espíritas seremos proibidos de praticar o Espiritismo. É verdade! Hoje é proibida a prática espírita no mundo comunista da República Popular da China, da Coreia do Norte, da República Socialista do Vietname, da República Democrática Popular de Laos, e com extremas restrições em República de Cuba, e Venezuela. Além dos supracitados, há alguns estados pluripartidários que atualmente possuem partidos comunistas no poder cerceando liberdades. Como o Chipre e o Nepal.

Em verdade os tradicionalmente radicais militantes políticos comunistas (ateus), não têm compromissos com o Evangelho, são hostis, erigem facções (suprapartidárias), aparelham (adornam) os poderes (executivo, legislativo e principalmente o judiciário) e conquistam foros de absoluto poder (cada vez

mais possante e contraditório) sob as bênçãos sacrossanta das falcatruas e aniquilamento da ética já institucionalizadas.

Em nosso país, conquanto as rédeas do poder “democrático” conservam-se, desde os meados da década de 1980, nas mãos de alguns políticos que não têm nenhum escrúpulo e nem compromisso com a honra, não podemos jamais desanimar das virtudes, nem zombar da honestidade e muito menos nos envergonharmos de agir patrioticamente. Por isso, não podemos silenciar diante da deterioração do judiciário e do patético panorama social, político e econômico que ora estamos amargando.

Repetimos que o magnífico povo brasileiro é o povo “incomodado” mais “acomodado” do mundo. Isso não é bom! Nossa omissão pode ser catastrófica, pois toda omissão é criminosa, por isso é insensato cruzarmos os braços, sentarmos no sofá “deleitosamente”, acreditando que os “anjos celestiais” (Benfeitores) irão aprovisionar a solução que nos compete providenciar.

Não nos devemos permitir eximir de participar, seja pelas redes sociais, seja pelos manifestos populares pacíficos e outros legítimos mecanismos de pressão popular, a fim de cooperar com coragem, amor e ação no bem, visando uma Pátria livre e honrada, administrada com responsabilidade, auxiliando, com nossas orações, os que têm o compromisso político para construção de uma sociedade mais harmônica, organizada sob a bandeira da sagrada LIBERDADE.

Allan Kardec consultou os Espíritos sobre um universo de questões que sempre inquietaram o pensamento humano: Deus, alma, origem da vida, homem na condição de espírito imortal e pluriexistencial, morte, problemas sociais e familiares, liberdade, sofrimento, destino e felicidade, entre outros.

O legado do Codificador impõe-nos a necessária e constante renovação íntima, e, forçosamente, uma nova mentalidade de cada “praticante espírita”, sobretudo daqueles que, ainda, exercitam um Espiritismo, apenas, nos limites dos fenômenos mediúnicos nos Centros Espíritas. Outrossim, é necessária uma efetiva participação dos Espíritas nas discussões sobre as questões sociais que afligem a população brasileira, ainda que sem a absoluta necessidade de militância político e partidária.

Os filhos desta abençoada Nação não podem se ajoelhar diante da putrefação moral e da corrupção que sangra o pretenso “Coração” da suposta “Pátria do Evangelho”. Urge implorar ao Governador do Planeta e rogar-Lhe que interceda a favor dos brasileiros incorruptíveis de hoje e das futuras gerações de brasileirinhos que haverão de reencarnar para a consubstanciação da moralização e da liberdade de consciência no Brasil.



UM TESOURO RENOVÁVEL QUE NÃO SE PODE DESPERDIÇAR

Jorge hessen

A Terra abrange 1,4 bilhão de quilômetros cúbicos de água. A parte consumível corresponde a míseros 2,5% desse total. Só que 68,7% disso está nos polos, em forma de gelo, e 29,9% em lençóis subterrâneos. Restam apenas 1,4 % estão sob a forma de água potável que se encontra no subsolo, num grande pré-sal aquático, pouco acessível. Porém, 0,26% do total planetário de H₂O está disponível em rios, lagoas e represas para consumo imediato. Entretanto, fontes de água de vários "esgotos a céu aberto" tais como a represa Billings, o Rio Tietê, a Lagoa Rodrigo de Freitas abrigam juntos cerca de 3,3 milhões de trilhões de litros, porém são águas, inobstante "doce", porém impróprias para consumo humano.

O assombroso é que a "saúde" de diversos rios que são as principais fontes de água "doce" da Terra, está piorando. Metade dos mananciais do planeta está ameaçada pela poluição e pelo assoreamento. A humanidade sempre tratou a água como um recurso inesgotável. Estamos descobrindo hoje que a água (embora renovável) está expirando. Viveremos a era da falta d'água consumível . Em que pese o Brasil não utilizar nem 1% do seu potencial de água potável, ainda assim, metrópoles como São Paulo e Recife enfrentam colapso no abastecimento público.

Sim, o Brasil detém, sozinho, 16% do total das reservas de água para consumo humano do planeta, possui o maior rio e o maior aquífero subterrâneo do mundo, apresenta índices recorde de chuva, mas paradoxalmente as maiores cidades brasileiras sofrem racionamento de água. Infelizmente o brasileiro é acostumado a uma conta de água barata e não faz muito esforço para evitar o desperdício. Tomando banho, por exemplo, com o chuveiro ligado durante 15 minutos, se joga literalmente no ralo 242 litros de água "doce". As maiores vilãs domésticas são as válvulas convencionais de descarga. Elas usam cerca de 40% de toda a água da casa. Cada segundo que se utiliza a descarga do vaso sanitário são 2 litros de água que saem direto para o esgoto. Isso sem falar no desperdício de água daqueles que escovam os dentes, fazem barba, ensaboam louças com as torneiras totalmente abertas...Isso é uma aberração imperdoável !

Uma previsão catastrófica marca o colapso da água (consumível) no mundo para daqui a 10 anos. No norte da África, 95% das reservas de água doce já são utilizadas hoje. Em 2025 a demanda pelo líquido na região vai ultrapassar a oferta. Na Ásia Central, a exploração chega a 84% das reservas. Deverá

ultrapassar os 100% em menos de 25 anos. Diante desse cenário, segundo os especialistas, "reuso" é a palavra-chave quando se fala em gestão de recursos hídricos. Reciclar água representa não só alívio para as reservas do líquido como também para o bolso do consumidor. No caso brasileiro, o governo precisa levar a sério tal questão. Em países ricos e desprovidos de fontes naturais, como o Japão, a retirada de água fresca dos reservatórios é taxada pesadamente. Sai bem mais barato reutilizá-la.

Nesse contexto, ninguém entende tanto de seca quanto os israelenses. Eles moram em um deserto onde chove metade do que chove no sertão do Ceará e onde quase não há rios. A maior parte da água é coletada em lençóis subterrâneos. O segredo dos hebreus tem duas causas básicas. A primeira é o reuso, pois dois terços dos esgotos do país são reciclados. As águas residuais são tratadas para irrigar lavouras e jardins públicos, e também para revitalizar os rios. A segunda é a purificação racional da água do mar e dos depósitos salobros subterrâneos.

Os recursos "renováveis", de um modo geral, que se consomem e o impacto sobre o meio ambiente não podem ser relegados a questões de menor importância, principalmente, levando-se em consideração a utilização da água potável. Certamente no futuro a sua posse (água consumível) pode ser o motivo mais explícito de confronto bélico planetário. É urgente que se crie uma mentalidade crítica, que permita estabelecer novos comportamentos com foco na sustentabilidade da vida humana. A sociedade deve formatar novos modelos de convivência, lastreados na fraternidade, no amor à natureza e na economia de água.

Ao se desmatar as florestas, modificar cursos de rios, aterrar áreas alagadas e desestabilizar o clima, estamos destruindo as bases de uma rede de segurança ecológica extremamente sensível. O meio ambiente em que renascemos, muitas vezes constitui a prova expiatória; com poderosas influências sobre nossa personalidade, destarte, faz-se indispensável que cooperemos na sua transformação para o bem, melhorando e elevando as condições materiais e morais de todos os que vivem em nossa zona de influência. Um dia, mais cedo ou mais tarde, todos responderemos por isso.

Ainda há tempo para a prática dos códigos evangélicos, condição única que determinará a grande transformação planetária do futuro. Há uma lição a tirar de tudo isso. Em sociedade todos nós estamos condenados a viver conectados uns com os outros, por isso, é urgente sairmos dos discursos vazios, buscarmos na disciplina cotidiana, no respeito à natureza, no não desperdício de água, a fim de nos prepararmos para sobreviver com dignidade no planeta que hoje abriga nossas vidas físicas.



PACTO ÁUREO?

Jorge Hessen

Por que pretexto realizamos esta pesquisa?

Em verdade, recentemente fomos convidados escrever um texto e proferir palestra no centro dirigido por um amigo cujo tema proposto era “Os 66 anos do pacto áureo”. Admitimos que jamais tinha abeirado tal tema, nem para historiar, nem para interpretar. Acolhemos a solicitação e debruçamos nas diversas fontes disponíveis (orais, livros, jornais, revistas, vídeos etc.).

Entendemos ser importante informar, antes de expor qualquer juízo sobre o tema, que por longos anos exercemos as funções no cargo de assessor especial dos presidentes das federações espíritas de Mato Grosso e Distrito Federal, portanto, temos experiência e distinguimos relativamente bem algumas propostas de programação visando a organização do movimento espírita sob o ponto de vista da “unificação” do movimento e da “união” dos espíritas. Durante a escavação dos dados históricos, procuramos avaliar as minudências dos estatutos da FEB, a estrutura administrativa da direção, as ideologias individuais de uns e outros administradores e diretores (antigos e atuais).

Conseguimos entrevistar o ex-presidente Antônio César Perri (vide entrevista na íntegra através do link <http://aluznamente.com.br/luz-na-mente-entrevistou-cesar-perri-presidente-da-feb/>). Ante as suas respostas e fraternal acolhimento ficamos entusiasmados, mormente com a lucidez e consciência gerencial sobre a dinâmica federativa. César demonstrou nas respostas muita consciência, afetuosa paciência e insólita sapiência. Sim, o presidente da FEB demonstrou ótima retórica nas elocuções doutrinárias, competência de síntese nas explicações fornecidas aos questionários, sobretudo sobre o tema “Roustaing”.

Através da imprensa espírita fomos acompanhando a gestão do César na presidência da “casa mãe” até o dia das novas eleições para a presidência. Conversando com um ou outro da “casa mãe” deparamos que por motivos banais os diferentes membros do “conselho superior” febiano foram previamente, segundo entendemos, contaminados de subsídios negativos sobre o procedimento administrativo e a personalidade do presidente. Escutamos aqui e acolá alguns títulos atribuídos ao César, tipo: “arrogante”, “vaidoso”, “prepotente” e paradoxalmente quase todos disseram-me que o presidente era um excelente administrador. Resultado: foi deliberada de maneira “fraternal e democrática” pela não reeleição do César Perri. Da disputa pelo cargo foi eleito para assumir a presidência o roustanista Jorge Godinho, um desconhecido do Conselho Federativo Nacional.

Na oportunidade também entrevistamos o presidente recém eleito (vide entrevista na íntegra no link <http://aluznamente.com.br/entrevista-do-recem-eleito-presidente-da-feb-na-integra/>) e percebemos nas respostas “digitadas” a mim enviadas (via e-mail) que o presidente designado era recruta nas questões federativas, portanto sem maiores experiências para arrostar o compromisso federativo da autoproclamada “casa-mãe”.

Por causa das respostas enviadas a mim (via e-mail), procedidas do presidente eleito e sabendo que na sede da FEB (em Brasília) há claras divisões e conflitos entre os eternos “donos da basílica”, os “autocráticos” e perenes diretores roustonistas versus trabalhadores e frequentadores contrários à imposição das reuniões públicas das tradicionais terças feiras consagradas ao “estudo” (lavagem cerebral?) dos quatro evangelhos do bordelense incauto. Ante esse panorama tão “fraternista” deliberamos catalogar os subsídios históricos sobre a trajetória do Espiritismo no Brasil. Na pesquisa esbarramos com inusitados fatos relacionados à autoproclamada “casa mãe” do “Espiritismo” e a cereja do bolo foi o episódio que culminou inexplicavelmente no tal “pacto áureo”.

Percorramos a seguir quais foram os caminhos que percorremos e que destino alcançamos.

Os primórdios do “Espiritismo”

De conformidade com as fontes compulsadas, identificamos os primórdios do movimento precursor do Espiritismo no Brasil nas experiências dos partidários do mesmerismo(1). Dentre os seus adeptos, encontramos os médicos homeopatas Benoît Jules Mure (francês) e João Vicente Martins (português). Ambos chegaram ao Brasil em 1840. Havia mais apaixonados pela técnica de Mesmer, a exemplo de José Bonifácio de Andrada e Silva (o “Patriarca da Independência”), igualmente adepto à homeopatia, e Mariano José Pereira da Fonseca (Marquês de Maricá), este último publicou um livro de essência “pré-Codificação espírita”, em 1844.

O “Espírito” Humberto de Campos (2) explanou em “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”(*) que Benoît Jules Mure e João Vicente Martins “fariam da medicina homeopática verdadeiro apostolado. Muito antes da codificação espírita já conheciam os transe mediúnicos e o elevado alcance da aplicação do magnetismo espiritual. Introduziram vários serviços de beneficência no Brasil e traziam por lema, dentro da sua maravilhosa intuição, a mesma inscrição divina da bandeira de Ismael – “Deus, Cristo e Caridade”. Aplicavam aos doentes os passes como um ato religioso. Não o faziam por charlatanismo. Samuel Hahnemann recomendava esse processo auxiliar da Homeopatia. Foram os homeopatas que lançaram os passes, não os espíritas. Estes continuaram a tradição.

(*) Com atributos de historiador identificamos em “Brasil coração do mundo pátria do Evangelho” distintas e presumíveis interpolações, isto é, percebemos

possíveis “adaptações” a partir da psicografia original, desta forma, identificamos um conjunto controlado de informações impostas ao texto de Humberto de Campos. Há indícios evidentes de inserções descontextualizadas nos capítulos, prejudicando inclusive os fatos históricos propostos pelo autor espiritual.

Dentre algumas interferências externas ao autor, há insofismável evocação da primazia injustificável de uma instituição espírita sobre todas as instituições coirmãs no Brasil. Nada, categoricamente nada, justifica tal hegemonia. O próprio Chico Xavier, que doou de boa-fé para a FEB as suas mais importantes produções psicográficas, mormente na gestão de Guillon Ribeiro, deliberou a partir da década de 1960, por livre iniciativa, nunca mais enviar suas psicografias para a “casa mãe”, afastando-se em caráter definitivo da FEB. Até o ano de 2002 (ano da sua desencarnação) nunca mais o médium mineiro retomou os vínculos com a “cúria candanga”.

Tal circunstância fez-me recordar uma advertência de Emmanuel contido em A Caminho da Luz, capítulo 16, observemos a coincidência histórica: “A igreja de Roma, que antes da criação oficial do Papado considerava-se a eleita de Jesus, ao arvorar-se em detentora das ordenações de Pedro, não perdia ensejos de firmar a sua injustificável primazia junto às suas congêneres de Antioquia, de Alexandria e dos demais grandes centros da época. Herdando os costumes romanos e suas disposições multisseculares, procurou um acordo com as doutrinas consideradas pagãs, pela posteridade, modificando as tradições puramente cristãs, adaptando textos, improvisando novidades injustificáveis e organizando, finalmente, o Catolicismo sobre os escombros da doutrina deturpada.” (Grifei)

Nas sondagens históricas houve os que me afiançaram (na Av. L-2 Norte de Brasília) que o Chico jamais advertiu à FEB sobre as possíveis e alegadas interpolações em “Brasil coração do mundo...”. Desconhecemos maiores detalhes dos bastidores desse intercâmbio entre o médium e a FEB. Há inclusive os que atestam a anuência do Chico sobre a inserção de Roustaing em “Brasil Coração do Mundo” citando supostas correspondências entre o Chico e o Wantuil de Freitas, contidas na obra “Testemunhos de Chico Xavier”. Todavia, descobrimos que foram repassadas para a autora da obra Suely Caldas Schubert apenas algumas fontes secundárias, fragmentos das cartas datilografadas e intencionalmente selecionadas e elaboradas pelos roustonistas Zeus Wantuil e Francisco Thiesen.

E mais, forjaram a autenticidade da inserção do Roustaing no livro “bíblia do pacto áureo”, quando diretores da FEB foram ao Chico a fim de que médium mineiro “autenticasse” o livro ou a página do capítulo 22 de “Brasil Coração do mundo...” visando corroborar a autenticidade da psicografia original (incinerada pela FEB), porém Chico “autenticou” a possível interpolação apenas com a “robusta” confirmação: “Com um abraço do servidor menor Chico Xavier”.

Tornemos aos primórdios do movimento espírita. Foi no Rio de Janeiro que se formaram os precursores do movimento espírita brasileiro, mormente pelo

grupo fundado pelo médico e historiador Alexandre José de Mello Moraes, cujos integrantes eram Pedro de Araújo Lima (Marquês de Olinda), Bernardo José da Gama (Visconde de Goiana), José Cesário de Miranda Ribeiro (Visconde de Uberaba) e outros destacados personagens do Segundo Reinado. Há fontes que remontam ao ano de 1845, quando no distrito de Mata de São João, Província da Bahia, foram registradas as primeiras manifestações do “além-túmulo”.

Destaque-se que alguns fenômenos das mesas girantes que ocorriam especialmente nos Estados Unidos da América e na Europa foram noticiados pela primeira vez no Brasil entre 1853 e 1854 no Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, no Diário de Pernambuco, Recife, e em O Cearense, em Fortaleza. Porém, somente a partir de “1860 que encontramos as primeiras publicações espíritistas.”.³

Na capital do Brasil, as primitivas sessões espíritas foram realizadas na década de 1860, por franceses, muitos deles exilados políticos do regime de Napoleão III de França.⁴ Desses precursores, mencionamos o jornalista Adolphe Hubert, editor do periódico “Courrier do Brésil”, o professor Casimir Lieutaud⁵, e a médium psicógrafa, Madame Perret Collard⁶. O primeiro periódico com trechos traduzidos das obras de Allan Kardec foi “A Verdadeira Medicina Física e Espiritual associada a Cirurgia”, um jornal científico sobre as ciências ocultas e especialmente de propaganda magnetotherapia, publicado de janeiro a abril de 1861 por Eduardo Monteggia.⁷

Em 1865 (mesmo ano do lançamento da obra “O Céu e o Inferno”), Luiz Olímpio Teles de Menezes (um amigo e distribuidor das obras de J.B. Roustaing, no Brasil) criou em Salvador o “Grupo Familiar de Espiritismo” (considerada a primeira instituição espírita brasileira). Em 1866, Teles de Menezes publicou o opúsculo “O Espiritismo – Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita”, contendo páginas extraídas e traduzidas de O Livro dos Espíritos. No mesmo ano, na cidade de São Paulo, a Tipografia Literária publicou “O Espiritismo reduzido à sua mais simples expressão”, de Allan Kardec (sem indicação de tradutor).

Em julho de 1869 (ano da desencarnação do Codificador), Luís Olímpio publicou o primeiro jornal espírita do Brasil – O “Eco do Além-Túmulo”. O “Eco” contava com 56 páginas e chegou a circular em Londres, Madri, Nova Iorque, Paris. Em novembro de 1873 foi fundada em Salvador a Associação Espírita Brasileira (extensão do “Grupo Familiar do Espiritismo”) e, no ano seguinte (1874), alguns membros dessa Associação fundaram o “Grupo Santa Teresa de Jesus”.

Torteroi, um italiano líder dos “científicos” no Brasil

Um dos divulgadores da Doutrina dos Espíritos no século XIX foi Afonso Angeli Torteroi, fundador do “Centro da União Espírita do Brasil”, instituição que tinha a intenção de coordenar o movimento espírita brasileiro. Para esse objetivo (união e unificação) Torteroi organizou em 1881, no Rio de Janeiro, o 1º

Congresso Espírita Brasileiro. Sob sua influência e liderança, “ocorreu certa oposição ao trabalho da edificação evangélica [roustanista] no Brasil.”⁸ Torteroli, então líder dos “científicos” (anti-roustanista), investiu contra Bezerra de Menezes tido como “místico” (neo-roustanista), e sob a liderança do genovês⁹ ocorreram discordâncias.

No século passado costumava-se denominar os espíritas que compartilhavam do aspecto científico (anti-roustaing) do Espiritismo de “científicos”. Os que encaravam o Espiritismo como religião (roustanistas) eram denominados “místicos”. Chegou-se mesmo a denominar espíritas apenas os que aceitavam O Livro dos Espíritos como expressão da Doutrina Espírita, e Kardecistas os que se dedicavam com mais afinco ao estudo das demais obras escritas por Allan Kardec. Essas ramificações não mais existem, pois atualmente emprega-se o vocábulo espírita para identificar os que aceitam o Espiritismo ou Doutrina Espírita como um todo, em seu tríplice aspecto de ciência, religião e filosofia.

Após a desencarnação de Torteroli, este se manifestou pela mediunidade de Chico Xavier, expressando algum pesar pelas dissensões ocorridas por invigilância de todos [“místicos” roustanistas e “científicos”]. A carta foi psicografada no dia 4 de abril de 1950. Nela o italiano reconhece ter entendido o Espiritismo como ciência e filosofia¹⁰ [por causa das alucinações de “Os Quatro Evangelhos”]. Sobre isso, os simpatizantes do “academista” afirmam que a carta psicografada contém conteúdo anímico do médium de Uberaba. Para tais, a posição doutrinária assumida por Torteroli (estritamente “científica” e “filosófica”, portanto antiroustaing) não prejudicou sua militância espírita, tanto no que diz respeito à divulgação da obra de Allan Kardec quanto à prática do assistencialismo.

Grupo Confúcio

Reza as tradições do movimento espírita brasileiro que os “Benfeitores” supostamente “sugeriram aos spiritistas brasileiros a necessidade de criar, no Rio de Janeiro, um núcleo central das atividades, que ficasse como o órgão orientador [federação] de todos os movimentos da doutrina no Brasil”.¹¹ Tal instituição pioneira foi a Sociedade de Estudos Espíritos – Grupo Confúcio, em 1873. Aliás, “Confúcio” aqui não era uma homenagem ao grande filósofo chinês, mas a um Espírito que comparecia há algum tempo nos trabalhos particulares do Dr. Sequeira Dias, sugerindo alguns princípios de moral. Conforme previsto nos estatutos do Grupo, devia seguir os princípios e as formalidades expostos em O Livro dos Espíritos e em O Livro dos Médiuns. A divisa da sociedade era: “Sem caridade não há salvação”. Suas atividades incluíam ainda o receituário gratuito de homeopatia e a aplicação de passes aos necessitados.

Entre os feitos do “Confúcio” providenciou-se a tradução das obras básicas de Kardec para a língua portuguesa, realizada por Fortúnio (pseudônimo do médico Joaquim Carlos Travassos); o lançamento da “Revista Espírita”¹²,

organizada e dirigida por Antônio da Silva Neto, constituindo o segundo periódico espírita do Brasil e o primeiro do Rio de Janeiro. Na Revista Espírita foram publicados artigos doutrinários e de refutação aos oponentes da Doutrina, duramente atacada pelo “Jornal do Comércio”, nos anos de 1874/5, que tachava o Espiritismo de “epidemia mais perigosa que a febre amarela”, “verdadeira fábrica de doidos”¹³. Ao “Confúcio” deve o Espiritismo brasileiro os serviços de tradução das obras de Kardec e assistência gratuita homeopática.

Ainda sob o guante da tradição o “Grupo Confúcio” tornou-se o embrião da autoproclamada “casa-mãe” dos espíritas no Brasil, “constituindo [supostamente] a base da obra “tangível” do suposto “espírito” “Ismael” (nome criado animicamente e alcunhado pelo “médium” Frederico Junior), na terra brasileira”¹⁴. No grupo participavam, entre outros roustonistas”, Bittencourt Sampaio, Joaquim Carlos Travassos, Francisco de Siqueira Dias Sobrinho, Antônio da Silva Neto, Casemiro Lieutaud. Todos lutaram contra a opinião anti-roustonista, contra o insulto, sobretudo, contra as ondas de dissensões”.¹⁵

Diversos grupelhos espíritas

Ao “Grupo Confúcio” seguiu-se a Sociedade de Estudos Espíritas “Deus, Cristo e Caridade”, criado em 1876.¹⁶ “Sob a direção de Bittencourt Sampaio, que juntamente com Bezerra de Menezes¹⁷, tivera a sua tarefa previamente determinada no Alto. A ele se reuniu outro roustonista, Antônio Luiz Sayão, em 1878, para a imposição do livro de Roustaing nas terras do Cruzeiro. Foram reorganizadas as energias existentes, para fundarem em 1880 a “Sociedade Espírita Fraternidade”, com a qual se carregava o lema do estandarte do emissário do Divino Mestre”.¹⁸ Nesse contexto (1880), Antônio Luís Sayão fundou, com os roustonistas Frederico Pereira Júnior, João Gonçalves do Nascimento, Francisco Leite de Bittencourt Sampaio e outros, o chamado “Grupo dos Humildes”, popularmente conhecido como “Grupo do Sayão”, e posteriormente a confraria veio a chamar-se “Grupo Ismael”. A ele juntou-se Bezerra de Menezes, Frederico Júnior, Domingos Filgueiras, Pedro Richard e outros.

Naquela época, era uma verdadeira epidemia a criação de grupelhos espíritas. O confrade Pedro Richard descreveu que “no século XIX os espíritas, ou por discordância de ideias, ou por criminosa pretensão, criaram considerável número de grupos [facções], cujos membros, em sua maioria, desconheciam os preceitos mais rudimentares da Doutrina. Qualquer espírita formava um grupo, só para satisfazer a vaidade de dar-lhe por título um nome que ele venerava. De grupos produtivos apenas se contavam alguns, em número por demais reduzido.”.¹⁹

Federação espírita brasileira

Em 1883, Augusto Elias da Silva, fotógrafo português radicado no Brasil, lança, com seus próprios recursos financeiros, o informativo "Reformador". No ano início do ano subsequente, em reunião em que participaram Francisco Raimundo Ewerton Quadros, Manoel Fernandes Filgueiras, João Francisco da Silveira Pinto, Maria Balbina da Conceição Batista, Matilde Elias da Silva, Luis Móllica, Elvira P. Móllica, José Agostinho Marques Porto, Francisco Antônio Xavier Pinheiro, Manoel Estêvão de Amorim e Quádrio Léo, foi proposta a criação da Federação Espírita Brasileira. A partir desse projeto, "as divergências tenderam a diminuir, para que a fleuma voltasse a todos os centros de experimentação e de estudo."²⁰

A primeira diretoria da FEB foi composta por Ewerton Quadros (presidente), Domingos Filgueiras (vice-presidente), Silveira Pinto (secretário), Augusto Elias da Silva (tesoureiro), e Xavier Pinheiro (arquivista). Em 1895, Bezerra de Menezes assumiu a presidência e imprimiu à Instituição a orientação doutrinário-evangélica (lamentavelmente com ênfase nos quatro evangelhos). O "Grupo Ismael" acompanhou Bezerra, apoiando-o na direção da federação e integrando-se a ela. Paulatinamente, todos os grupos afinados com a filiação ideológica roustonista foram-se reunindo em torno da FEB.

Recordemos os nomes dos presidentes da FEB

À guisa de ilustração, registramos aqui na sequência os nomes dos presidentes da FEB (após Ewerton Quadros e Bezerra de Menezes) são eles: Dias da Cruz, Leopoldo Cirne (apresentou o trabalho "Bases de Organização Espírita em 1904", estimulou a fundação de Federações Estaduais e em 1913 inaugurou a sede Histórica no Rio de Janeiro, na Av. Passos)²¹, Aristides Spínola, Manuel Quintão, Guillon Ribeiro, Luiz Barreto, Paim Pamplona, Antônio Wantuil de Freitas (permaneceu 27 anos no cargo, formalizou o "pacto áureo"²², instalou o Conselho Federativo Nacional da FEB. Durante sua gestão foi efetivada a "Caravana da Fraternidade"), Armando de Assis (criou os Conselhos Zonais do CFN e inaugurou as dependências da FEB em Brasília), Francisco Thiesen (transferiu o Conselho Federativo Nacional e a sede da FEB para Brasília, transformou os Conselhos Zonais em Comissões Regionais), Juvanir Borges de Souza, Nestor Mazotti e Cesar Perri, Jorge Godinho.

A arrumação de um "pacto"

No início do século XX surgiram vários líderes do Espiritismo, entre eles: Bатуíra, Cairbar Schutel e Eurípedes Barsanulfo. No meado de século, Deolindo Amorim fundou o Instituto de Cultura Espírita do Brasil (ICEB) e atuou na Liga Espírita do Brasil (patrocinadora do II Congresso da CEPA), realizado no Rio, em 1949. Na década de 1940 o movimento espírita paulista começou a se

organizar através de congressos e concentrações de mocidades espíritas. Leopoldo Machado foi um dos grandes incentivadores das mocidades espíritas. Toda essa movimentação doutrinária culminou com a criação, em 1947, da União Social Espírita (atual USE).²³

As três primeiras décadas do século XX foram caracterizadas por abertas batalhas no âmbito do movimento espírita brasileiro em busca de sua organização e ambição pela hegemonia do mesmo. Destacamos como grande exemplo das lutas deste período, os embates entre a FEB e a “Liga Espírita do Brasil”, fundada em 31 de março de 1926, durante o Primeiro Congresso Constituinte Espírita Nacional, realizado na cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente denominada: Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro. Ambas instituições (FEB e a LIGA) com o desígnio de unificar o movimento espírita no território nacional. A FEB tinha mais instituições adesas e avançou mais nesse escopo.

O ponto instigante do processo unificacionista ocorreu na década de 1940, caracterizado pelo crescimento em importância e influência por parte das federações dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo. Todas convocaram encontros e congressos buscando a unificação do movimento tanto a nível estadual como em domínio nacional. Com a consolidação da União Social Espírita, em São Paulo, a nova federativa convocou em 1948 o Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, realizado de 31 de outubro a 5 de novembro, com a participação de 16 Estados, por conseguinte, 1 ano antes do “pacto áureo”. Portanto a consolidação do “pacto áureo” foi antecedida por vários eventos, a saber: fundação da Liga Espírita (1926), fundação da USE (1947), Congresso Espírita Brasileiro de Unificação (1948), I Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil (1948) e o II Congresso da CEPA (1949).

Decorridos várias décadas do adventicíssimo “pacto áureo”, ainda hoje se ouvem vozes coerentemente discordantes, motivo pelo qual retrocedemos ao evento histórico, a fim de identificarmos o ideal que animou aqueles espíritas na busca da “unidade doutrinária”. E para descrever o “Pacto”, não há como esquivar de citar o episódio ocorrido no início de outubro de 1949. Realizava-se no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, o II Congresso Espírita Pan-americano – à revelia da Federação Espírita Brasileira. Participavam desse conclave vários confrades que no congresso da USE defenderam a proposta de fundar-se a Confederação Espírita Brasileira. Pois esses mesmos confrades, após uma reunião no Hotel Serrador com Carlos Jordão da Silva, dirigiram-se à Federação Espírita Brasileira – sem nada revelar aos demais companheiros que se encontravam no Congresso Pan-americano (com o objetivo de terem uma conversa sigilosa com Wantuil de Freitas). Lins de Vasconcelos fora incumbido de promover o encontro. Leopoldo Machado, que estava, casualmente, na porta da livraria da FEB, acompanhou-os displicentemente. Eram três horas da tarde (isso mesmo! 15 horas) do dia cinco de outubro de 1949.

Participavam desse evento alguns confrades que no congresso da USE defenderam a proposta da criação de uma “Confederação Espírita Brasileira”,

pois se avaliava no contexto que as articulações doutrinárias da FEB nada mais eram do que de um Centrão-Laboratório, e não uma federativa aglutinadora. A propósito, sobre isso, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul, a qual teve sustada sua adesão à FEB por aderir ao congresso espírita de São Paulo e apresentar uma tese propondo a criação da Confederação Espírita Brasileira capaz de ordenar e coordenar com eficiência os trabalhos de unificação do movimento doutrinário .

Quanto à FEB, na proposta gaúcha, restringiria sua ação apenas ao Rio de Janeiro. A ideia era vigente porque nesse mesmo congresso a União Espírita Mineira propusera a criação de uma Confederação Nacional do Espiritismo e a tese da USE apoiava a proposta da Federação Espírita do Rio Grande do Sul – proposta que não saiu do papel, morreu com o congresso, mas como a mitológica Fênix poderia ressuscitar de suas próprias cinzas. Tenho a convicção que um dia isso vai ocorrer, seja mais cedo ou mais tarde. Confesso que alimento um sonho de ver a criação de uma legítima COMISSÃO CENTRAL (alvitrada por Kardec) que fique bem afastada do atual e suntuoso centrão espírita localizado na Av. L-2 Norte.

A “Grande Conferência Espírita” imposta por Wantuil de Freitas foi muito embaraçosa e grotesca! O titular da FEB “ouviu” os confrades, um por um. Depois foi contundente ao tirar do bolso e infligir uma surrada agenda “áurica”, propondo um novo Conselho Federativo “Nacional”. Tal entidade (CFN), além de umbilicalmente ficar vinculado à Federação Espírita Brasileira, seria presidido pelo próprio “proprietário” da FEB. E mais, cada federação estadual deveria apresentar uma lista tríplice com o nome de candidatos para que Wantuil de Freitas escolhesse um para representá-la no CFN. A Liga Espírita do Brasil deixaria de ser federativa nacional e sua atuação não ultrapassaria os limites do Estado do Rio de Janeiro e a sigla deveria sofrer alteração.

O patético da situação é que nenhum dos itens expostos por Wantuil de Freitas foi contestado pelos pactuantes que subscreveram a leonina ata da “Grande conferência espírita do Rio de Janeiro”: Wantuil de Freitas (FEB); Lins de Vasconcelos (Liga); Vinícius e Carlos Jordão da Silva (USE); Bady Cury e Noraldino de Melo Castro (União Espírita Mineira); João Ghignone e Francisco Raitani (Federação Espírita do Paraná); Oswaldo Melo (Federação Espírita Catarinense); e os confrades da Federação Espírita do Rio Grande do Sul: Felisberto Peixoto, Jardelino Ramos e os autores da tese propondo a fundação da confederação: Roberto Pedro Michelena, Marcílio Cardoso de Oliveira e Francisco Spinelli.

A proposta dessa agenda pré-elaborada com anuência sem maior amadurecimento dos compartes, foi firmada a 5 de outubro de 1949,²⁴ e posteriormente Artur Lins de Vasconcelos Lopes (vice-presidente da Liga) batizou com o aparatoso título de “pacto áureo”.

O zurzido “Pacto não DISCUTIDO” foi uma agenda com dezoito itens, sendo que no primeiro constava: “Cabe aos espíritas do Brasil colocarem em prática a exposição contida no livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”. Aqui abrimos um parêntese por entendermos que neste dispositivo houve uma proposição passível de consequência indesejável, considerando o foco da unidade entre os espíritas. Ora, o mais razoável seria constar no primeiro item que os espíritas colocassem em prática a exposição contida no Evangelho Segundo o Espiritismo, de maneira a acelerar e consolidar a marcha evolutiva do Evangelho.

Dizem que os pactuantes temiam a CEPA que suprimira o Cristo dos seus cânones ideológicos. Há os que dizem que a adoção do livro Coração do Mundo Pátria do Evangelho, pode ter dois pretextos, o primeiro porque um grupo dos que discutiram a questão queria adotar “Os Quatro Evangelhos”, o segundo porque os “partidários” da CEPA (Confederação Espírita Pan-Americana) não aceitavam e nem aceitam o Evangelho Segundo O Espiritismo, nesse caso, portanto, o livro de Humberto de Campos estaria na linha de equilíbrio e colocava o Brasil uma posição central da expansão do Evangelho.

Será mesmo? Foi isso que os levou a assinar sem discussão o pacto do qual Herculano Pires batizou de “bula papalina”? Ou será que o excesso de misticismo criara sentimento de culpa e os pactuantes passaram a admitir infalibilidade no presidente da FEB? Ou será que a presença autocrática de Wantuil (que foi uma espécie de “único dono” da FEB) teria entorpecido a consciência dos signatários? Ou será que careciam todos os pactuantes de maior amadurecimento doutrinário? Uma coisa, porém, temos certeza absoluta: se Herculano Pires, Deolindo Amorim, Júlio Abreu Filho tivessem participado da “encantada” reunião febiana de 1949 outro teria sido o rumo das definições doutrinárias para o Brasil.

Pois é! Volvamos aos signatários do Pacto que concluíram sem melhor DEBATE e maturação de que o livro Brasil Coração do Mundo, Pátria do Evangelho continha dados interessantes e demonstrava qual seria a missão do Espiritismo no Brasil. Porém os pactuantes não se preocuparam com os detalhamentos ufanistas e controversos do livro, talvez aí o “X” da questão.

Não levantamos este ponto para contestar os conteúdos originais da obra (os que não foram alterados por agentes externos ao texto legítimo). Infelizmente é difícil provar fisicamente a interpolação porque a psicografia original foi incinerada pela FEB. Urge ressaltar aqui que amamos a literatura de Humberto de Campos (sem as inserções febianas, é óbvio!), e tem mais, urge apartar bem as coisas, pois a ingênua entronização de Roustaing pelo suposto “autor espiritual” contraria o pensamento de Kardec contido no Cap. XV da obra A Gênese.

Sobre Os Quatro Evangelhos, historicamente chegou ao Brasil muito cedo, (via Luiz Olímpio Telles de Menezes, que era amigo de Roustaing e encerrava

um pacto de revenda da obra no Brasil) quase ao mesmo tempo que os livros de Kardec. Os espíritas “místicos” à frente dos quais se achava– Bittencourt Sampaio – tomaram “Os Quatro Evangelhos” como vade-mécum e o levaram à altura de última palavra sobre a doutrina de Jesus.

Considerando que inexistiam maiores quantidade de livros espíritas para serem lidos à época, o livro do advogado de Bordeaux apresentava para os neófitos de Kardec, o mesmo valor doutrinário de “O Livro dos Espíritos”, isto é, ambos atribuíam o que estava escrito a uma revelação ditada. Mas os roustonistas concebiam ter sobre a obra de Kardec uma “vantagem”, ou seja, todas as explicações de “Os Quatro Evangelhos” eram dadas como advindas supostamente dos próprios “evangelistas”, assistidos pelos “apóstolos”, e estes, a seu turno, assistidos por “Moisés”. Os roustonistas dispensaram as provas, o bom senso, a lógica kardeciana. Contentaram-se com a presunção de boa-fé sob ausência de maior bom senso.

Se fossem mais prudentes perceberiam, sem muito esforço de raciocínio, que o autor de “Os Quatro Evangelhos”, afirma na sua ÚNICA obra literária editada pela FEB, no volume III, na pág. 65 e 66 que “A Igreja católica terá a sua verdadeira significação, pois que ela estará em via de tornar-se universal, como sendo a Igreja do Cristo, o chefe da Igreja católica, dizemos, será um dos principais pilares do edifício. Quando o virdes, cheio de humildade, cingido de uma corda e trazendo na mão o cajado do viajante, podereis dizer: “Começam a despontar os rebentos da figueira; vem próximo o estio”.

“Os Quatro Evangelhos” que defende a tese da INVOLUÇÃO ou metempsychose (quando menciona um tal de criptógamos carnudos); defende o PANTEISMO (uma espécie de monismo plotínico e ubaldiano), Roustaing que afirma a absoluta DESNECESSIDADE DA REENCANAÇÃO, além de defender o caduco e antiquíssimo DECETISMO (a Gnose do Cristo APARENTE). Recordemos que Kardec jamais admitiu tais miragens (Vide RE 1867, 1868 e 1869 e principalmente A Gênese Cap XV).

O rustanismo conseguiu assim, graças a pouca discussão mais inteligente, ganhar adeptos entre os “místicos”. Se jamais os prepostos, e muito menos o seu líder, afirmaram que na obra de Roustaing estava o verdadeiro sentido da vida e doutrina de Jesus, também omitiram assertiva em contrário. Acreditavam, talvez, se tal fizessem, perderiam o tempo e apagariam a leve chama de uma fé doutrinariamente insipiente, que cumpre alimentar cuidadosamente. A obra de Roustaing concorreu e ainda concorre para dividir os espíritas (pelos menos dentro da própria sede da FEB na Av. L-2 norte de Brasília) e criar dificuldades invencíveis à desejada harmonia de vistas.

Como vemos, foi uma estratégia precipitada do suposto autor espiritual, a nosso ver, citar o emblemático João Batista Roustaing como “organizador” do trabalho da “fé espírita” ao lado de um Léon Denis, que efetuaría o desdobramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica e de Camille Flammarion, que abriria a cortina dos mundos. Óbvio que não houve critério mais acurado, segundo cremos. E afirmamos isso de forma

pacífica e bem à vontade, pois Humberto de Campos é o responsável espiritual do grupo mediúnico que dirigimos há muitos anos no Posto de Assistência Espírita (Vide) o link <http://paespirita.blogspot.com.br/2016/01/roustaing-sob-otica-de-jose-passini.html>

A questão é que o suposto “Humberto de Campos” evoca “as tradições do mundo espiritual”, conforme o próprio autor espiritual assevera na Introdução do livro “Brasil, coração do mundo...”. Obviamente esse argumento de “tradições de além” não esclarece, e sequer abona, as ingerências da obra. E isso fica claro se compararmos o livro “Brasil, coração do mundo...” com “Crônicas de Além-Túmulo” e “Boa Nova” de autoria do mesmo Espírito, nos quais Humberto de Campos utiliza de algumas informações obtidas das chamadas “tradições do mundo espiritual”, mas sem cometer os vários lapsos presentes em “Brasil, Coração do Mundo...”. A propósito da obra “Crônicas de Além-Túmulo” no capítulo 21 intitulado “O Grande Missionário”, publicado antes de “Brasil, coração do mundo...”, são citados como colaboradores de Allan Kardec somente os missionários Camille Flammarion, Léon Denis e Gabriel Delanne, sem nenhuma menção a Roustaing. Isso indica desconfiada interpolação ingênua na obra “Brasil Coração do Mundo...”

Mauro Quintella, um amigo de longa data, em “BREVE HISTÓRIA DA UNIFICAÇÃO - DE TORTEROLI A THIESEN”, afirma que logo pós o pacto áureo, dois periódicos assumiram posições contrárias ao evento: “O Poder” e “Almenara”. O primeiro fundado em Belo Horizonte por Arlindo Correia da Silva, no ano de 1947. Arlindo Silva foi um dos primeiros a criticar o Pacto, através de uma série de artigos contra o novo plano federativo em 1952, ficando conhecido no meio espírita, por ser o responsável pelo trocadilho “Pato Áureo” utilizado até os dias de hoje quando se quer subestimar o inusitado acordo. O Almenara foi fundado no Rio de Janeiro, em 1952, por Antônio Pereira Guedes e possuía uma linha editorial ainda mais combativa em relação ao pacto. Por cerca de oito anos, esse jornal advertiu continuamente contra a FEB, o CFN e a adoção da obra de Roustaing.

Duas entrevistas, dois presidentes, dois comentários desiguais

Há alguns anos entrevistamos o circunspecto Cesar Perri, ex-presidente da FEB, e indagamos se diante da clara divisão que existe no Movimento Espírita, algumas vezes manifestada em posturas radicais, como a FEB deveria conduzir clara e publicamente o tema Roustaing. Que iniciativas faltavam para apaziguar ânimos? Perri respondeu o seguinte: “Nós já vivemos momentos bastante delicados no Movimento Espírita, que eu acompanhei muito de perto. Sobrevieram momentos muito complicados em algumas gestões. Houve nessa interconexão um momento em que o presidente Thiesen decidiu junto com o CFN que a base dos trabalhos federativos é a obra de Allan Kardec, e isso tem sido seguido até hoje. Nessas condições, fica muito claro que o CFN em termos de movimento nacional trabalha com a obra de Allan Kardec. Respeitamos

perfeitamente e convivemos com pessoas que gostam e estudam a obra de Roustaing, mas não usamos isso como ponto de atrito ou desunião; procuramos buscar hoje o ponto de convergência, e esse eixo de estabilização do Movimento Espírita é a obra de Kardec. As obras de Roustaing, embora continuem sendo republicadas, e ainda constem do catálogo da FEB, não há mais sua divulgação, por exemplo, nas páginas da Revista Reformador, e essa foi uma decisão adotada em gestões anteriores, mas respeitamos aqueles que pensam ou que adotam as obras de Roustaing.²⁵

Perguntamos ao atual presidente da FEB, o roustonista Jorge Godinho, se o “pacto áureo” ainda pode ser avaliado como o grande marco da Unificação. Godinho respondeu que o pacto áureo é a expressão mais lúcida de entendimento e concórdia entre os espíritas, que podem divergir nas discussões das ideias, mas que não devem fazer da divergência motivo de discórdia, intolerância e incompreensão. O pacto áureo veio compatibilizar a vivência da Doutrina dentro do princípio da liberdade, sem jamais deixar de considerar o amor fraterno, a união e a Unificação. Ele foi e será sempre o grande marco da Unificação que consolidou os esforços iniciais de Bezerra de Menezes.

Em seguida indagamos ao Godinho se o livro inspirador do “Pacto” - “Brasil coração do mundo...” conseguirá “UNIR” o Movimento Espírita Brasileiro?

Godinho pronunciou que o Livro “Brasil coração do mundo, pátria do evangelho” veio esclarecer as origens remotas da formação da Pátria do Evangelho com informações colhidas nas tradições do mundo espiritual e se destina a explicar a missão do Brasil no mundo moderno. Dessa forma, quando folheamos suas belas páginas e verificamos que o Brasil está destinado a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do planeta e a facultar ao mundo inteiro uma expressão consoladora de crença e fé raciocinada fica a dedução lógica de que essa tarefa não pode ser uma obra individual ou de personalismos incabíveis, mas daqueles que se propõem a estarem unidos e unificados no Evangelho do Senhor.

Naquele contexto inquirimos ainda se diante da clara divisão que existe dentro da sede da FEB e no Movimento Espírita, muitas vezes manifestada em posturas radicais, como a FEB deve conduzir objetiva e publicamente o tema Roustaing? Que iniciativas faltam para apaziguar ânimos?

Godinho alegou que não devemos esquecer que no Capítulo 22 do Livro “Brasil Coração do mundo pátria do evangelho”, o espírito Humberto de Campos narra que Jesus destacou um dos Seus grandes discípulos, Allan Kardec, para vir à Terra com a tarefa de organizar e compilar ensinamentos que seriam revelados, oferecendo um método de observação a todos os estudiosos do tempo e que o grande missionário, no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, designados particularmente para coadjuvá-lo, nas individualidades de João Batista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé; de Léon Denis, que efetuaria o desdobramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica e de Camille Flammarion, que abriria a cortina dos mundos,

desenhando as maravilhas das paisagens celestes, cooperando assim na codificação kardeciana no Velho Mundo e dilatando-a com os necessários complementos.

Em seguida questionamos ao atual presidente da FEB se as obras de Roustaing permanecerão sendo republicadas? O titular da FEB afirmou que sim e que jamais a FEB deixou de publicá-las, desde a sua primeira edição. Não podemos olvidar que Allan Kardec, dentro da lucidez e do espírito de grandeza que o caracterizam afirmou: proibir a leitura de um livro é dar mostras de que o tememos. A Doutrina Espírita é, por natureza, a doutrina da liberdade, da livre-escolha, nada impõe, nada proíbe. O apóstolo Paulo já recomendava em seu tempo: lede tudo e retende o que for bom.

Tornemos ao tal “pacto áureo”. Na cláusula segunda do “Acordo do Rio de Janeiro” ficou decidido que a FEB criaria um Conselho Federativo Nacional permanente, com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da sua Organização Federativa. Com efeito, em janeiro do ano seguinte instalou-se o Conselho Federativo Nacional (CFN), congregando os representantes das Federações Espíritas Estaduais signatárias com o objetivo de promover e trabalhar pela “união” dos espíritas e pela “unificação” do Movimento Espírita.²⁶ Em verdade, Com a instalação na FEB do Conselho Federativo Nacional houve a primeira eclosão dos instintos vaticanistas. O CFN começou a baixar bulas papalinas sobre questões doutrinárias, a conceder licenças para realização de concentrações e congressos e a negar aos jovens o direito de deliberar em seus movimentos, etc.

Caravana da “fraternidade”

Para a tentativa de união dos espíritas, durante a década de 1950, houve um trabalho de convencimento junto às entidades espíritas sobre a importância e as diretrizes da tarefa de organização e unificação do movimento espírita brasileiro. A tarefa coube ser realizada, principalmente, pela chamada “Caravana da Fraternidade”. Em 31 de janeiro de 1950, o grupo “fraternista” (27) partiu do Rio de Janeiro com destino a Salvador, e depois a todas as capitais dos 11 Estados do Nordeste e Norte do país. Dentre os planos da missão estavam as finalidades da maior “aproximação dos espiritistas”, visando o ideal da “unificação social” da Doutrina, da divulgação cultural do Espiritismo na sociedade laica e estímulo às obras de assistência social.

Entretanto, a rigor, o Conselho Federativo Nacional, como vimos alcunhado de “pacto áureo”, que, a bem da verdade, não passou e não passa de um bucólico e inexpressivo departamento da Federação Espírita Brasileira, sem maior significância, sem poderes sequer de compor o “conselho superior” da cúria candanga, sem autorização para eleger o próprio presidente da “casa mãe”. Coisa de brasileiro mesmo! Hoje a burocrática reunião do CFN só serve para as populares palestras distritais do octogenário Divaldo.

Os espíritas estamos unidos?

Dez anos após o irrisório “Pacto” foram realizados Simpósios Regionais e alguns congressos para endinheirados, na tentativa de “união” e “unificação” do Movimento Espírita Brasileiro. Atualmente o CFN reúne-se ordinariamente uma vez por ano na sede da “basílica” da FEB em Brasília, durante três dias, para tratar de assuntos burocráticos (leituras fadigas de relatórios de atividades regionais). Como diria Herculano Pires, “o metro que melhor mediu Allan Kardec”, não há como deixar de reconhecer que firmado o pacto com a FEB, as federativas submeteram-se ao Conselho Federativo Nacional e através dele a “casa mãe” começou a baixar bulas papalinas sobre a Doutrina e decretos cardinalícios sobre a organização do M.E.B.

No princípio do processo “unificacionista” houve atritos sérios da FEB com Federações estaduais, contudo o pacto continua em vigor. Um contra-senso evidente. O movimento livre das federativas entregou-se à FEB, retornou ao jugo da carne, segundo expressão do apóstolo Paulo aos hebreus (cristãos judaizantes). As estruturas abalaram e as antigas federativas suicidavam-se num pacto imposto, entregando-se atualmente aos rabinos do templo candango, ou se desejarem, entregando-se aos bispos da cúria brasiliense.

Seguindo o pensamento herculanista urge reconhecer que para o verdadeiro trabalho de unificação espírita é indispensável a luta constante em favor do esclarecimento doutrinário dos próprios espíritas. Não alimentemos ilusões a respeito. Se cuidarmos apenas do aspecto externo da unificação, da reunião pura e simples de organismos menores em torno dos maiores, estaremos sujeitos a cair na arapuca do formalismo e do autoritarismo. Não é finalidade do Espiritismo criar na Terra uma nova igreja ou uma nova “ordem oculta”, com sacerdotes ou graus-de-iniciação. A tarefa do Espírito de Verdade é semear nos corações a semente do Reino de Deus e emancipar espiritualmente os homens de todas as sujeições inferiores, pois somente num clima de liberdade aquela semente conseguirá germinar, crescer, florescer e dar frutos.

O maior empecilho para uma verdadeira unificação do movimento espírita é a existência de uma série de numerosas interpretações pessoais da doutrina, formando pequenos quistos que prenunciam futuros cismas. A vaidade humana e a generalizada ignorância da verdadeira estrutura filosófica da doutrina alimentam sem cessar essas dissidências em gestação. Precisamos, por isso mesmo, estabelecer as linhas do pensamento doutrinário sempre de maneira bem clara, alertando os que realmente desejam ser espíritas, contra os atalhos do caminho.

As obras de Allan Kardec são o alicerce irremovível da III Revelação. O codificador desempenhou a sua missão terrena da maneira mais completa possível. O verdadeiro espírita deve ter, ou esforçar-se continuamente para ter, o conhecimento completo da codificação kardeciana, orientando-se por ela, no movimento espírita, como o marinheiro se orienta pela bússola em alto mar. Toda a estrutura da Doutrina dos Espíritos encontra-se nas obras de Kardec.

Elas podem ser desenvolvidas, como o próprio codificador o disse. Denis, Delanne, Bozzano, Flammarion e outros fizeram em suas obras esse desenvolvimento. Outras verdades também podem ser reveladas, e Kardec foi o primeiro a nos advertir disso. Mas o ponteiro da bússola está nas suas obras. E assim como as velhas escrituras eram a única pauta para se verificar a legitimidade do Novo Testamento, assim como os Evangelhos são o único crivo pelo qual podemos legitimar a III Revelação, assim também a Codificação kardeciana é o único instrumento de que dispomos para nos orientar no desenvolvimento do Espiritismo.

E tem mais, o hilário da história é que o significado da palavra “pacto” apelidado no acordo de 1949 não faz jus ao evento. Compulsando o dicionário para buscar o sentido do termo “pacto” encontramos os seguintes significados: “ajuste, contrato, convenção entre duas ou mais pessoas; Etimologia: lat. pactum, íajuste, acordo, convenção”. Ora, na significação aqui proposta pelos dicionaristas será que um pacto pode ser coercitivo, imposto, obrigado?

O que se observa no Movimento Espírita no Brasil é um sistema federativo unilateral da FEB se impondo como a poderosa instituição possuidora da maior chancela doutrinária e procurando atuar no campo espírita como porta-voz autorizada (por Jesus? por Kardec? por Humberto de Campos?)

Em virtude desse grave equívoco histórico e daqueles que são contrários a atual situação quando todos se curvam à “supremacia” febianista, é que indagamos, até quando será imposta a hegemonia da FEB no Brasil? Precisamos de fraternidade, solidariedade, trabalho e tolerância e não de sujeição passiva a pretensas autoridades doutrinárias que se arrogam o direito de dirigir o movimento espírita brasileiro.

É justo informar que salvo engano todas as Entidades que, direta ou indiretamente integram o CFN (Entidades Federativas Estaduais, Entidades Especializadas de Âmbito Nacional, Centros e demais Sociedades Espíritas), não adotam as obras de Roustaing, mantêm a sua “autonomia vigiada”, independência restrita e liberdade de (re)ação (meno male– menos mal).

Urge refletir

As advertências dos Benfeitores do além são evidentes. Os Bons Espíritos permitiram o fechamento do parque gráfico da FEB no Rio de Janeiro, e isso foi uma debacle econômica gigantesca (houve um prejuízo de alguns milhões de reais) . Esse aniquilamento financeiro é, sem sombra de dúvida, uma intervenção do Cristo.

Resultado: Hoje em dia temos que ver as publicações das obras de Kardec e Chico Xavier através da ed. “Planeta”, uma editora recém contratada pela FEB. Para quem não sabe, a editora planeta não tem nenhum compromisso com o Evangelho. É uma empresa laica que visa exclusivamente o ganho financeiro (o lucro pelo lucro) e para isso publica qualquer livro, inclusive aqueles de apelos obscenos e pornográficos....

Que tristeza! Jesus, Kardec e Chico Xavier, Humberto de Campos não mereciam isso! Oremos muito, mas muito mesmo!
Perdão, Jesus! Rogamos-Te Perdão...

Notas e referências bibliográficas

1 Técnica terapêutica criada pelo médico vienense Franz Anton Mesmer (1734-1815), que consiste em utilizar o "magnetismo animal" como fonte de tratamento de saúde. Assemelha-se, como técnica, ao hipnotismo.

2 Xavier, Francisco Cândido. Brasil, Coração do mundo, Pátria do Evangelho, ditado pelo Espírito Humberto de Campos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1938

3 Idem

4 Sobrinho e herdeiro de Napoleão Bonaparte. Foi o primeiro presidente francês eleito por voto direto. Suas primeiras tentativas de golpe de Estado falharam, mas, na sequência da Revolução de 1848, conseguiu estabelecer-se na política, sendo eleito deputado e, em seguida, presidente da República. Finalmente, o bem sucedido Golpe de 1851 pôs fim à Segunda República e permitiu a restauração imperial em favor de Luís. Seu reinado, inicialmente autoritário, progrediu de forma gradativa após 1859 para o chamado "Império Liberal". Implementou durante seu reinado a filosofia política publicada em seus ensaios *Idées napoléoniennes* e *L'Extinction du Paupérisme* - mistura de romantismo, liberalismo autoritário e socialismo utópico.

5 Fundador e diretor do Colégio Francês no Rio de Janeiro, Em 1860, publicou a tradução, em língua portuguesa, das obras "Os tempos são chegados" ("*Les Temps sont arrivés*") e "O Espiritismo na sua mais simples expressão" ("*Le Spiritisme à sa plus simple expression*").

6 Palmeira, Vivian. "Curiosas Histórias do Espiritismo". in: "Universos Espírita", nº 49, ano 5, 2008. pp. 8-12.

7 Eduardo Monteggia era um homem eclético

8 Xavier, Francisco Cândido. Brasil, Coração do mundo, Pátria do Evangelho, ditado pelo Espírito Humberto de Campos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1938

9 Torteroli nasceu em Gênova(Itália) em 23 de setembro de 1849 e desencanado no Rio de Janeiro em 11 de janeiro de 1928, há pesquisadores que citam o seu nascimento no dia 2 de junho de 1849 no Rio de Janeiro.

10 O conteúdo da mensagem foi publicada no Reformador de julho de 1950 e republicada na mesma revista em novembro de 1977

11 Xavier, Francisco Cândido. Brasil, Coração do mundo, Pátria do Evangelho, ditado pelo Espírito Humberto de Campos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1938

12 Publicação mensal de Estudos Psicológicos, nos moldes da "REVUE SPIRITE", de Allan Kardec

13 O Jornal do Commercio, tradicional periódico da então Capital brasileira, em artigo publicado em 23 de setembro de 1863 na seção "Crônicas de Paris", abordou os espetáculos acerca dos espíritos então populares nos teatros de Paris e, em seguida, passava a tecer comentários em torno do Espiritismo. Esse

artigo é citado pela "La Revue Spirite", onde Allan Kardec comenta que o autor do artigo não se aprofundou no estudo do Espiritismo, de cuja parte teórica ignorava os processos.

14 Xavier, Francisco Cândido. Brasil, Coração do mundo, Pátria do Evangelho, ditado pelo Espírito Humberto de Campos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1938

15 Idem

16 Em 1877 Um grupo de dissidentes da "Sociedade de Estudos Espíritas "Deus, Cristo e Caridade" funda a "Congregação Espírita Anjo Ismael". Em 1878 outros componentes da mesma instituição reúnem-se no "Grupo Espírita Caridade". Essas instituições, bem como o "Grupo Confúcio", desaparecem em 1879.

17 Em 1875, Bezerra de Menezes lê, pela primeira vez, "O LIVRO DOS ESPÍRITOS", que lhe fora oferecido por Joaquim Carlos Travassos, seu primeiro tradutor em língua portuguesa.

18 Xavier, Francisco Cândido. Brasil, Coração do mundo, Pátria do Evangelho, ditado pelo Espírito Humberto de Campos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1938

19 Disponível em http://www.guia.heu.nom.br/no_rio_de_janeiro.htm, acesso em 22/08/2014

20 Xavier, Francisco Cândido. Brasil, Coração do mundo, Pátria do Evangelho, ditado pelo Espírito Humberto de Campos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1938

21 A grande aspiração da quase totalidade dos espíritas brasileiros era a realização do conagraamento geral de todas as instituições espíritas do Brasil. Desde os primórdios da propaganda, manifestando-se em diferentes ocasiões, esse tema da união entre todos permaneceu na ordem do dia, sendo Bezerra de Menezes um dos seus paladinos.

22 A expressão "pacto áureo" é atribuída a Artur Lins de Vasconcellos Lopes

23 Resultado do acordo de união da "Liga Espírita do Estado de São Paulo", "União Federativa Espírita Paulista", "Federação Espírita do Estado São Paulo" e "Sinagoga Espírita Nova Jerusalém".

24 Os protagonistas do "pacto áureo" foram: Antônio Wantuil de Freitas, presidente da Federação Espírita Brasileira; Arthur Lins de Vasconcellos Lopes, por si e pelo Sr. Aurino Barbosa Souto, presidente da Liga Espírita do Brasil; Francisco Spinelli, pela Comissão Executiva do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita e pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul; Roberto Pedro Michelena; Felisberto do Amaral Peixoto; Marcílio Cardoso de Oliveira; Jardelino Ramos; Oswaldo Mello, pela Federação Espírita Catarinense; João Ghignone, presidente e Francisco Raitani, membro do Conselho da Federação Espírita do Paraná; Pedro Camargo – Vinícius e Carlos Jordão da Silva, pela União Social Espírita de S. Paulo (USE); Bady Elias Curi, pela União Espírita Mineira; Noraldino de Mello Castro, presidente do Conselho Deliberativo da União Espírita Mineira.

25

Disponível

em

<http://jorgehessenestudandoespiritismo.blogspot.com.br/2013/04/luz-na-mente-entrevistou-cesar-perri.html> acesso 29/08/2014

26 Atualmente o CFN é composto pelas Entidades Federativas espíritas de todos os Estados do Brasil e do Distrito Federal, bem como de um quadro de Entidades Especializadas de Âmbito Nacional

27 Os caravaneiros foram Artur Lins de Vasconcelos (PR), que regressou de Recife, sendo substituído por Luiz Burgos Filho (PE), Ary Casadio (SP), Carlos Jordão da Silva (SP), Francisco Spinelli (RS) e Leopoldo Machado (RJ)